

Organizador

Helder Alexandre Medeiros de Macedo

**FAZENDO CIÊNCIA NOS SERTÕES:
Experiências e idealizações no**

SERIDÓ

Editora

**SER
TÃO
CULT**





Helder Alexandre Medeiros de Macedo

É historiador e professor de História, vinculado ao Departamento de História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atua, como docente permanente, nos Programas de Pós-Graduação em História dos Sertões (PPGHC-UFRN) e História e Espaços (PPGH-UFRN).

Organizador

Helder Alexandre Medeiros de Macedo

**FAZENDO CIÊNCIA NOS SERTÕES:
Experiências e idealizações no**

SERIDÓ

Sobral-CE
2023

Caicó-RN
2023

Editora
**SER
TÃO
CULT**


PPGHC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA DO CERES

Fazendo ciência nos sertões: Experiências e idealizações no Seridó

© 2023 copyright by: Helder Alexandre Medeiros de Macedo (org.)

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO
CULT**



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Ana Carolina Eiras Coelho Soares
Andraia Rodrigues de Andrade
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Cicero João da Costa Filho
Cid Moraes Silveira
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
João Batista Teófilo Silva
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves

Revisão

Karoline Viana Teixeira

Colaboração

Fotografias dos separadores das seções 1 e 3:
João Antônio Barbosa
Fotografias dos separadores das seções 2 e 4:
Helder Macedo

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Fotografia da capa

Helder Macedo

Catálogo

Leolph Lima da Silva - CRB3/967



F287 Fazendo ciência nos sertões: experiências e idealizações no Seridó. /
Helder Alexandre Medeiros de Macedo. (Org.). Sobral CE: Sertão
Cult, 2023.

164p.

ISBN: 978-65-5421-053-9 - e-book em pdf

ISBN: 978-65-5421-052-2 - papel

Doi: 10.35260/54210539-2023

1. Ciência. 2. Nordeste- Seridó. 3. Educação. I. Macedo, Helder
Alexandre Medeiros. II. Título.

CDD 500
370



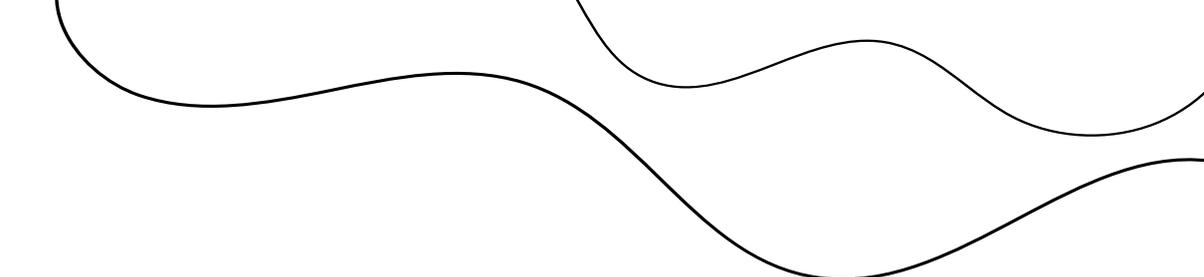
Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Sumário

Apresentação.....	5
Uma identidade sertaneja: leituras do sertão de Oswaldo Lamartine de Faria.....	13
Natália Raiane de Paiva Araújo	
O Club Romeiros do Porvir e a cidade do Crato no alvorecer do Século XX.....	25
Johnnys Jorge Gomes Alencar	
Imagens sertanejas em quadrinhos potiguares (1992-2015).....	37
Filipe Viana da Silva	
Por novos e múltiplos sertões.....	51
Evandro Santos	
Os sertões em/na moda.....	61
Marcelino Gomes dos Santos	
Outras famílias do Seridó: uma proposta para se refletir sobre as mestiçagens no sertão do Rio Grande do Norte.....	73
Helder Macedo	
O sertão a partir do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.....	93
Ledson Marcos da Silva	
Diálogos sertanejos: sertão e alfabetização.....	103
Láisa Fernanda Santos de Farias	
Dissertações defendidas em 2021.....	113
Dissertações defendidas em 2022.....	123
Seridó.....	129
Alda Medeiros	
Matheus Santos	

A história dos sertões em novas perspectivas: contribuições para construção de um campo de pesquisa.....	137
Evandro Santos	
Helder Macedo	
Joel Andrade	
Sobre os autores.....	163



Apresentação

Fazendo ciência nos sertões: experiências e idealizações no Seridó é um livro decorrente de um conjunto de ações realizadas pelo Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGHC-UFRN) com vistas a contribuir com a divulgação científica no semiárido, partindo das investigações desenvolvidas no âmbito do Curso de Mestrado em História dos Sertões. É resultado direto da primeira etapa das ações do projeto *Sertões em foco: História e Educação Científica*, aprovado originalmente no Edital 03/2020, da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN) — convocação de Programas de Pós-Graduação (PPGs) emergentes e em consolidação do Rio Grande do Norte a participarem do Plano de Desenvolvimento da Pós-Graduação da FAPERN. Após aprovado, passou a integrar o conjunto de projetos atrelados ao Edital nº 14/2021-FAPERN — apoio a programas de pós-graduação para o desenvolvimento científico do Rio Grande do Norte, com ênfase em educação científica, energias renováveis e Covid-19 e outros agravos à saúde, com recursos do Governo do Estado, compondo, desse modo, o Plano de Desenvolvimento da Pós-Graduação da FAPERN (2021-2025).

O projeto *Sertões em foco: História e Educação Científica*, como já anunciado, tem como premissa suprir carências, no que diz respeito às ações de divulgação do conhecimento científico realizadas pelo PPGHC-UFRN. O nosso programa mobiliza uma área de concentração em torno do domínio temático da História dos Sertões. Reforçamos, desse modo, a especificidade e a inovação dessa área de concentração, vez que é a primeira, no Brasil, a dedicar-se, explicitamente, ao campo da História dos Sertões enquanto um domínio investigativo.

É tamanha a sua importância que há uma menção expressa, no Documento de Área de História (CAPES), a esse campo. Discutindo a espe-

cificidade dos processos históricos nas diversas regiões do país, o citado documento assevera que “[...] espera-se que um PPGH na Região Norte, trate da história da Amazônia e/ou dos povos da floresta, **ao passo que um PPGH localizado no sertão trate da história das comunidades sertanejas e suas tradições**. E das relações desses objetos com o poder central, com a economia global, com os processos históricos mais amplos”.¹ Isso reforça a importância do PPGHC, pois, no plano mais geral do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) e, também, da pesquisa histórica desenvolvida no contexto brasileiro.

O que observamos, após a implementação do PPGHC, de sua área de concentração e linhas de pesquisa, é que o conhecimento produzido, tanto no período de gestação do programa de pós-graduação (entre 2016 e 2018), quanto após sua implantação (em 2019), ainda não consegue chegar, a contento, justamente para aquelas pessoas sobre as quais os estudos incidem: os homens e mulheres que viveram e vivem nos sertões, os sertanejos. O PPGHC tem investido em um repertório de produtos de divulgação do conhecimento produzido sobre a História dos Sertões, como livros, capítulos de livros, artigos publicados em periódicos, trabalhos apresentados em congressos e publicados em anais, eventos e mesmo cursos de extensão. Todavia, reiteramos que, a despeito da boa intenção do programa, o esforço ainda não chega a um maior público, tanto em função da natureza dos produtos, quanto da linguagem neles encetada.

A proposta do projeto, assim, converge para a área prioritária da Educação Científica, campo da ciência que têm se dedicado à tarefa de compartilhar informações relacionadas à produção do conhecimento científico junto a indivíduos que não são, tradicionalmente, considerados como parte da comunidade universitária, por exemplo. Já na Declaração de Budapeste, de 1999, a UNESCO declarou: “A educação científica, no sentido amplo, sem discriminação e englobando todos os níveis e modalidades, é um pré-requisito fundamental para a democracia e para assegurar-se o desenvolvimento sustentável”.²

A Educação Científica, pois, centra esforços na utilização de novas plataformas e suportes para a disseminação do conhecimento cienti-

1 CAPES. DAV. **Documento de Área — Área 40: História**. Brasília: 2019, p. 3 (grifo nosso).

2 UNESCO. **Declaração sobre a ciência e o uso do conhecimento científico** [Versão adotada pela Conferência Budapeste, 1 de julho de 1999]. [s. l.:], 1999, p. 6. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000111.pdf>. Acesso em: 01 out 2020.

ficamente produzido, em linguagens igualmente acessíveis a públicos amplos, sobretudo para grupos marginalizados no meio científico. Essa disseminação, assim, contribui fortemente para a construção de uma cultura que implique conhecimento, por parte do público em geral, acerca dos avanços, descobertas e inovações, atingindo, ainda, a necessidade de afirmação, mais do que nunca premente, de uma credulidade na ciência.

Para Jorge Werthein e Célio da Cunha, pois, confirmando o que afirmamos anteriormente, a Declaração de Budapeste tem um duplo papel. Por um lado, enuncia que o acesso equitativo à ciência é uma exigência social e ética, tendo em vista o desenvolvimento humano. E, por outro lado, de forma complementar, tem uma relevância para a realização plena do potencial das comunidades científicas de todo o mundo, tendo em vista que, presume-se, a produção do conhecimento, por meio da ciência, deve atingir a sociedade como um todo.³

No caso das Ciências Humanas e Sociais, e da História, em particular, pensamos a Educação Científica como um caminho apropriado e viável para que o conhecimento resultante das dissertações de mestrado possa chegar ao grande público. Na maioria das vezes, tal conhecimento fica restrito aos Repositórios Digitais das universidades, no formato canônico — por vezes, hermético e enquadrado nas normas da ABNT — ou, quando muito, a artigos publicados ou trabalhos publicados em anais de congresso.

Destacamos, também, que os esforços da proposta aqui delineada e os seus resultados estão ligados ao Desenvolvimento do Semiárido. Afastamo-nos, aqui, do entendimento do conceito de desenvolvimento que pressupõe um viés apenas econômico e tecnológico, focando, sobremaneira, no aspecto *humano* do mesmo desenvolvimento. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o conceito de desenvolvimento humano “nasceu definido como um processo de ampliação das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para serem aquilo que desejam ser”.⁴ Não se vê, portanto, como já mencionado, apenas o crescimento econômico. O desenvolvimento humano aposta numa mudança de perspectiva, qual seja, a de que, para

3 ERTHEIN, Jorge; CUNHA, Célio da. A Educação Científica como direito de todos. In: UNESCO (Org.). **Educação Científica e desenvolvimento**: o que pensam os cientistas. Brasília: UNESCO/Instituto Sangari, 2005.

4 PNUD. **O que é desenvolvimento humano**. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-desenvolvimento-humano.html>. Acesso em: 01 out. 2020.

avaliar a qualidade de vida das pessoas, precisamos considerar outras características, sociais, culturais e políticas. Ter acesso à cultura científica produzida em sua região — e, nesse caso, sobre o Semiárido, um dos diversos sertões brasileiros — é, portanto, um processo que permite às pessoas amearhar um capital cultural composto de ideias sobre a história, a memória, as identidades, as materialidades, as subjetividades, ou, dizendo de outra maneira, sobre as vivências humanas nos sertões semiáridos.

O PPGHC, pela própria natureza da sua área de concentração, se traduz enquanto um programa de pós-graduação que tem uma missão ousada: a de procurar consolidar, por meio de sua área de concentração, um domínio temático de estudos não recente, no cenário da ciência brasileira, o da História dos Sertões. Por outro lado, essa tentativa de consolidação do campo, ao estabelecer seu capital científico e cultural, suas regras, sua extensão,⁵ impulsiona uma difusão, em tantos meios quanto possíveis, do novo conhecimento, fruto das investigações que estão sendo realizadas, pelos mestrados, no programa de pós-graduação.

As macroações do projeto, pois, traduzem-se enquanto possibilidades de tornar prática a Educação Científica sobre a História dos Sertões. Iniciamos, no primeiro ano de execução, com as *Conversas Sertanejas*. A proposta original era que, no segundo semestre de 2020, os mestrados do programa, individualmente ou em dupla, sob supervisão de seus orientadores, pudessem discutir os resultados de suas investigações, por meio de uma linguagem acessível ao grande público, sobretudo topificando que novos olhares surgiriam sobre os sertões, enquanto campo de investigação, a partir de suas dissertações. A ideia primeira era que tais *Conversas* pudessem ter sido feitas em espaços públicos, no centro da cidade de Caicó, como a Casa de Cultura Popular e a Biblioteca Pública Olegário Vale. Infelizmente, em função da pandemia de Covid-2019, as *Conversas Sertanejas* ocorreram de maneira remota, no Canal do PPGHC no Youtube, agregando parte da primeira turma do programa e alguns docentes, em substanciais entrevistas sobre seus temas de investigação. Essas entrevistas aconteceram nos dias 06, 08, 09, 10, 13, 14, 16 e 17 de dezembro de 2021, agregando, inclusive, como entrevistadores, pessoas da comunidade, como pode ser visto no Canal do PPGHC no Youtube (<https://www.youtube.com/ppghcufn>). Agradecemos, oportunamente,

5 BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: EDUNESP, 2004.

a Prentice Costa, bolsista de extensão deste curso, pelo suporte técnico durante a realização das entrevistas de modo síncrono.

A primeira parte deste livro, *Experiências*, por conseguinte, materializa o fruto do evento das *Conversas Sertanejas*, ao trazer textos pensados para o grande público acerca do tema tratado nas entrevistas com mestrandos e professores, realizadas remotamente e disponibilizadas no canal do PPGHC no Youtube.

Na segunda seção, *Sinopses*, apresentamos os resumos das dissertações de mestrado defendidas, até o presente momento, no âmbito do programa. Julgamos importante fazer essa divulgação, sobretudo, prestando contas à comunidade dos trabalhos desenvolvidos no Mestrado em História dos Sertões. A íntegra dos trabalhos pode ser acessada no Repositório Institucional da UFRN, por meio do link: <https://repositorio.ufrn.br>.

Sertões e Arte, a terceira seção do livro, apresenta o quadrinho *Seridó*, produzido pelos mestrandos Alda Medeiros (arte e roteiro) e Matheus Santos (roteiro), que propõe uma leitura dos temas das suas investigações em curso, acerca da história colonial da Ribeira do Seridó e os ecos da colonialidade nas representações contemporâneas sobre esse passado. É uma aposta, aqui, de dar visibilidade a novas pesquisas sobre a História dos Sertões transmutadas na linguagem artística dos quadrinhos, para públicos que não necessariamente orbitam o cenário acadêmico.

A última seção do livro, *Idealizações*, apresenta um importante marco na construção da área de concentração em História dos Sertões. Trata-se de um ensaio produzido por Evandro Santos, Helder Macedo e Joel Andrade, professores do Departamento de História (CERES-UFRN) e do Eixo de Teoria, Metodologia e Pesquisa Histórica, apontando a historicidade do conceito de sertão (ou sertões), a polissemia dos seus sentidos e a potencialidade desse domínio temático para se fortalecer enquanto campo privilegiado de investigação científica. O texto foi gestado a partir de 2016, com a criação do Grupo de Pesquisa História dos Sertões, e constituiu parte da proposta do Mestrado Acadêmico em História, submetida em 2017, via Aplicativo de Cursos Novos (APCN) à CAPES — que foi aprovada e resultou no PPGHC.

Boa leitura!

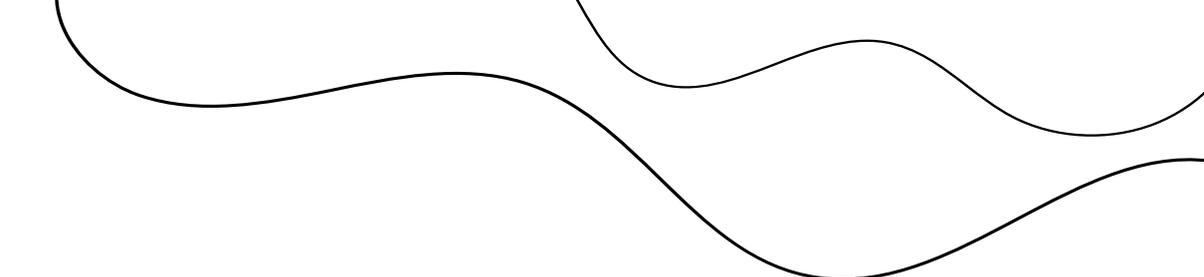
Helder Macedo
Coordenador do PPGHC-UFRN

Parte 1

Experiências



A fotografia de João Antônio Barbosa (2018) retratando uma aula de campo da disciplina de Introdução ao Estudo da História (ministrada pelo Prof. Helder Macedo) e de Metodologia do Trabalho Científico (ministrada pelo Prof. Thiago Alves), do curso de História (CERES-UFRN), realizada no Açude Recreio, em Caicó.



Uma identidade sertaneja: leituras do sertão de Oswaldo Lamartine de Faria

Natália Raiane de Paiva Araújo

Carrego na memória as lembranças de uma menina que sempre buscou e lutou através dos estudos por uma mudança de destino, e bem no seu coração, o sonho de um dia cursar uma universidade. Foi no ano de 2010, há 11 anos, que eu ingressava no Ensino Superior, no Curso de História — Bacharelado, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tinha acabado de concluir o Ensino Médio e feito o primeiro vestibular, não entendia bem sobre universidades e cursos, entre os quais escolhi o de História. Ao chegar ao primeiro ano de universidade, recebi os primeiros impactos, ao lidar com algo novo e totalmente diferenciado dos aprendizados do Ensino Fundamental e Médio.

O campus da UFRN na cidade do Caicó foi o escolhido para cursar a faculdade, por ser uma cidade vizinha a Jardim de Piranhas, onde eu morava e passava o dia trabalhando. À noite, durante quatro longos anos, viajava no ônibus escolar para o meu destino. Foram muitas idas e vindas, muitas pessoas chegavam e partiam, mas lembro a sensação de ter um sonho se tornando realidade: fazer um curso superior para ter melhores condições de vida e sair pelo mundo, para longe daquela região, onde não me sentia pertencente. Fui a primeira na família a concluir o Ensino Superior, numa cidade onde não existem muitas perspectivas em relação a estudos e onde o investimento é no trabalho sem condições mínimas de suporte (como uma carteira assinada, por exemplo).

Quando falo região me refiro ao Seridó e à cidade na qual nasci e cresci, onde tinha a impressão de que não me encaixava, pois alimentava ambições maiores, ou o velho sonho de que as oportunidades não seriam

maiores vivendo naquele local. Ao longo do curso, minha perspectiva mudou um pouco e o meu olhar para o Seridó também mudou: foram aprendizados e estímulos por parte dos professores para estudos voltados à nossa região, ao que é caracterizado como Sertão do Seridó, no interior do Rio Grande do Norte — sertão esse sobre o qual o Curso de História vem, até os dias atuais, atuando de forma efetiva para a construção de uma história local e regional do espaço.

Mas foi no final do curso que meu olhar em direção ao espaço vivido mudou totalmente e vem sendo redirecionado. Para a conclusão do Bacharelado em História, eu teria que escrever um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e o primeiro passo seria a escolha de um tema, dentre todo o apanhado que havia visto e ouvido durante a graduação. Eu tinha minhas escolhas um pouco aleatórias: gostava muito de historiografia, principalmente do Brasil e do Rio Grande do Norte, o que me fez escolher falar e escrever sobre esse espaço. Diante de inúmeras possibilidades, a professora Juciene Batista Félix Andrade me apresentou o livro *Sertões do Seridó* (1980), do autor Oswaldo Lamartine de Faria.

Ao ler a obra, totalmente voltada para o espaço do sertão seridoense, comecei a me identificar pela primeira vez com as práticas culturais abordadas por Oswaldo Lamartine em sua obra, que, por mais que se voltasse para o meio rural, trazia simbolismos e caracterizações que retratavam e ainda retratam o viver na região, mesmo que ao longo do tempo alguns desses símbolos tenham sido ressignificados.

Desse modo, apresentarei o autor da estimada obra. Oswaldo Lamartine nasceu em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, no dia 15 de novembro de 1919, onde também faleceu, em 2007, ao cometer suicídio. Era filho caçula do casal Juvenal Lamartine de Faria e Silvina Bezerra de Araújo Galvão, ambos de linhagens renomadas no Sertão do Seridó, com inclinações políticas — inclusive seu pai governou o estado. Em Natal, onde passou grande parte da infância, já relatava seu contato com a natureza, nos quintais e mangueirais repletos de árvores frutíferas na companhia de amigos e colegas da rua Trairi.

Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956), pai de Oswaldo Lamartine, tem linhagem na cidade de Serra Negra do Norte-RN, região do Seridó potiguar. Clementino Monteiro de Faria, pai de Juvenal e avô de Oswaldo, foi chefe político da cidade, já desempenhando seu papel antecessor de coronel naquelas regiões, pois era dono de muitas terras.

O filho seguiu o legado político e no estado do Rio Grande do Norte, por ter desempenhado a função de deputado, senador e governador. A mãe de Oswaldo, Silvina Bezerra de Araújo Galvão (1880-1961), era filha do coronel Silvino Bezerra de Araújo Galvão (1836-1922), chefe político na cidade de Acari-RN, mas não seguiu os passos familiares, embora estivesse sempre ao lado do seu esposo, o que podemos supor, devido à época, que o casamento também se deu por alianças políticas e econômicas. Desse modo, percebemos que Oswaldo Lamartine tinha uma família influente no Rio Grande do Norte, sempre ao lado de pessoas ilustres e com boa educação.

Na infância, foi alfabetizado por professores particulares, como muitos na época, que pertenciam ao seu grupo social abastado. Estudou no Colégio Dom Pedro II, fundado pelo professor Severino Bezerra (1888-1971) em Natal. Também estudou em internatos, no Ginásio de Recife do Padre Felix Barreto, e, posteriormente, no Instituto Lafayette no Rio de Janeiro, de 1929 até 1937. Por fim, teve sua formação superior na Escola Superior de Agronomia em Lavras, Minas Gerais. A sua educação foi aferida aos filhos de pessoas influentes da época, onde não se tinha educação para todos, só para aqueles com algum pecúlio. E o gosto pelas coisas do sertão se deu muito por intermédio de seu pai, que escreveu algumas obras também sobre esse espaço, intituladas *Patriarcas Seridoenses* (1965) e *Velhos Costumes do meu Sertão* (1965).

A família Faria possuía várias fazendas do Rio Grande do Norte. Entre elas citamos duas localizadas na região do Seridó: Cacimbas, em território de Serra Negra do Norte, onde Oswaldo Lamartine passou sua infância, e Ingá, no município de Acari. A fazenda Lagoa Nova, em São Paulo do Potengi, localizada na região Agreste do estado, foi palco de experiências com alguns dos mestres de ofício que inspiraram seus escritos, como, por exemplo, pescadores e caçadores. Apesar de não ser considerada sertão, foi noutra localidade que Oswaldo Lamartine viveu experiências culturais ligadas ao mundo rural: a fazenda Acauã, no município de Riachuelo, localizado na região Agreste do estado. Terminou seus dias em um apartamento na capital do Rio Grande do Norte, local de seu suicídio.

O livro *Sertões do Seridó* (1980) é uma reunião de obras anteriormente publicadas. São elas: *A caça nos Sertões do Seridó*, publicado em 1961 pelo Serviço de Informação Agrícola; *O ABC da Pescaria de Açu-*

des no Seridó, publicado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais no ano de 1961; *Algumas Abelhas dos Sertões do Seridó*, publicado pelo Instituto de Antropologia da UFRN em 1964; *Conservação de alimentos nos Sertões do Seridó*, publicado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, em 1965; e, por fim, *Açudes dos Sertões do Seridó*, publicado em 1978, pela Coleção Mossoroense e, posteriormente, pela Fundação José Augusto.

As histórias são contadas em suas obras por meio de relatos vividos pelos habitantes do sertão e das reminiscências do próprio autor. Os relatos perpassam o meio em que vivem os sertanejos, a forma de dominação da natureza e o que dela podem extrair: a cultura, as credences, a religiosidade e a colheita são indícios do que encontramos nas obras em estudo. Quando o autor escreve, ele torna a natureza o seu ambiente cultural, pois o homem tira da natureza os elementos necessários para a formação do espaço de identidade e dominação do seu meio.

Os sentimentos de dor, saudade e amor estão subjetivamente entrelaçados aos escritos de Oswaldo Lamartine, pois existem laços que o unem ao meio, que vão desde o contato com a natureza até as raízes mais profundas, que são a sua genealogia. Por isso sua tentativa de reviver aquele espaço através de sua escrita e sua crítica à modernidade, no sentido de que fossem preservadas as tradições por ele vivenciadas. A tese de Marize Lima de Castro, intitulada *Areia sob os pés da alma: uma leitura da vida e obra de Oswaldo Lamartine de Faria* (2015), aborda toda a trajetória de vida do escritor entrelaçando suas obras. Marize Castro conta muitos detalhes da vida de Oswaldo Lamartine, principalmente fatos familiares que ocorreram em sua vida e o levaram a escolher a temática dos Sertões do Seridó para sua escrita.

Portanto, fatores internos e externos vivenciados por Oswaldo Lamartine, ao longo de sua vida, o fizeram optar por caminhos anteriormente traçados, quando se reporta à trajetória de seu pai e amigos. A sua vida era não muito distante da nossa, teve seus altos e baixos e a escrita, se é possível dizer, foi o seu ponto de escape, falando sobre algo que trazia boas lembranças e que o atinava a resguardar aquelas memórias.

Oswaldo Lamartine, então, escolheu o viés natural para falar do sertão, pois desde criança teve profundo contato com a natureza e carregava consigo essa memória. Nesse sentido, também escolheu estudar sobre a natureza: quando se graduou em Agronomia, não foi uma escolha alea-

tória, foi uma junção de diversos aspectos que construíram o escritor, a sua obra e o leitor. Fazendo um estudo antropológico, etnográfico, sociológico, e, entre outros, historiográfico, na região do Seridó.

Apesar de delinear o espaço sertanejo em seus escritos, Oswaldo Lamartine apresenta na escrita uma perspectiva de fora para dentro, pois escreve longe do espaço sertanejo. Ele teve contato com aquele mundo ao longo de sua vida no Seridó, mas nunca morou efetivamente na região; por mais que tenha linhagem local e sua escrita seja voltada a esse espaço, não residiu, mas experienciou esse espaço. E foi na sua experiência que desenvolveu todo seu apanhado de estudos.

Uma questão que sempre me veio à cabeça foi o amor expresso pelo escritor pela região em seus escritos. Como alguém amava tanto uma região em que nunca morou? Como sabia tanto sobre as plantas e bichos? Que perspicácia ele tinha para escrever sobre os modos de dominação do homem sobre a natureza regional? Por que não falar sobre as secas na região?

São questões que sempre me faço quando estou absorta em suas obras: Oswaldo Lamartine escreveu a partir de um sertão natural, sem mazelas. Mesmo que a adversidade do próprio bioma leve o espaço natural à sequidão, o autor mostra que se trata apenas do bioma natural que compõe a região. Uma leitura totalmente adversa da que estamos acostumados sobre a nossa própria região. Não paramos para observar os pequenos detalhes, e julgamos com base naquilo que nos instiga a pensar sobre a caatinga.

Hoje, diante de muitas leituras que já fiz sobre a caatinga, ainda não consigo identificar e diferenciar plantas e animais regionais. E você? Imagine você, leitor, reconhecer as mais variadas plantas, quer seja por folha ou fruto, tamanho e cor, e da mesma forma identificar os animais e as aves apenas pelo canto — isso é muito instigante, é conhecer o seu próprio bioma. Voltando ao início, essas questões me refizeram como sertaneja, pois se antes não tinha aquele sentimento de identificação com o local, ao passar a estudar sobre a região, e especialmente, ao ler a obra de Oswaldo Lamartine, o sentimento de amor à terra e ao meu ser(tão) foram ressignificados.

Olívia Morais de Medeiros Neta, em sua dissertação de mestrado *Ser(tão) Seridó em suas cartografias espaciais* (2007), mostra, na página

34, o delineamento que os autores Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine fazem sobre o Seridó, ao narrarem em seus escritos não somente acerca de elementos como o homem sertanejo e a natureza, mas fazendo uma leitura do espaço de si, colocando o eu dentro da escrita, tornando-o um espaço saudoso e de memória:

As obras de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constituem-se em um corpo escrito, uma nova vida para si, uma recriação a si mesmo, dando ao seu *eu* poético uma voz que iria ecoar através da historiografia; seja passando de um espaço estriado pelas marcas pessoais, hereditárias, marcas de família, para um espaço liso que perdia suas marcas de família, para um espaço liso que perdia suas marcas, um espaço onde o anonimato vem (de)marcar um tecido que apresenta estampas ordenadas e deixa sua função de estria, para em conjunto constituir um espaço liso.

Esses homens, através dos seus discursos, tornaram o espaço do Sertão do Seridó um espaço visível e dizível através de sua escrita, marcando o território que narram, dando uma fisionomia ao local, criando um espaço de luta do *homem-terra*, como colocado pela autora. É através da construção da paisagem que se tem o espaço de luta, marcado pela superação dos desafios impostos pela dualidade entre o homem e seu meio, como na citação abaixo, na página 83 da mesma dissertação:

O Seridó pensado como espaço de luta é o da natureza, é toda paisagem que, como cenário desafia a presença e a convivência do homem. É o palco da encenação dos atos, dos combates entre homem e natureza. Mesmo o Homem-Terra que pensa o espaço a partir de identificações, de efetivações é provocado a com ela duelar, é o duelo não do mais forte, mas da produção de meios viáveis à superação de desafios.

Dessa forma, o espaço sertanejo é projetado na natureza hostil, onde a difícil dominação do homem ao meio acontece, pois os problemas hídricos enfrentados pela sociedade dificultam totalmente a vida do homem nesse lugar. E aqueles que sobrevivem nesse espaço são caracterizados segundo sua natureza, pois deve-se buscar soluções junto ao que

a natureza oferece para o seu desenvolvimento. As práticas exercidas pelos sertanejos no meio ambiente viabilizam a sobrevivência na região, apresentando-se um saber-fazer do que é imposto pela natureza.

O homem sertanejo destaca-se por sua força e coragem para lutar contra o meio, pois diante de uma natureza hostil, que se apresenta com as caracterizações próprias do bioma, desenvolve meios de sobrevivência nesse ambiente, adaptando-se, pois não é possível controlar os fenômenos naturais, apenas tentar se reinventar a cada acontecimento. É justamente nesse sentido que o homem que habita o sertão é caracterizado segundo a natureza que o cerca, pois, diante de um ambiente inóspito, segundo a visão, escrita e divulgação sobre o espaço, o sertanejo se torna indissociável de sua natureza.

Essa concentração de temas em volta do homem sertanejo, objetos, culturas, natureza, modernidade, relacionando o sertão ao tempo, à história e à memória de Oswaldo Lamartine, trazem muitos *insights* que constroem e reconstróem a História do sertão seridoense, trazendo subjetividade e ao mesmo tempo “veracidade” aos fatos, um detalhamento do espaço com o uso de imagens poéticas e simbolismo, a partir das práticas culturais exercidas pelos sertanejos. Vemos, então, novamente com a dissertação *Ser(tão) Seridó em suas cartografias espaciais*, de Olívia Neta, na página 82:

As práticas culturais apresentadas em suas narrativas mostram um sertanejo sedentário, a partir de explicações práticas do seu dia a dia, traz também curiosidades e episódios interessantes acerca dos temas, enfatizando sempre a geografia local. Quem lê as obras de Lamartine se transporta ao tempo e espaço em que ele fala a partir principalmente do seu depoimento pessoal, despertando nos sertanejos o sentimento de efetividade e memória coletiva, pois todos se sentem parte deste meio. A paisagem como indicador das relações entre os homens e o ambiente é uma produção dos sentidos pensados. Configuram-se para o Seridó páginas e paisagens em que o espaço é envolvido pelas secas e o homem é instigado a conviver, vencer as intempéries do espaço.

As práticas exercidas pelos sertanejos, como a caça, a pesca, entre outras, são elementos definidores do espaço em que vivem. É a paisagem

que liga o homem e a natureza, definindo seu espaço. Oswaldo Lamartine, então, dá forma a esse espaço de afetividade e memória pessoal, que se transforma em memória coletiva quando o leitor interage com os seus escritos, pois em sua obra vemos a configuração do espaço do Sertão do Seridó a partir de sua paisagem, onde os elementos paisagísticos e a figura do sertanejo são entrelaçados ao meio em que vivem.

Desse modo, busquei nas obras de Oswaldo Lamartine problematizar a sua vida entrelaçada à escrita, fazendo uma análise da construção do espaço do Seridó em seus escritos a partir da utilização da paisagem e do homem sertanejo. Sua escrita é uma tentativa de registrar as tradições para que não se percam, tentando preservar a paisagem sertaneja através de memória e pesquisa, utilizando também em suas obras imagens, o que autentica a sua escrita. Mostrando sua identidade em seus escritos através da linguagem da terra, entrelaçada ao discurso sobre o Seridó. Uma identidade perdida que tenta ser resgatada através da escrita, principalmente por ter vivido muitos anos longe das terras sertanejas, como já relatado.

Dentro desse apanhado encontrado em Oswaldo Lamartine de Faria e suas obras, concluí o curso de Bacharelado em História no ano de 2013 com o TCC intitulado *Pelas memórias de Oswaldo Lamartine: artes de fazer nos “Sertões do Seridó”*, em que analisei as práticas cotidianas da caça, da pesca e da conservação dos alimentos feitas pelos sertanejos no ambiente rural. Relaciono as memórias do autor e a cultura presente nos sertões ao modo como o sertanejo domina e se mantém diante da natureza, o que o fez também produzir o que hoje denominamos patrimônio cultural, ou seja, a produção artesanal de suas comidas. Por exemplo, o modo de se fazer queijo de coalho e manteiga se diferenciam dos modos de produção de determinadas regiões do país, principalmente quando se trata de sabor e de durabilidade.

No ano de 2017, veio a Especialização em História dos Sertões, na UFRN, na qual continuei com o mesmo objeto de estudo, mas em perspectiva diferente. O tema proposto foi *O Sertão de nunca mais: natureza e modernidade em Oswaldo Lamartine de Faria (1960-1980)*. Analisei os discursos do autor enfocando a natureza e a modernidade presentes nos seus escritos, concluindo, assim, que ele enaltece a natureza seridoense, e faz uma crítica à modernidade no sentido de que esta rompe com as tradições vividas por ele nos sertões de outrora, como também a perda

da fauna e flora sertaneja devido à sua exploração. O autor manifestava-se a favor do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNO-CS) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), como instituições modernas devido à preservação do espaço natural. Enaltecia sempre um sertão nostálgico, longe das consequências das secas periódicas que tanto mudaram o espaço.

Em 2019, veio a aprovação no Mestrado em História dos Sertões, que concluí em 2022 com a temática *Os Sertões Naturais sob as lentes de Oswaldo Lamartine de Faria (1940-1980)*. Continuei com o mesmo objeto de estudo, mas explorando, ainda mais, as questões ambientais que envolvem o Sertão do Seridó e o seu bioma, a caatinga, apresentando o autor e todo seu conhecimento acadêmico e leigo, levando-o a escrever sobre o sertão seridoense, mostrando que a natureza desse espaço não deve ser hostilizada por causa das tessituras que remontam a tempos antigos, construindo a imagem da região. É preciso, antes, buscar entender a caatinga como um bioma original brasileiro, que precisa de incentivos e desenvolvimento para o melhoramento da região e cuja natureza não é culpada, nem a região castigada, e todas as outras tipologias que envolvem este espaço.

Todo esse processo de crescimento intelectual e pessoal que passei até hoje me fez mudar totalmente minha visão sobre o Sertão do Seridó, como já mencionado: nunca mais olharei uma planta xerófila com o mesmo olhar. As aves têm suas funções, o sol e as chuvas — toda a composição natural do meio tem o seu potencial. E, ao mesmo tempo que me perdi, também me encontrei na História dos Sertões, e te desafio a fazer o mesmo.

Referências

ARAÚJO, Natália Raiane de Paiva. **“O sertão de nunca mais”**: natureza e modernidade em Oswaldo Lamartine de Faria (1960-1980). 2018. 71 f. Monografia (Especialização) — Curso de Especialização em História dos Sertões, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2018.

ARAÚJO, Natália Raiane de Paiva. **Os sertões naturais sob as lentes de Oswaldo Lamartine de Faria (1940-1980)**. 2022. 105 f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História [História dos Sertões], Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2022.

ARAÚJO, Natália Raiane de Paiva. **Pelas memórias de Oswaldo Lamartine: artes de fazer nos Sertões do Seridó**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) — Departamento de História do Centro de Ensino Superior do Seridó, Caicó/RN, 2013.

CASTRO, Marize Lima de. **Areia sob os pés da alma: uma leitura da vida e obra de Oswaldo Lamartine de Faria**. 2015. 100f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FARIA, Juvenal Lamartine de. **Patriarcas Seridoenses**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

FARIA, Juvenal Lamartine de. **Velhos Costumes do meu Sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **A caça nos sertões do Seridó**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola 1961.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **A.B.C. da pescaria de açudes no Seridó**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Algumas Abelhas dos Sertões do Seridó**. Natal: Instituto de Antropologia da UFRN, 1964.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Conservação de alimentos nos Sertões do Seridó**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1965.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Açudes dos Sertões do Seridó**. Natal: Fundação José Augusto, 1978.

MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. **Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais**. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

Para saber mais

CAMPOS, Natércia. **Em alpendres d'Acauã, Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria**. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC — Natal: Fundação José Augusto, 2001.

SANTOS, Evandro. Memória, escrita de si e identidade nos sertões: ensaio sobre a busca por novas alteridades nas fronteiras. **Projeto História** (PUCSP), São Paulo, v. 69, p. 347-381, set./dez. 2020.

SEREJO, Vicente; VIANA, Graco Aurélio Melo; MACEDO Helton Rubiano de (Org.). **O Sertão de Oswaldo Lamartine:** Volume 1. EDUFRN: Natal, 2022.

SEREJO, Vicente; VIANA, Graco Aurélio Melo; MACEDO Helton Rubiano de (Org.). **O Sertão de Oswaldo Lamartine:** Volume 2. EDUFRN: Natal, 2022.

SEREJO, Vicente; VIANA, Graco Aurélio Melo; MACEDO Helton Rubiano de (Org.). **O Sertão de Oswaldo Lamartine:** Volume 3. EDUFRN: Natal, 2022.

SEREJO, Vicente; VIANA, Graco Aurélio Melo; MACEDO Helton Rubiano de (Org.). **O Sertão de Oswaldo Lamartine:** Volume 4. EDUFRN: Natal, 2022.

SEREJO, Vicente; VIANA, Graco Aurélio Melo; MACEDO Helton Rubiano de (Org.). **O Sertão de Oswaldo Lamartine:** Volume 5. EDUFRN: Natal, 2022.

SOBRAL, Gustavo. **O sertão de Oswaldo Lamartine:** a biografia de uma obra. Natal: Caravela Selo Cultural, 2018.

O Club Romeiros do Porvir e a cidade do Crato no alvorecer do Século XX

Johnnys Jorge Gomes Alencar

Ao Club Romeiros do Porvir pertencem moços que prometem ser no futuro, daqui há alguns anos apenas, braços fortes que hão de sustar a espada jornalística defensora intransigente desse torrão de gloriosas tradições no Brasil (Emilio Brigido, *Jornal A Liça*, 1903)

A palavra “romeiros”, quando pronunciada no Cariri cearense, é facilmente associada à cidade de Juazeiro do Norte, ao Padre Cícero Romão Batista e aos seus fiéis, os romeiros de “Padim Ciço”, que enchem as ruas de Juazeiro desde o “milagre” ocorrido nos anos finais do século XIX. No entanto, este é sobre os Romeiros do Porvir, da cidade do Crato.

Embora a palavra “romeiro” tenha sua origem no latim para se referir aos peregrinos que iam em romaria religiosa até Roma, com o tempo ela passou a significar também a devoção que em torno de algo ou alguém. O Club Romeiros do Porvir não se tratava de uma associação religiosa, de um lugar de devoção aos santos e/ou à Igreja. Era um grêmio literário, uma associação cultural, e assim, pudemos entender que, se houve algum ato de devoção, foi o culto às letras, às artes e aos projetos de um Crato como “cidade futura”.

Mas, então, quem eram os “Romeiros do Porvir”? Na intenção de responder essa pergunta, os membros do próprio grupo se apresentaram: “somos moços marchamos para o futuro” e ainda se consideravam uma “turma de clubistas”. Os trechos foram retirados do primeiro número

d'A *Liça*, jornal editado pela agremiação em 1903, consultado no arquivo da Biblioteca Menezes Pimentel, situada na cidade de Fortaleza-CE. Ainda assim, essa resposta não contempla de forma satisfatória nossa questão. Na tentativa de apontar uma definição mais detalhada, procuramos em escrever algumas páginas, que, para além de apresentar o nome de alguns daqueles que foram membros, permitissem pensar algumas das ações do grupo e contribuições para construção da cidade do Crato ao nascer do século XX. Cabe destacar que esse grupo se organizou em uma cidade do sertão cearense, num contexto em que a palavra sertão significava, entre outras coisas, atraso. A dimensão do porvir (o futuro/o que há de acontecer) também foi elemento importante ao ajudar construir a ideia de um espaço em processo de civilização, desenvolvimento, crescimento — por isso, afastando-se cada vez mais do espaço sertanejo.

Na transição do século XIX para o XX, período que contempla a fundação do Club, no ano de 1900, o grupo se configurou como um dos espaços de sociabilidade mais notáveis na cidade do Crato. Espaço de sociabilidade entendido por nós como lugar de reuniões, encontros, conversas, brincadeiras e distrações. Desse modo, para além dos sócios e membros da diretoria do Club, que se reuniam semanalmente aos domingos para tratar de questões internas e de organização, o grupo ainda mantinha atividades abertas ao público mais amplo, caso das apresentações de peças de teatro e revista de costumes, das exibições de filmes e do acesso à Biblioteca Popular.

É importante destacarmos, portanto, que o Club Romeiros do Povir não foi o único espaço de sociabilidade naquele momento. Segundo Paulo Elpidio de Menezes, intelectual e memorialista que viveu na cidade do Crato nas décadas finais do século XIX, ao escrever seu livro de memórias *O Crato de meu tempo* (1985), destacou, ao fazer referência àquele período, a existência de casas de bilhar, teatro e boticas (farmácias), verdadeiros pontos de encontro e discussões, onde se organizavam, inclusive, grupos de intelectuais e políticos.

Nesse mesmo período, também ocorria a construção de discursos que identificavam o Crato como cidade da cultura. Na verdade, segundo Antonia Otonite Cortez, historiadora que estudou como se construiu essa percepção em sua dissertação intitulada *A Cidade da Cultura* (2000), desde a segunda metade do século XIX a cidade do Crato começou a elaborar para si a ideia de lugar com fundamental importância na forma-

ção cultural e intelectual do Cariri cearense, colocando-se como núcleo disseminador de um projeto civilizador para a região. Para isso, os habitantes do Crato se valeram de alguns fatos que colocavam a cidade na condição de pioneira e de “superioridade” em relação a outras cidades do Cariri cearense, como o fato de ser uma das primeiras freguesias criadas na região, primeiro povoado a ser elevado à condição de vila, ter sido cabeça de comarca no sul do Ceará, entre outros elementos que ajudavam a construção dessa ideia. O reconhecimento dessas unidades político-administrativas, concedidas ao Crato, fez com que gozasse de certa autonomia, quando se tornou vila; mas também de um lugar que exercia jurisdições (exercício de poder judiciário) sobre localidades vizinhas, quando cabeça de comarca.

No entanto, ainda mantendo diálogo com o trabalho realizado por Otonite Cortez, destacamos que um dos principais marcos civilizadores nesse período foi a inauguração do Seminário de São José no ano de 1875. Para além de representar uma identidade para a cidade em consonância com Igreja Católica e com a civilidade cristã, foi uma importante instituição de ensino, principalmente na formação dos filhos das famílias ricas do Crato e do seu entorno. Mas, para além das instituições de ensino no Crato, que também ajudavam a construir o discurso de cidade civilizada e culturalmente edificada, era comum que alguns membros dessa elite cratense fossem enviados para Fortaleza, Recife e Salvador a fim de se formar e conseguir o grau de bacharel. O retorno desses sujeitos que deveriam chegar com o título de bacharéis também era entendido como elemento de engrandecimento cultural e intelectual para a cidade.

A fundação do Club Romeiros do Porvir em alguma medida também é fruto desse movimento. Como exemplo, podemos citar o caso de Manuel Belém de Figueiredo. Filho do Cel. José Belém de Figueiredo, chefe político local dos anos finais do século XIX até 1904, foi um desses rapazes que seguiu para Recife com a finalidade de cursar Direito na famosa faculdade recifense. Desse deslocamento, a amizade que Manuel Belém estabeleceu com Soriano de Albuquerque é vista por Raimundo de Oliveira Borges, por exemplo, como importante serviço prestado à cultura do Crato. Pois, foi sob a indicação de Manuel Belém que seu pai, José Belém, convidou Soriano para ser Juiz Substituto no Crato.

Soriano de Albuquerque (Figura 01), que era pernambucano, foi um dos principais membros fundadores do Club Romeiros do Porvir. Ba-

charel pela faculdade de Direito de Recife, em 1899, chegou à cidade do Crato no ano de 1900 para ocupar o cargo de Juiz Substituto. Na cidade do Crato, além de fundar o Club Romeiros do Porvir, fundou o Colégio Leão XIII, foi redator do jornal *A Cidade do Crato*, entre outras atividades que exerceu. Sua contribuição ao grupo teve maior força nos primeiros anos da agremiação, pois esteve à frente daquele grêmio entre os anos de 1900 e 1902, destacando-se por sua atuação na imprensa, na educação e no mundo das artes.

O Club Romeiros do Porvir, enquanto instituição, infelizmente não deixou nenhum acervo documental em que possam ser consultadas as produções artísticas/intelectuais dos membros do grupo, nem os documentos administrativos que regiam e estruturavam o grêmio. Assim, não sabemos o nome de todos os membros da agremiação durante o período que esteve em atividade. Conseguimos encontrar algumas ocorrências que valem a pena ser citadas. Foram membros do grupo, por exemplo, Soriano de Albuquerque, José Alves de Figueiredo (Zuza da Botica), Edilson Sucupira, Luiz Teixeira de Alcântara, Isaías Pereira, Joaquim F. de Lima, Ernesto Piancó, Antonio Milfont Amorim, Joaquim Tavares Campos, João de Lima e Silva, João Vianna Monteiro, Joaquim Francisco de Lima, Antonio Nogueira Pinheiro, Arthur Barros Cavalcante, João Bezerra de Menezes, José Hollanda Bastos, Antonio de Oliveira, José Mendes, Antonio Belém Sobrinho, José Bemvenuto de Figueiredo, Raimundo Gomes de Matos, Celso Gomes de Matos, Teófilo Siqueira, Manuel Belém de Figueiredo, Celso Rodrigues, Raimundo Norões, Antonio Norões, Henrique Teles e Francisco da Franca. Aos leitores deste texto que moram e/ou conhecem a cidade do Crato, é fácil associar vários desses nomes e sobrenomes, hoje estampados nas ruas, escolas, praças e nas “famílias tradicionais”. Por exemplo: Soriano de Albuquerque nomeia uma rua no Bairro do Pimenta; José Alves de Figueiredo denomina uma escola no Bairro da Vila Alta e a avenida que passa ao lado do canal do Rio Granjeiro. E tantos outros, entre os citados, também são nomes de ruas e praças espalhadas pela cidade.

Os membros do grupo estavam organizados entre diretoria e sócios. Na composição da diretoria, os “cargos” ocupados por cada um desses dentro da agremiação variavam bastante, pois existia uma certa circularidade na organização do grupo, visto que existiam eleições quadri-mestrais para ocupar os postos de: Presidente, Primeiro Vice-presidente, Segundo Vice-presidente, Primeiro Secretário, Segundo Secretário,

Tesoureiro, Bibliotecário, Diretor, Procurador e oradores efetivos (num total de dois). A diretoria, composta por 11 integrantes efetivos, era responsável também por propor novas atividades para compor a agenda do grêmio durante o período do mandato.

No entanto, os moços membros daquela agremiação não se organizaram em torno do grupo por acaso, pois existia o sentimento de que era necessário organizar um espaço de sociabilidades para conviver a partir de interesses comuns, como discutir e escrever literatura, realizar leituras, encenar peças de teatro etc. Os laços de amizades, relações políticas, ocupação de cargos “apadrinhados” e reuniões de família facilitaram e permitiram com que aqueles moços se encontrassem e frequentassem círculos sociais em comum. Era o caso de alguns dos filhos das tradicionais famílias cratenses que moravam no perímetro urbano e participavam de uma vida cultural em comum, antes mesmo de comporem o quadro de sócios dos Romeiros do Porvir; por exemplo, a instrução de primeiras letras, as conversas nas calçadas e as brincadeiras nos espaços públicos.

Além dos cargos da diretoria, que estavam diretamente ligados à organização e manutenção, alguns membros ficavam responsáveis por desenvolver atividades mais específicas frente ao trabalho mantido pelo grupo: caso do teatro, do jornal e da biblioteca. Destacamos o bibliotecário, João de Lima e Silva; o diretor da companhia teatral, Joaquim Tavares Campos; e o redator do Jornal *A Liça*, José Alves de Figueiredo (Zuza da Botica). Esses moços “intelectuais” estiveram à frente dessas atividades, muitas vezes, independentes da direção, que ocupava os cargos mais burocráticos. Acontecendo de, além de desenvolverem tais funções, também estarem, ao mesmo tempo, ocupando cargos na diretoria do Club.

O fato de os tratarmos enquanto “intelectuais” foi uma das formas que encontramos de atribuir um significado específico aos rapazes do Porvir e às ações que eles desenvolveram ao alvorecer do século XX. Por intelectuais, entendemos os sujeitos que criam e circulam informações, produtos, ideias e projetos a partir dos lugares que ocupam. Da mesma forma, aqueles que assumem pontos de intervenções e destaque, buscando implementar projetos com finalidades coletivas e operando uma certa noção de engajamento com a sociedade e com a coisa pública, por exemplo.

Dentre as atividades realizadas pelo grupo, chamou atenção especial o trabalho jornalístico a partir do jornal *A Liça*, publicado no ano de

1903. Os temas tratados nos artigos dos jornais e/ou em algumas das encenações teatrais das revistas de costumes, por exemplo, diziam a respeito à cidade do Crato, aos próprios intelectuais, mas, também, sobre a região do Cariri cearense, inclusive como espaço rico, civilizado e oposto ao sertão. A consulta e leitura do jornal *A Liça* também foi muito importante para nos aproximarmos dos Romeiros do Porvir, pois, por meio da publicação desse jornal, pudemos ter um contato mais próximo com a agremiação, com seus membros, com os projetos e ideias discutidos.

O jornal era impresso em quatro páginas e organizado em três colunas. Não conseguimos identificar quais as dimensões físicas em que o jornal circulou e em que o tipo de papel foi impresso, pois tivemos acesso apenas a uma versão disponível em microfilme. Mas apresentamos uma imagem digital (Figura 02), que dá minimamente acesso ao seu formato editorial, organização das colunas, layout, cabeçalho e até mesmo as letras tipografadas no papel.

Ao estudar o jornal, tivemos contato com os conteúdos, informações e produção intelectual mediada pelo grupo, mas foi importante entender que o próprio jornal também serviu como um espaço de sociabilidades, tanto quanto o próprio Club literário. *A Liça* tinha como lema “Tudo pela Pátria”; o lema fazia menção à crença na recente República Brasileira, que havia sido proclamada no ano de 1889. O jornal também era apresentado como “literário e noticioso”. A publicação de textos literários, que tomavam boa parte do jornal, ampliava o contato das leituras realizadas pelos membros do Club com mais pessoas alfabetizadas na cidade, mas que não faziam parte diretamente da agremiação. Era uma forma de compartilhar leituras e ideias em comum em escala maior. É importante mencionar que o jornal também era enviado para outras cidades do Ceará e, em alguns casos, para outros estados, fazendo com que o grupo se colocasse em consonância com intelectuais e leitores para além da cidade do Crato.

No jornal também havia espaço para a publicação de resenhas e textos positivos sobre o jornal e agremiação. Essa prática se tornou tão comum no jornal que passou a existir uma coluna intitulada “O que dizem de nós?”, em que eram transcritas as mais elogiosas impressões. Assim, eles reafirmavam o lugar de intelectuais que ocupavam e suas demais qualidades como moradores da cidade do Crato. A representação desses membros como “moços” também ajudou a construir uma identidade para

o grupo. Na verdade, a maioria dos que fizeram parte do grupo nos anos iniciais do século XX tinha em torno de 20 anos de idade. É importante pensarmos que a figura da mocidade, assim como o próprio nome do grupo (Romeiros do Porvir), esteve associada ao projeto de construir uma cidade moderna, civilizada e desenvolvida, onde a dimensão do porvir (aquilo que está por vir/o futuro) seria construída por aqueles que são jovens hoje e amanhã seriam responsáveis e qualificados por construir um novo tempo, uma nova cidade e uma nova região.

Por último, destacamos as relações que os membros desse grupo estabeleceram com a dimensão do sertão. Embora tenha muitos significados, a palavra sertão foi quase sempre repleta de estereótipos, estigmatizada, cheia de sentidos negativos e insuficientes para dar conta da realidade que nomeia. Se pensarmos os significados que essa palavra tinha no final do século XIX e início do XX, onde está situada a formação e organização do grupo, podemos destacar que a condição sertaneja era incômoda, ao ser tomada como sinônimo de seca, fome, miséria, atraso e violência. Desse modo, embora o Cariri cearense, e conseqüentemente o Crato, pudesse ser tomado como sertão, por sua localização geográfica (interior do estado do Ceará) e até mesmo por sua composição histórica e cultural, esses intelectuais se empenharam em não relacionar o Crato e o Cariri com o sertão.

Não foi por acaso que, ao longo das edições do jornal *A Liça*, poucas vezes se encontrava a palavra sertão. Ao longo de 12 edições consultadas, por exemplo, a palavra apareceu apenas duas vezes, e nenhuma das menções fazia referência ao Cariri ou à cidade do Crato. Para esses intelectuais, o Cariri era o “oásis do sertão”, ideia difundida ao longo do século XIX. O sertão era o seu entorno e por isso havia uma fronteira que marcava de forma decisiva essas condições. Acreditava-se que o Cariri terminava onde o sertão começava. Um dos elementos utilizados para essas distinções dizia respeito aos aspectos naturais, pois para esses intelectuais o Cariri é lido como um lugar rico e fértil, principalmente em decorrência da Chapada do Araripe, que contribui para um clima ameno e nascentes de água em seu sopé. Na Figura 03, podemos observar uma fotografia da Chapada do Araripe que ilumina a descrição dessas representações.

Manter uma companhia teatral, criar uma biblioteca com acesso público, realizar exposições cinematográficas e editar um jornal justificavam

o próprio nome do grupo. Os Romeiros do Porvir se sentiam construtores da cidade. Apresentavam elementos responsáveis por distinguir o Crato das demais cidades aos seus arredores; uma “cidade futura”, sobretudo. É importante lembrar que a fundação do grupo estava em consonância com a construção do Crato como cidade da cultura, mas também se vinculou com as próprias construções do Crato e do Cariri cearense em oposição à ideia de sertão.

O desejo de contribuir para a construção de uma cidade moderna, civilizada, letrada e intelectualizada, diferindo-se das imagens difundidas sobre o sertão, naquele contexto, fazia parte dos projetos estabelecidos pelos Romeiros do Porvir como atividades do grupo. Fundado na transição do século XIX para o século XX, também estava em consonância com os próprios movimentos que estavam em curso. Como vimos, o nome da agremiação se vinculou à ideia de uma “devoção” em torno do futuro e do progresso, num período em que se discutiam a construção de uma nova nação chamada Brasil, após a Proclamação da República.

As próprias condições sociais, que possibilitaram a fundação do grupo, diziam respeito à emergência de novas práticas culturais que estiveram em curso no início do século XX na cidade do Crato. A organização em torno de uma agremiação literária era resultado de desejos e aspirações em comum, uma necessidade em conviver em espaços de sociabilidade definidos, organizados em torno de projetos. Daqueles que foram membros do Club Romeiros do Porvir, muitos participaram da vida pública ao longo do século XX, na cidade do Crato, redatores de jornais, prefeito, vereadores, médicos, farmacêuticos, escritores, entre outros. Ficou também o desejo de construir uma cidade moderna, intelectualizada, rica, pioneira e não sertaneja.

Referências

CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”**: Crato (1889-1960). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MENEZES, Paulo Elpidio de. **O Crato de meu tempo**. Fortaleza: Edições UFC. Col. Alagadiço Novo, 1985.

Para saber mais

ALENCAR, Johnnys Jorge Gomes. **Intelectuais no Sertão**: o Club Romeiros do Porvir, a produção e circulação de representações em torno da intelectualidade, da cidade do Crato-CE e dos sertões (1900-1910). 2021. 140f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

BEZERRA, Antonio. **Notas de viagem**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1935 [sua primeira edição data do ano de 1899, publicada pela Tip. Econômica, com o título Província do Ceará — Notas de viagem (Parte Norte)].

BORGES, Raimundo de Oliveira. **O Crato Intelectual**: dados bio-bibliográficos. Crato: Coleção Itaytera, 1995.

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **Renovação**: romance de aspectos sociais do Nordeste brasileiro. São Paulo: Livraria Editora Odeon, 1937.

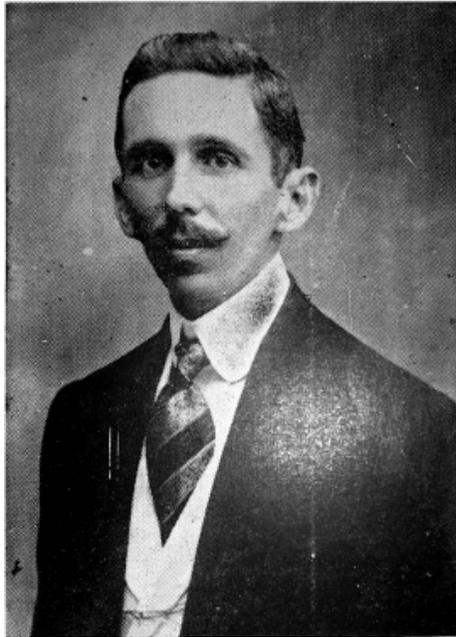
FIGUEIREDO FILHO, José de. **Meu mundo é uma farmácia**: memórias de um farmacêutico. 2. ed. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1996.

FIGUEIREDO, José Alves de. **Ana Mulata**: contos e crônicas. Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958.

MONTENEGRO, Abelardo F. **Soriano de Albuquerque**. um pioneiro da Sociologia no Brasil. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1977.

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **Senhores e trabalhadores no Cariri cearense**: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

Figura 01 — Soriano de Albuquerque



Fonte: Livro *Soriano de Albuquerque*, de Abelardo Montenegro.

Figura 02 — Jornal *A Liça*, número 2

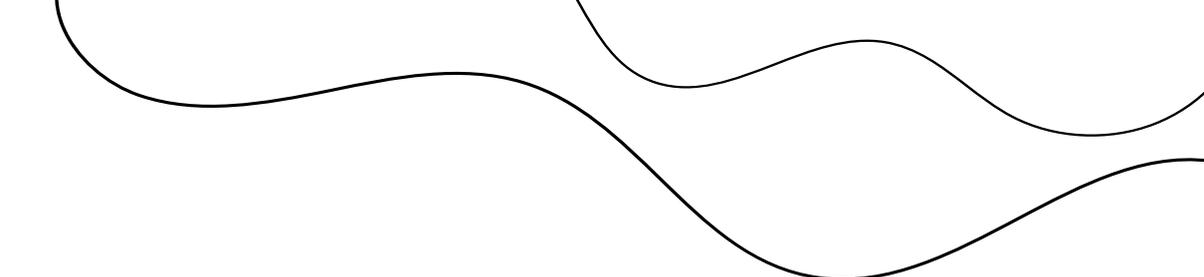


Fonte: Setor de microfilmagens da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel — BPGMP.

Figura 03 — Chapada do Araripe (04)



Fonte: Fotografia de Augusto Pessoa [13 fev. 2011, 09:30].



Imagens sertanejas em quadrinhos potiguares (1992-2015)

Filipe Viana da Silva

Introdução

Durante muito tempo, mas de forma especial no século XX, o sertão nordestino foi caracterizado, pelos mais diversos meios, a exemplo de músicas, pinturas, jornais, cinema, teatro, poemas, cordéis, quadrinhos, entre tantos outros, a partir de diferentes significados. Seja enquanto espaço de fome, flagelo, pobreza e miséria; pela seca que assola e causa sofrimento; pela imagem do vaqueiro e suas vestes de couro; ou mesmo pela emigração do sertanejo em busca de sobrevivência; além da valentia e a barbárie dos cangaceiros. O sertão nordestino difundiu-se como lugar árido e rústico, de sujeitos famintos e esqueléticos, de sua cultura diferenciada de outras partes do país, expressa por meio de rituais, contos, poesias, danças, lendas, tradições e superstições, prisioneiras, sobretudo, de um passado que ficou para trás.

Nesse sentido, decidimos estudar quadrinhos produzidos por dois grupos do Rio Grande do Norte, Brasil, que trataram de representar imagens sobre o sertão nordestino: o Grupo de Pesquisa em História em Quadrinhos (Grupehq) de Natal e o Grupo Pau a Pique de Histórias em Quadrinhos (Grupphq), atual Associação Avoante de Cultura (AAC), de Currais Novos. Após a leitura dos quadrinhos produzidos por esses grupos, conseguimos constatar duas representações sertanejas: uma presente no litoral potiguar e outra no interior do estado.

Mas afinal, como chegamos a essa conclusão? Partimos da seguinte questão: de que forma o espaço sertanejo nordestino foi tracejado, por meio de imagens e textos, na produção de ambos os grupos? Durante uma apreciação inicial, chegamos a considerar que existem diferentes imagens presentes na obra desses editoriais. Nesse sentido, após a análise de 84 quadrinhos, incluídos em 12 revistas (sendo sete do Grupehq e cinco do Grupphq/AAC), identificamos a presença de 20 histórias com temáticas sertanejas, sendo 10 de cada grupo. Mas, se apresentarmos todos os quadrinhos estudados, passaríamos dias e dias redigindo folhas e folhas, tentando explicar cada uma delas. Então encontramos uma forma de responder o objetivo proposto: analisar e expor dois quadrinhos: *Água Maldita*, presente na revista Maturi nº 01, do Grupehq, e o quadrinho Xandin, incluído na revista Estórias de Vaqueiros do Grupphq/AAC.

A revista Maturi e a história *Água Maldita*

O Grupo de Pesquisa em História em Quadrinhos (Grupehq) foi criado em 1971 como parte da extensão do movimento Poema/Processo, iniciado simultaneamente em Natal e no Rio de Janeiro. A agremiação contou com a integração inicial de artistas visuais como Emanuel Amaral, Anchieta Fernandes, Luís Pinheiro, Ademar Chagas, Falves Silva, Lindberg Revoredo, Walfredo Brasil ou Dom Lucas, e Reinaldo Azevedo. O quadrinho Maturi, nome que faz referência à amêndoa verde presente na castanha do caju, considerado o principal produto do grupo, foi lançado pela primeira vez em 1976 pelos artistas Aucides Sales e Enoch Domingos. No entanto, como não havia regularidade em sua produção, a publicação dessa revista acabou sendo interrompida várias vezes, em grande medida pelas dificuldades financeiras enfrentadas na época.

Em 2007, a revista foi reiniciada com uma *Edição Especial* (Figura 01), que serviu de laboratório para a retomada das atividades tanto do grupo quanto das produções seguintes. Em 2008, os integrantes publicaram a Maturi nº 01. Dois anos depois, em 2010, prosseguiram com mais uma, desta vez a Maturi nº 02. Ainda no mesmo ano, anunciaram dois números, a Maturi nº 03 e a Maturi nº 04. Em 2011, o Grupehq publicou o penúltimo número da edição, a Maturi nº 05. Um ano depois, em 2012, fechando o ciclo, foi registrada a publicação da Maturi nº 06.

Nesse panorama, a partir do estudo realizado em sete revistas Maturi (Figura 02), conseguimos identificar 10 histórias que trataram, de algu-

ma forma, temáticas em torno do sertão nordestino. Dentre elas: Vaqueiros, Antônio Silvino e “Rifle de Ouro” na *Maturi Edição Especial* (2007); Água Maldita e Uma saudade mil lembranças, presentes na *Maturi n° 01* (2008); Gestos e Cabra Macho na *Maturi n° 02* (2010); Conflitos de gerações na *Maturi n° 03* (2010); Saudades e lembranças de um sertão de nunca mais, na *Maturi n° 04* (2010); Cultura na caatinga na *Maturi n° 05* (2011); e, por último, Soledade na *Maturi n° 06* (2012).

Mas, como dito anteriormente, decidimos apresentar os resultados ao analisar o quadrinho Água Maldita, presente na revista *Maturi n° 01* (2008). A história (Figura 03) encontra-se incluída entre sete de diferentes autorias contidas na publicação. Este número possui 44 páginas, em formato magazine, com dimensões 21 cm por 28 cm. Ainda do ponto de vista técnico, a revista foi impressa em papel offset, com encadernação lombada com grampos, além de ser parcialmente colorida, semelhante aos demais números. O quadrinho analisado possui quatro laudas e está presente entre as páginas 21 e 24 da revista. Todas as folhas de *Água Maldita* são coloridas e tem autoria de Emanuel Amaral.

Professor de desenho, chargista, mamulengueiro e quadrinista desde a década de 1970, Emanuel Amaral atuou no desenvolvimento de diferentes trabalhos na área artística. Deixou-nos, em 2019, durante o contexto de elaboração deste estudo. Entre suas publicações mais conhecidas, destacamos as revistas *Igapó* (1981) e *Ataque de Lampião a Mossoró* (1988), em parceria com Aucides Sales. Além do quadrinho *Guerreiros das Dunas* (2005), escrito por Amaral e ilustração de Watson Portela, Gilvan Lira e Marcio Coelho. Na primeira década deste século, elaborou duas histórias sobre cangaço: Antônio Silvino “Rifle de Ouro”, publicada na *Maturi Edição Especial* (2007), e *Água Maldita* incluída na *Maturi n° 01* (2008). Mas, a propósito, qual imagem sertaneja encontramos na publicação do *Grupehq*?

Primeiro, do ponto de vista técnico, os requadros foram dispostos lado a lado, estando a narrativa composta por 21 requadros. Os requadros são os ângulos retos, ou da moldura, que envolvem cada quadrinho. A história trata do contexto em que Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião e seu bando foram expulsos da cidade de Mossoró, em 1927. O grupo teve a invasão frustrada e terminou acossado pelas forças policiais ou volantes do Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. De acordo com o historiador Marcos Clemente, no artigo “Cangaço e cangaceiros: história e imagens fotográficas do tempo de Lampião”,

publicado na revista *Fênix* (2020), ao todo, seis cangaceiros sobreviveram e conseguiram se deslocar até o Raso da Catarina, na Bahia.

Entre eles, Virgulino Ferreira, Lampião; o seu irmão, Ezequiel Ferreira, conhecido como Ponto Fino; seu cunhado, Virgínio Fortunato da Silva, também chamado de Moderno; Antônio Juvenal da Silva, o Mergulhão; Luís Pedro Cordeiro e Mariano Laurindo Granja. Na história em quadrinhos, os cangaceiros, ao chegarem, depararam-se com um casebre e em seguida dirigiram-se ao local. Depois, batem à porta, pedem água e o protagonista logo se identifica como Lampião. Imediatamente são atendidos por uma idosa, que, apavorada, atende o pedido do famoso cangaceiro. Na próxima cena, Virgulino adentra o casebre e nota a existência de um sujeito enfermo, segurando uma lamparina. O líder do bando, chocado com o que viu, imediatamente exige que nenhum integrante do seu grupo beba da água.

Nos quadros seguintes, Lampião convoca todos para seguir o seu destino, quando novamente é surpreendido por um dos cangaceiros, que questiona qual doença o sujeito enfermo possuía, e de forma ríspida escuta se tratar de “lepra”. Ora, não deu outra, o seu subordinado afirmou que todos iriam morrer, já que havia tomado da água mesmo assim, e que possivelmente havia adquirido a doença. Lampião não pensou duas vezes, puxou o gatilho da sua arma e atirou contra o cangaceiro desobediente. Nada mais que o resultado de sua indisciplina. No, fim da história, o grupo aparece seguindo o seu percurso, enquanto Lampião afirma: “ia contaminar, ave mau-agouro!”.

Dessa forma, a imagem sertaneja que conseguimos identificar em grande parte desse quadrinho demonstra, ainda, certa semelhança com a produção presente de forma majoritária nos diferentes meios do século XX. Sobretudo, por apresentar o espaço sertanejo nordestino ainda ligado ao atraso, a casas de taipa ou casebres; de modo que as pessoas ainda se utilizam de instrumentos como a lamparina, sem a presença de energia elétrica. Um sertão nordestino de cangaceiros e de suas barbáries. Espaço, portanto, esquecido pelo poder público, quando doenças atingem a população, entre elas, a “hanseníase”, nomeada na história de “lepra”. Todavia, vale destacar, um detalhe nos chamou atenção na história, que foge à regra quando se trata do sertão nordestino, que foi o fato de a narrativa transcorrer durante o período de inverno, já que o bioma Caatinga foi representado na cor verde, o que denota um sertão em período chuvoso.

A revista *Estórias de Vaqueiros* e a história *Xandin*

No interior do Rio Grande do Norte, Brasil, mais precisamente na cidade de Currais Novos, o Grupo Pau a Pique de Histórias em Quadrinhos (Grupphq), criado em 1992 pelo artista visual João Antônio Neto, passou a publicar revistas evidenciando temáticas que tiveram como foco a criticidade em torno do poder público, bem como aspectos relacionados ao imaginário popular e ao cotidiano de práticas culturais sertanejas. Além do próprio João Antônio, o grupo, à época, contou com a adesão dos artistas Assis Costa e Jennerson Fernandes na elaboração dos três trabalhos iniciais.

Posteriormente, entre 2014 e 2015, além desses componentes, o artista Eidson Miguel, juntamente com o então aluno do curso de desenho e pintura, André Luiz, do Instituto Vivaldo Pereira, de Currais Novos, contribuíram para as novas produções quadrinísticas do grupo, o qual passou a se chamar Associação Avoante de Cultura (AAC), ainda no início do atual século, conforme o estudo *João Antônio de Medeiros Neto: um artista seridoense e seu celeiro de sonhos* (2017), de Kelline Lima. Nesse sentido, ao longo de sua trajetória, os referidos artistas publicaram cinco quadrinhos (Figura 04): *Estórias de Vaqueiros* (1992); *Kueka* (1993); *Caos nas Tetas* (2001); *Avoante* (2014) e *Kankão* (2015).

Nesse cenário do Grupphq/AAC, a partir do estudo realizado em cinco revistas, conseguimos identificar 10 histórias que trataram, de alguma forma, de dialogar com a temática sertaneja. Entre elas, *Xandin*, *A Maldição de Lucila*, *Humor*, *Do Fumo a Fama*, em *Estórias de Vaqueiros* (1992); uma segunda narrativa intitulada *Xandin*, e *Gênese*, ambas contidas em *Caos nas Tetas* (1993). Na revista *Kueka* (2001), a última publicação do Grupphq com esta nomenclatura, identificamos duas: *O Paralelepípedo de Cristal* e *Trilha Sonora*. No que tange aos novos trabalhos, identificamos a temática sertaneja em *A Luada* em *Avoante n° 01* (2014). Por fim, o quadrinho *Quixaba* (Figura 07) presente em *Kankão n° 01* (2015).

Mas, trataremos, nesse trabalho, de *Xandin* (Figura 05), quadrinho presente na revista *Estórias de Vaqueiros*, publicado em 1992 pelo grupo editorial currais-novense. O autor da história, Jennerson Fernandes, iniciou seus estudos no campo das artes por meio de João Antônio. Pos-

teriormente, Fernandes deslocou-se para o Rio de Janeiro, quando passou a trabalhar com um grupo de escultores do carnavalesco Joãozinho Trinta. Após vivenciar essa experiência, foi morar no Rio Grande do Sul, mais precisamente em Gramado, e nesse espaço começou a se destacar, sendo, inclusive, um dos idealizadores do projeto Natal Luz. Atualmente, Jennerson Fernandes é reconhecido, assina pelo nome de Zeca Zenner e desenvolve seus trabalhos na criação de parques temáticos, esculturas e brinquedos.

Do ponto de vista técnico, a revista *Estórias de Vaqueiros* trata-se de uma produção artesanal, com todas as folhas em preto e branco, à exceção da capa, que envolveu a cor primária azul. A publicação possui 26 páginas e quatro histórias. Xandin, encontra-se presente entre as páginas 04 e 08 e desponta como sendo a primeira narrativa do quadrinho. Parte dos requadros encontram-se dispostos lado a lado em posição horizontal, e outra, na vertical, sendo a narrativa composta por 22 requadros.

A história ocorre em maior parte no espaço urbano de Currais Novos, ainda que inicialmente Xandin apareça percorrendo um caminho rural que o liga à cidade. A idealização e construção dessa narrativa partiu do relato de memória de “Seu Chico”, da comunidade “Totoró”, região que, de acordo com o livro *Totoró, berço de Currais Novos* (2008), do historiador Joabel Rodrigues Souza, originou a atual cidade já referida, mais precisamente na sexta década do século XVIII. Logo no início do quadrinho, verifica-se a representação do vaqueiro, uma das imagens sertanejas mais recorrentes, acompanhado de outra: a do bioma Caatinga em período de seca. Em meio a galhos mortos, sem folhas e um solo pedregoso, Xandin aparece montado e, na companhia de seus animais, se movimentam pela rusticidade da paisagem.

Todavia, essa representação vegetativa muda quando Xandin chega à zona urbana. Nesse espaço, o fluxo narrativo recebe outra conotação, quando novos personagens começam a aparecer. Na cidade, o protagonista dirige-se até uma palhoça, onde é reconhecido por todos, inclusive por outro vaqueiro, de grande aspecto físico, que naquele momento estava arrodado de mulheres em uma mesa. O agora rival, incomodado com a presença de Xandin, decide lançar um desafio: caso Xandin perca a vaquejada, deveria deixar a cidade. O vaqueiro então aceita o desafio. Já na pista de corrida, causou surpresa ao aparecer completamente

despido. Isso pelo fato de um parceiro do vaqueiro rival, de nome João, um sujeito com feições indígenas, ter tirado toda a sua roupa antes de iniciar a competição

De todo modo, sem vergonha alguma, Xandin continua. E já montado em seu cavalo, emparelha para puxar o rabo do boi. O problema é que o animal estava sem rabo, já que seus desafetos haviam cortado. Acontece que, com esperteza, o vaqueiro protagonista precisava tomar uma atitude. A única alternativa encontrada foi a de puxar não mais o rabo, e sim os testículos do animal, para que caísse de dor. E foi exatamente o que ocorreu: o boi prontamente cai no chão aos prantos e Xandin é consagrado o vencedor da vaquejada. Por último, no desfecho da história, Xandin aparece acompanhado das mulheres que estavam anteriormente acompanhadas com o seu desafeto. Enquanto isso, os antagonistas aparecem demonstrando sinais de raiva, ao notar que haviam perdido a competição.

A imagem do vaqueiro, presente em obras como, entre outras, *Capítulos de história colonial, 1500-1800* (2000[1907]), de Capistrano de Abreu; *Viagens ao Nordeste do Brasil* (1942 [1816]), de Henry Koster; *Tradições populares da pecuária nordestina* (1956), de Luís da Câmara Cascudo; *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense* (1997 [1976]), de Oswaldo Lamartine de Faria e Guilherme de Azevedo e *Vaqueiros e vaquejadas* (1986), de Celestino Alves, foi classificada, de maneira especial, pela sua forma de se vestir. É como se possuíssem um estilo próprio, uma espécie de peculiaridade, uma armadura de proteção a ser utilizada, sobretudo, no momento de exercer o seu ofício. Suas vestes de couro como o gibão e o chapéu, esporas, ligeira, luvas, perneiras e guardas são itens essenciais para o vaqueiro sertanejo.

Xandin, por sua vez, quebra esse padrão e o único artefato incorporado é um chapéu de couro. No entanto, no fim de sua história, nem desse artefato fez mais uso. Ao vencer a vaquejada, apareceu completamente despido, sem qualquer peça cobrindo o seu corpo. O vaqueiro-protagonista não se utiliza de gibão e perneiras, mas sim de calça jeans e camiseta polo, sorridente, confiante, bastante diferente do vaqueiro sofrido, triste, acalentado pelo seu labor diário e o sol escaldante. Por outro lado, as mulheres aparecem com vestidos modernos, saltos e penteados que destoam e seduzem não apenas os envolvidos no quadrinho. Ora, não podemos esquecer, de igual forma, da vaquejada, umas das práticas que mais movimentam a economia de cidades interioranas do Nordeste.

Considerações finais

Recapitulando o que foi destacado, a proposta deste texto foi a de apresentar como o sertão nordestino foi apresentado na obra de dois grupos de quadrinhos potiguares. Na publicação do grupo natalense, percebemos a repetição em torno de um lugar seco, árido, de gente faminta e de doenças, de vaqueiros, coronéis, coiteiros, onde a barbárie predominou, especialmente no período do reinado de cangaceiros. Um espaço marcado pela presença do bioma Caatinga durante o período de inverno, além de casas de taipa, falta de energia elétrica, doenças e cangaceiros. Contudo, enquanto na história *Água Maldita* se evidencia, em grande medida, aspectos que ainda apontam para imagens sertanejas repetitivas, como as já destacadas, a representação de um cenário formado de uma flora verde e os arbustos em período chuvoso permitem-nos outras perspectivas em torno desse espaço.

Diferentemente do Grupehq, o grupo de Currais Novos conseguiu transmitir outras imagens sertanejas. À exemplo da representação de lugares em que há desenvolvimento econômico a partir da existência de vaquejadas. A presença de sujeitos nutridos e bem cuidados, demonstrando sinal de qualidade de vida em espaço sertanejo; o realce de pessoas a partir de vestimentas que embelezam seus corpos; além da própria ressignificação do vaqueiro, quando este é apresentado utilizando camiseta polo colada em seu corpo e calça jeans durante boa parte da narrativa.

Dessa forma, o sertão nordestino, na produção desses editoriais, traz elementos que nos possibilitam apontar para duas perspectivas de imagens sertanejas. Primeiro, uma advinda do litoral potiguar, presente na obra do grupo natalense. Esta, apesar de evocar uma paisagem verde, a partir de cactáceos e arbustos folhosos e densos, pigmentados de tonalidades fortes que destoam dos cenários presentes em outros quadrinhos de mesma temática, acabou por reportar à imagem do cangaceirismo incorporada de outros clichês. Seja ao destacar bandoleiros praticando atos de violência, ou quando o autor reproduz a rusticidade sertaneja, a partir da caracterização de sujeitos à margem do Estado, sem assistência à saúde e/ou de condições básicas de sobrevivência.

Já a segunda é advinda do interior, quando se verifica que o espaço sertanejo recebe outros significados, ao convocar vaqueiros trajados sem

suas tradicionais vestes de couro, ou quando mulheres são evidenciadas com roupas que embelezam seus corpos. Apresenta outras imagens, quando apresenta a vaquejada sertaneja, um dos eventos que mais movimentam a economia de cidades nordestinas. Por seu turno, os sujeitos foram desenhados com corpos nutridos, denotando tratar-se de um espaço onde existe qualidade de vida.

Portanto, o presente estudo, de certa forma, trouxe à tona dois importantes aspectos sociais: o primeiro, apresentar a existência do trabalho de quadrinistas potiguares, de modo a visibilizar sua produção para a sociedade, tanto acadêmica, como não. A arte desses quadrinistas e seus trabalhos não podem passar despercebidos, sobretudo por aqueles que são entusiasmados com a nona arte. Por outro lado, conectada a essa questão, conseguimos demonstrar as diferentes imagens presentes no sertão nordestino, que estão presentes na obra dos referidos grupos potiguares.

Com esse trabalho, não buscamos negar os problemas sociais enfrentados em diferentes partes do Nordeste brasileiro, sobretudo, pela falta de investimentos por parte do poder público. Entretanto, devemos também apresentar outras imagens, outras histórias, outras artes, que aqui também existem e resistem. Em outras palavras, buscamos apresentar um pouco da pluralidade da história, dos quadrinhos e dos sertões.

Referências

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial, 1500-1800**. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000 [1907].

ALVES, Celestino. **Vaqueiros e Vaquejadas**. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1986.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**: documentário da vida rural. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1956.

CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo. Cangaço e cangaceiros: história e imagens fotográficas do tempo de Lampião. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, ano IV, n. 4, out./nov./dez., 2007, p. 1-18.

FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. **Vocabulário do criatório norte-rio-grandense**. Fundação José Augusto, 1997 [1976].

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942 [1816].

LIMA, Kelline Christine de. **João Antônio de Medeiros Neto: um artista seridoense e seu celeiro de sonhos**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017.

SOUZA, Joabel Rodrigues de. **Totoró, berço de Currais Novos**. Natal/RN: EDUFRN - Editora da UFRN, 2008.

Para saber mais

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Feira dos Mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste, 1920 - 1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO SÁ, Antônio Fernando de. O cangaço na história em quadrinhos. **Diálogos LatinoAmericanos**. Aarhus, Dinamarca, n. 8, p. 49-75, 2003.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos: um estudo abrangente da arte sequencial**. São Paulo: Criativo, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 1954.

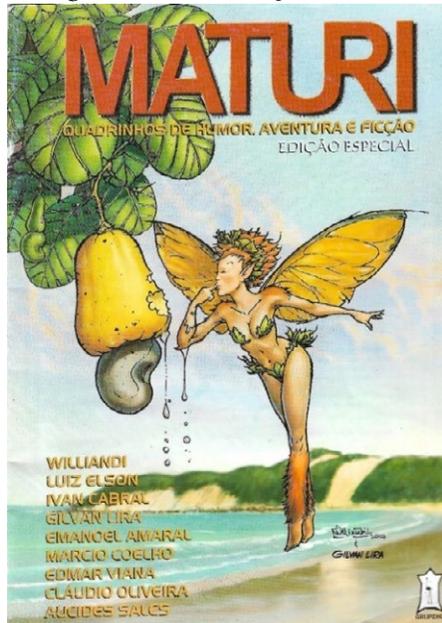
CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo. Lampião e o cangaço: Trajetórias de vida, histórias como flagelo (1920-1938). **Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, p. 108-132, 30 jun. 2020.

FERNANDES, Anchieta. **Ler quadrinhos, reler quadrinhos RN**. Natal: Sebo Vermelho Edições. 2011.

PIRES, Sabina Cabral Vieira. **Histórias em quadrinhos no Rio Grande do Norte como fonte de informação**. 2008. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

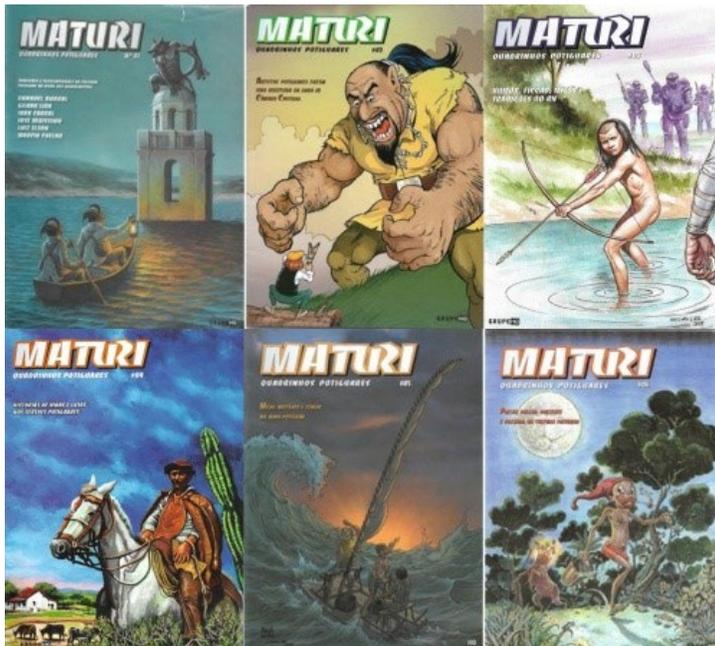
SILVA, Filipe Viana da. **Representações do sertão nordestino na produção quadrinística potiguar (1992-2015)**. 2021. 156f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Figura 01 - Maturi Especial (2007)



Fonte: Acervo pessoal de Filipe Viana da Silva.

Figura 02 - Maturi nº 01 (2008), Maturi nº 02 (2010), Maturi nº 03 (2010), Maturi nº 04 (2010), Maturi nº 05 (2011) e Maturi nº 06 (2012)



Fonte: Acervo pessoal de Filipe Viana da Silva.

Figura 03 - Páginas de *Água Maldita* (Grupehq)



Fonte: Maturi n° 01 (2008).

Figura 04 - Estórias de *Vaqueiros* (1992); *Caos nas Tetas* (1993); *Kueka* (2001); *Quadrinhos Avoante* (2014) e *Kankão n° 01* (2015)



Fonte: Acervo pessoal de Filipe Viana da Silva.

Figura 05 - Páginas de Xandin (Grupphq/AAC)



Fonte: Estórias de Vaqueiros (1992).

Por novos e múltiplos sertões

Evandro Santos

“A escrita foi, em sua origem,
a voz de uma pessoa ausente [...]”
(Sigmund Freud, *O mal-estar na civilização*, 1930).

Existe algo que pode ser facilmente observado por qualquer brasileira ou brasileiro no que diz respeito à temática dos sertões: a certeza de que se trata de um assunto que interessa e atíça a curiosidade da maior parte da população. Não fosse isso verdadeiro, como explicar a profusão de filmes, séries, peças teatrais, literárias e imagéticas dedicadas a representar os sertões, produzidos nos últimos 100 anos? O sertão parece ser quase o cenário perfeito no qual podemos falar, com mais desenvoltura, sobre os reais problemas e afetos brasileiros. É no espaço sertanejo onde toda cidadã e todo cidadão nascido no Brasil (em São Paulo ou em Altamira, em Recife ou em Arroio do Tigre) encontra condições para pensar sobre a experiência de se viver neste país.

Importa dizer que “sertões”, assim mesmo, no plural, corresponde a uma palavra com muitos significados. Temos diversos sertões no Brasil e, também, em outras partes do mundo. Vemos sertões em outros lugares que não recebem esse nome, mas, mesmo assim, são sertões. São sertões pelas experiências que compartilham. Nem todos os sertões assumiram caráter de identidade e de unidade política, social e cultural. Ainda assim estão lá, a marcar certas diferenças de ser e estar no mundo, de ocupar espaços. Essas diferenças não são, a princípio, nem melhores nem piores. Simplesmente são. O que vai dizer se são positivas ou negativas, produtivas ou destrutivas é a ação histórica humana, as decisões tomadas diariamente por pessoas que, de longe ou de perto, falam,

escrevem, desenham, cantam e dançam sobre os sertões. Como ocorre quando tratamos de quaisquer outros assuntos, é a ética individual e coletiva que vai determinar o que ganhamos e o que perdemos com as diferenças que sustentamos no mundo.

Compreender o significado dos sertões para a formação de uma identidade e de um discurso específicos sobre a região Nordeste do Brasil é algo importante, pois ajuda a pensar a própria ideia de Brasil. Nesse sentido, considerar que nosso país é, antes de qualquer coisa, uma ideia, remete ao fato de que determinadas condições estruturais foram necessárias para que essa ideia se convertesse, gradualmente, na realidade vivenciada por milhões de pessoas. Se a ideia de Nordeste emergiu, como tão bem demonstrou o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, de disputas políticas e intelectuais entre membros das elites de diferentes estados (como São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, por exemplo), foi também com a ampliação da imprensa periódica e literária, com o rádio, o cinema e, depois, com a televisão, que tal ideia imaginada virou vida experimentada a partir de diferentes elementos culturais. Nessas diversas frentes que compõem a indústria cultural nacional, veremos que, de fato, os sertões despertam um interesse nacional. Eles representam, sobretudo, o Nordeste, mas dizem de experiências que, mesmo indiretas, tratam do que foi e do que é o Brasil.

Sendo assim, é importante perguntar: quem diz o que foi e o que é o Brasil? Quando estudamos história, aprendemos que nada nasce do nada. Tudo o que pode ser considerado histórico parte da ação de alguém. Esse “alguém” pode ser uma pessoa, um grupo de pessoas, uma instituição etc. Fato é que algo começa porque houve determinada ação para que aquilo viesse a existir. O gesto de nomear envolve poder e tem consequências (por vezes imponderáveis). Por isso é importante indagar quem nomeou o Brasil, o Nordeste, os sertões. Quem, em algum momento, disse o que era o brasileiro, o nordestino, o sertanejo. Desde o século XIX, essas nomeações não cessaram de se desdobrar, cada uma em seu determinado momento, mas todas tiveram o seu tempo e o seu lugar. Neste século XXI, para escrever uma nova história do Brasil, do Nordeste e dos sertões, é fundamental que busquemos observar a posição de quem disse e diz o Brasil e os sertões.

Foi com esse objetivo que a obra de Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007) foi tomada como fonte histórica, em projeto desenvolvido

entre 2018 e 2020, para pensar um determinado período dos sertões do Seridó, localizados nas fronteiras entre os estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Oswaldo Lamartine foi reconhecido como um importante sertanista, esteve ligado ao Movimento Regionalista, associado aos estudos sobre folclore e, muitas vezes, esteve próximo a nomes importantes da intelectualidade brasileira, como Gilberto Freyre, Câmara Cascudo e Rachel de Queiroz. Autor de muitos pequenos ensaios etnográficos sobre o Seridó, além de diversos outros textos de gênero variado, ele fez usos de determinadas formas de história e intercalou dados estatísticos, informações variadas e, principalmente, conteúdos extraídos de sua memória pessoal e familiar, vinculados às conversas que tinha com amigos que viviam na região. Nesse ponto, é importante ressaltar que Oswaldo Lamartine, embora oriundo de família de políticos da região do Seridó, nasceu em Natal e passou pouco tempo de vida no sertão, o que reforça seu olhar muito mais pautado por uma dimensão afetiva do que necessariamente factual do cotidiano e da vida seridoense. Em certos aspectos, foi mesmo um etnógrafo diletante, ocupando, no entanto, ora este lugar (falando a partir de sua casa e família), ora o lugar do outro (descrevendo o que lhe era relatado por amigos que viviam no Seridó). Em ambos os casos, contudo, sua escrita foi a voz de muitos ausentes. Essa é a perspectiva que merece ser avaliada e criticada quando nos dedicamos a estudar e a conhecer os sertões de Lamartine.

O Brasil necessita, hoje e sempre, de mais ciência, mais literatura, mais artes. Nesses três campos de criatividade e produção humanas, a palavra-chave, ao menos na modernidade, foi constantemente esta: crítica! O olhar crítico dos cientistas, dos literatos e dos artistas é amparado na responsabilidade para com o mundo e com seus projetos de futuro e na denúncia das desigualdades, das hipocrisias das classes dominantes e das injustiças. É por isso que o que move a modernidade, efetivamente, é a ciência, a literatura e as artes. São essas as esferas de ação que tentam negociar constantemente, com as mais variadas instituições e sujeitos, as possibilidades para a criação de um mundo mais justo em sua multiplicidade de formas de existência e organização social.

A ciência moderna, a nossa ciência, tem uma característica que determina a sua natureza: é uma ação coletiva. Ninguém faz ciência sozinho. A crítica, que pauta a posição do cientista no mundo, bem como sua implicação com este, é fruto da troca de ideias, da confrontação de dados, do diálogo, do olhar para o conflito. Ou seja, trata-se de uma

ação de abertura para a diferença. É por isso que a Universidade é, provavelmente, uma das instituições mais importantes (ao lado da escola) quando falamos no futuro do Brasil. Ao lado dos diferentes ramos das artes, os campos científicos não apenas trabalham para a ampliação de nosso conhecimento sobre nós mesmos, como nos levam a perceber a infinita diversidade que há no mundo e nas pessoas e a pensar sobre o que podemos construir com ela. Isso vale para as áreas médicas, para as engenharias, para o campo jurídico, tecnológico, para a matemática, a física e, é lógico, para as diferentes ciências humanas.

Há um saber científico, literário e artístico sobre os sertões, quanto a isso não há dúvida. Contamos com um acúmulo de conhecimento sobre o fenômeno histórico denominado “sertões”. Entretanto, neste século XXI, nós já não nos satisfazemos mais com o processo cumulativo de conhecimento. Nós analisamos e fazemos a crítica do próprio processo de produção do conhecimento científico. Os cientistas universitários são responsáveis e atentos o suficiente para se preocuparem em examinar constantemente a história de seus próprios procedimentos e as consequências de seus atos, algo que nem todas as instituições sociais e de poder costumam fazer.

Por tudo isso que profissionais de história do século XXI não se conformam com as desigualdades regionais, no que diz respeito à presença do Estado, quando se trata de produção científica de ponta. Em função do atraso no investimento em educação superior e pesquisa científica no Brasil, diversos recortes do território nacional permaneceram desassistidos e, assim, hoje, experimentamos uma demanda reprimida por conhecimento histórico. Não apenas conhecimento histórico para ser acumulado ou para participar das reformulações de currículos da educação pública e privada — o que também é muito importante —, mas para servir como subsídio para políticas públicas regionais e nacionais que sirvam ao desenvolvimento do Brasil.

Durante muito tempo, na ausência de lugar para a crítica produzida por profissionais de História, os usos políticos do passado predominaram e as vozes das classes mais privilegiadas foram as únicas efetivamente ouvidas e registradas. Evidentemente, conhecer os pontos de vista de Oswaldo Lamartine, dada a importância demarcada desde o seu sobrenome, que o situa como membro da elite política estadual, é algo relevante para o exame do passado e do presente do Rio Grande do Norte. Porém,

supor que o passado dos sertões do Seridó poderia vir a ser sintetizado ou resumido nas lembranças do filho do ex-governador Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956) não é uma ideia que satisfaz historiadores. Sabemos que durante longo período os escritos produzidos por políticos, profissionais liberais, clérigos e militares foram fundamentais para o registro de épocas inteiras de muitos lugares do Brasil e do mundo. Atualmente, porém, ao lermos Oswaldo Lamartine, a angústia que nos ocorre é, de imediato, questionar a posição da qual ele fala, bem como os silêncios que seu texto produz. Uma história contada por um homem de classe social favorecida, branco, heterossexual, ou seja, amparado do ponto de vista material e em condições de ter sua voz ouvida e respeitada. Essa posição é muito específica e merece ser devidamente localizada.

A família, esse núcleo social tão importante na sociedade brasileira — e, infelizmente, tão pouco problematizada pelas instituições democráticas e religiosas — compõe a história e sua escrita. Contudo, não é adequado, do ponto de vista moderno e democrático, considerarmos que a história de um local ou de uma região poderia ser examinada através da ótica de algumas poucas famílias abastadas. Uma história crítica e socialmente responsável dos sertões pretenderá, sistematicamente, ampliar as vozes da comunidade que faz o Seridó existir e permanecer. Oswaldo Lamartine cumpriu um papel relevante ao anotar suas memórias e as tradições de uma época. Ele registrou o que era importante para ele e para os membros de sua classe social. Ele defendeu, de modo afetivo e intenso, que suas lembranças eram as mesmas de toda uma população. Mas existem outras famílias a serem observadas, como já demonstrou Helder Alexandre Medeiros de Macedo em trabalho recentemente lançado em livro.

De certa maneira, essas memórias e tradições de Lamartine eram mesmo compartilhadas. Do ponto de vista histórico, não resta dúvida de que, ao operar com o gênero do cordel, ao anotar expressões comuns da oralidade e ao associar seu conhecimento técnico e estatístico à realidade dos sertões do Seridó, Lamartine contribuiu para o registro de determinado saber. No entanto, para a Universidade, hoje espalhada pelo estado do Rio Grande do Norte, para a crítica produzida por profissionais de História e para as novas gerações de sertanejas e sertanejos, essas memórias não são mais suficientes. Os sertões, assim como as cidades litorâneas, produzem cordéis, mas também produzem outras formas de arte, produzem ciência e participam cada vez mais da vida política.

Assim como produzem a partir da tradição, os sertões também estão conectados pela Internet, pelas redes sociais e pelos satélites, criando outras formas de arte absolutamente autônomas em relação à tradição normalmente a eles associada.

Considerando as agendas políticas e epistemológicas do século XXI, a Universidade indaga, ainda, acerca da distância entre a realidade sertaneja e os discursos de poder e saber que sobre os sertões falaram e falam. Oswaldo Lamartine escreveu sobre os sertões desde uma origem familiar, mas quase sempre à distância. Da mesma forma, o saber científico que, durante quase todo o século XX, tratou dos sertões foi elaborado desde o Sul ou, mais recentemente, desde o Sudeste. Novamente, podemos dizer que esse olhar distanciado possui um valor. Denuncia, inclusive, as consequências do abandono do Estado em relação a diversos recortes naturais e humanos do Brasil. Mas, por outro lado, interdita a manifestação direta e a ação de camadas inteiras das comunidades sertanejas, raramente reconhecidas em sua existência e em seu pertencimento ao projeto nacional, principalmente por seu silenciamento. Aliás, de maneira geral, os projetos nacionais sempre possuíram uma perspectiva centralizadora e, logo, excludente, que costuma aceitar a fala privilegiada e homogeneizadora como legítima e suficiente. Não é o que ocorre hoje.

A história dos sertões que se quer produzir agora aponta para a riqueza das artes e da cultura nordestinas, como comumente é reconhecido pelas populações da região e por quem é oriundo de outras partes do País e do mundo. Todavia, essa história dos sertões não considera essas artes e essa cultura como algo homogêneo. Há uma diversidade imensa nessas experiências e, talvez, falar em “cultura”, como síntese de uma mesma experiência, não seja correto. Nós temos uma interação muito variada e uma elaboração do que é próprio dos espaços sertanejos e das infinitas referências que chegam de outros lugares e fontes. Nós temos, como pensou Durval Muniz de Albuquerque Júnior, sertões contemporâneos. Ou seja, sertões que mesclam elementos variados e produzem um tempo presente e, esperamos, um futuro.

Para além de tudo isso, não é apenas de arte e cultura que os sertões e sua história podem e desejam ser feitos. A história dos sertões que parte, por exemplo, do Mestrado em História dos Sertões, curso de pós-graduação ofertado pelo Centro de Ensino Superior do Seridó

(CERES), unidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na cidade de Caicó-RN, demonstra que os sertões produzem ciência e crítica. Pesquisas de ponta começam a emergir do trabalho de estudantes e professores que compõem a comunidade universitária do CERES-UFRN. Articulando-se com outras instituições de ensino superior, grupos e redes de pesquisa, bem como com a comunidade escolar de Caicó e cidades vizinhas, as pesquisas de pós-graduação começam a apontar para a necessidade de políticas públicas para a educação, para o patrimônio e para o campo das artes e da cultura local e digital. Ao mesmo tempo em que produz pesquisa sustentada em valores éticos e na crítica que caracteriza as ciências humanas, pesquisadoras e pesquisadores da história dos sertões sinalizam para a necessidade de se atentar para a criação de espaços públicos e privados de atuação para profissionais qualificados, que possam colaborar em diferentes projetos capazes de promover o desenvolvimento local, regional e nacional.

Se, na sua origem, a escrita foi a voz de uma pessoa ausente, na Universidade do século XXI, ela se converte em vozes múltiplas que se fazem e querem estar presentes. No passado, escritas habilidosas e sedutoras como a de Oswaldo Lamartine representaram e disseram um sertão. Agora, outras vozes, de todas as cores, gêneros, sotaques e ideologias, querem construir sertões múltiplos, articulados aos “outros” dos sertões, em uma experiência de diálogo na qual a história possa ser de todas e todos e reescrita sempre que as diferenças resultarem em desigualdades e injustiças.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Distante e/ou do Instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto (Org.). **Culturas dos Sertões**. Salvador: EDUFBA, p. 41-57, 2014.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense**. Natal: EDUFRN, 2012.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Outras famílias do Seridó: genealogias mestiças nos sertões do Rio Grande do Norte (séculos XVII-I-XIX)**. Curitiba: CRV, 2020.

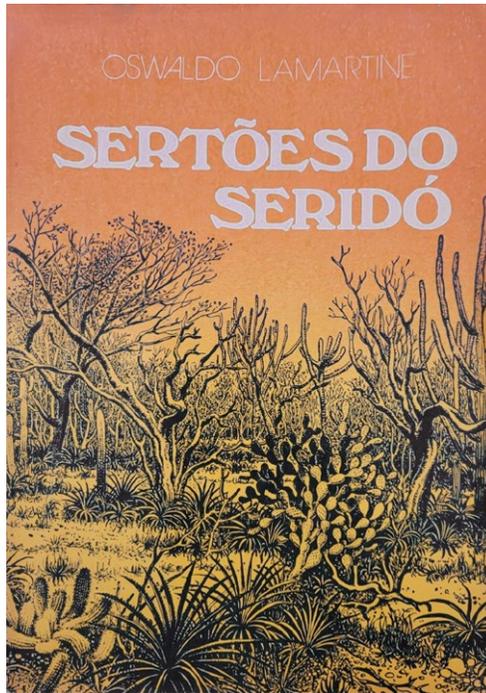
SANTOS, Evandro. Estilo e temporalidades na escrita de Oswaldo Lamartine de Faria: em busca do tempo perdido no Seridó potiguar. **Revista Expedições**. Morrinhos/GO, v. 9, n. 1, jan./abr., p. 96-109, 2018.

SANTOS, Evandro. Memória, escrita de si e identidade nos sertões: ensaio sobre a busca por novas alteridades nas fronteiras. **Projeto História**. São Paulo (SP), v. 69, p. 347-381, set./dez., 2020.

Agradecimentos

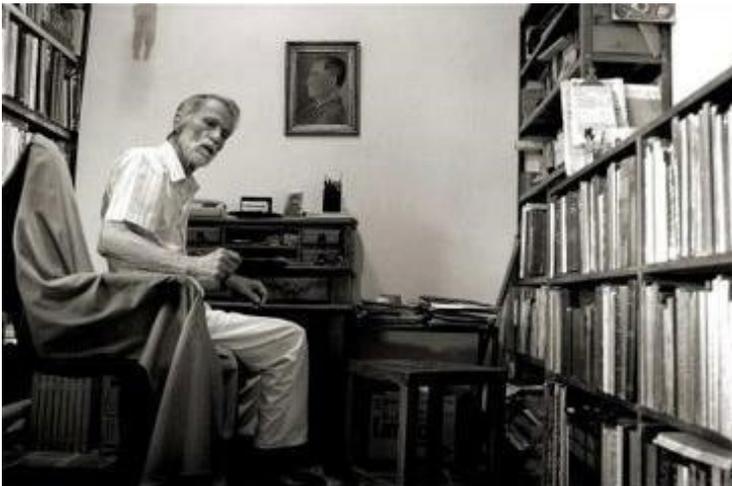
Agradeço a Eduardo Kleyton de Medeiros, mestre em História, que desenvolveu uma dissertação de mestrado sobre a vida e a obra de Oswaldo Lamartine de Faria, pelo auxílio com as imagens que ilustram e enriquecem esta publicação.

Figura 01 — Capa de *Sertões do Seridó* (1980), de Oswaldo Lamartine de Faria



Fonte: Acervo da Biblioteca Setorial Professora Maria Lúcia da Costa Bezerra, CERES-UFRN, Campus de Caió.

Figura 02 — Oswaldo Lamartine

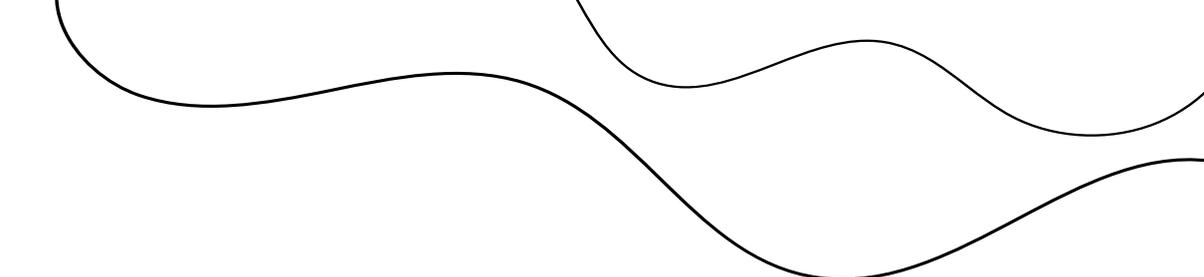


Fonte: Fotografia de Giovanni Sérgio, incluída em CARVALHO, Máisa. Oswaldo Lamartine de Faria, o sertanejo. In: **Expresso 201**. Publicado em: 7 jan. 2009. Disponível em: <http://expresso201.blogspot.com/2009/01/oswaldo-lamartine-de-faria-o-sertanejo.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

Figura 03 — Oswaldo Lamartine



Fonte: Fotografia de Candinha Bezerra/Naire Lamartine Paiva Lopes, incluída na orla do livro GALVÃO, Dácio (Org.). *Abrços: Correspondência de Oswaldo Lamartine com Hélio Galvão*. Natal: Fundação Hélio Galvão; Escritório Candinha Bezerra; Sebo Vermelho, 2019.



Os sertões em/na moda

Marcelino Gomes dos Santos

A história que tentei costurar não tem fim. Mas têm pontos importantes — se você observar do lado direito ou do lado avesso; juntos, esses fios formam um longo tecido — já muito trabalhado, porém inacabado — como você verá. Um tecido rebordado de incontáveis imagens, alinhavado por muitas mãos, e que, para a surpresa de muitos, não finda de se reelaborar.

Sertões. De onde vêm os seus sertões? Feche os olhos, pense um pouco. Se tivesse de olhar para os lados (ou, quem sabe, até mesmo para dentro de si), se tivesse de encontrar o sertão em algum lugar, onde buscaria essas imagens?

Eu, por exemplo, nasci em uma cidade localizada em um espaço nomeado, também, sertão. Durante toda a minha vida, li várias e várias coisas sobre sertão. Ouvi músicas sobre sertão, li livros sobre sertão, assisti a filmes, peças de teatro, documentários nos/sobre sertões. Mas ainda não mencionei que, além disso, li, ouvi, assisti várias coisas sobre lugares como New York, Paris, Londres, Milão, São Paulo; filmes, músicas, séries, desenhos, livros produzidos em diversos lugares do mundo; biografias de celebridades, supermodelos, estilistas, artistas famosos internacionalmente, atores e atrizes de Hollywood. Todas essas experiências, todas essas referências (distantes e distintas) provocaram em mim muitas curiosidades sobre o mundo, sobre o “eu” e o “outro”, sobre a forma como vemos o mundo e a forma como o mundo nos olha; sobre aquilo que nos aproxima e nos distancia, sobre aquilo que nos cerca e sobre aquilo que nos permite ir além das fronteiras.

Sertões, como fui aprendendo ao longo da minha história, é uma noção que está em todo lugar: em obras de escritores, cronistas, pintores,

teatrólogos, historiadores, geógrafos, antropólogos, fotógrafos, cineastas, músicos etc.; sujeitos que, pouco a pouco, costuraram sentidos para esta palavra, cada um ao seu modo, cada um à sua “moda”, cada um ao seu “estilo”. Para onde quer que a gente olhe, existe um sertão (revestido de camadas de significados).

Partindo da minha experiência — que pode ser semelhante ou não à sua —, sempre que ouvia falar de sertão, percebia que as narrativas sobre esses lugares apresentavam algumas repetições, imagens fixas, fórmulas já conhecidas, imagens pretensamente eternas: os sertões descritos como lugares sofridos, marcados pela morte, pelo sofrimento de pessoas e animais; lugares da tradição, do tempo que parecia não passar; lugares que supostamente estariam presos ao passado, onde a modernidade não chegaria; lugares onde a vegetação seca e espinhenta seria uma ameaça aos corpos, onde o sol causticante arde feito brasa, onde os urubus sobrevoam as paisagens secas à procura de restos de animais padecendo de fome e sede; lugares onde as pessoas seriam violentas, bem como resistentes aos males da vida (como se fossem, elas mesmas, espécies de cactos), uma resposta ao meio geográfico onde viviam, que supostamente exigiria dessas pessoas bravura, resistência e coragem.

Semelhante ao que acontece com muitos brasileiros, encontrei imagens e sentidos sobre sertão na literatura, no cinema, no teatro, nas artes plásticas, na música, na televisão; mas não encontrei os sertões em um universo que sempre me interessou: o universo sensível, estético e efêmero da moda. Pensei: “Por que não pensar os sertões na moda? Por que, normalmente, não encontramos narrativas sobre os sertões nessa indústria? Por que, para algumas pessoas, é difícil estabelecer uma relação entre as noções de sertão e moda?”. Todos esses questionamentos constituíram o meu trabalho de conclusão de curso, em nível de mestrado, intitulado *Dos “confins do Brasil” às passarelas: os sertões em/na moda* (2021), resultado de uma pesquisa que realizei no Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob a orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, a quem gostaria de agradecer, novamente, por tudo e por tanto.

Começou assim: um dia, despretensiosamente, lembrei um texto que li na escola. Era um conto chamado “A Moça Tecelã”, da escritora Marina Colasanti, um dos meus contos favoritos. Conta a história de uma mulher que possuía uma espécie de dom ou de encanto: tudo o que ela

tecia, ganhava formas e aparecia diante de seus olhos. Se a escuridão reinava lá fora, bastava que a moça tecesse o sol e ele aparecia na linha do horizonte para iluminar seus dias. Esse texto me ajudou a compreender que tudo aquilo que consideramos uma “realidade” sobre algo é uma construção mediada pela linguagem (seja ela qual for). E, se existem infinitos sertões, é porque cada um deles faz parte de uma construção humana distinta — elaborada pela escrita, pelo relato oral, pelo cinema, pela fotografia, pela pintura etc.

Então, lá fui eu buscar os sertões na moda, reclamar sua contemporaneidade, entender como esses sertões desfilavam aos olhos do público consumidor de moda no Brasil, como esses sertões eram remodelados pelos estilistas na linguagem das roupas.

Decidi, então, fazer um mapeamento de estilistas brasileiros que produziram coleções de vestuário inspirados na ideia de sertão. O meu interesse, a princípio, era entender quais eram os sertões desses estilistas; que imagens dos/sobre os sertões estavam presentes em seus imaginários; e, principalmente, que imagens sobre os sertões esses estilistas produziram no interior da história da moda brasileira, a partir de seus trabalhos. Em outras palavras, desejei compreender a presença dos sertões em um espaço onde muitas pessoas não pensariam em buscá-los ou encontrá-los: nas passarelas da moda brasileira. Isso porque penso que a moda, antes de qualquer coisa, é uma indústria que produz imagens poderosíssimas sobre vários temas. E se o cinema, a televisão, a música, as artes plásticas, enfim, produzem imagens sobre o sertão, a moda também.

Dentro desse conjunto muito variado de estilistas e de trabalhos com moda, escolhi duas coleções de vestuário para estudar: a primeira, do estilista mineiro Ronaldo Fraga; a segunda, do estilista paulista Akihito Hira. Ronaldo Fraga é um dos grandes nomes da moda brasileira, eleito um dos sete estilistas mais inovadores do mundo e com uma longa trajetória na indústria da moda nacional.

Akihito Hira é um estilista paulista, descendente de japoneses; possui uma marca de moda autoral, especializado no segmento de alfaiataria, e atua como professor de moda em uma instituição de ensino do Rio de Janeiro. A coleção do Ronaldo Fraga, intitulada *Carne Seca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera* (Figuras 01 e 02), foi lançada em 2013, no maior evento de moda nacional, a *São Paulo Fashion Week*, sob as tendas

do Parque Villa-Lobos, em São Paulo. A coleção do Akihito Hira foi escolhida como a melhor coleção de um concurso de moda promovido pelo Dragão Fashion Brasil, cujo evento aconteceu no Terminal Marítimo de Passageiros de Fortaleza, em 2017.

A estrutura da minha dissertação foi inspirada em um desfile de moda: no primeiro capítulo, trato da concepção das coleções pelos estilistas; no segundo capítulo, discuto a produção das coleções de Fraga e Hira; por fim, no terceiro capítulo, analiso a apresentação/recepção dessas coleções de vestuário pela mídia brasileira. Ao longo do texto, vou costurando fontes diversas para dar sustentação às minhas análises, cruzando documentos históricos importantes, como fotografias de lançamento dessas coleções, filmagens dos desfiles, as entrevistas que realizei com os referidos estilistas, além de alinhar essas fontes com outros documentos históricos que fui buscando ao longo da pesquisa, como obras literárias, pinturas, ilustrações etc.

Ao longo do trabalho, tentei mostrar que, para construir os sertões na moda, esses estilistas não partem do nada. Em seus processos criativos, no momento de produzir uma nova coleção de vestuário, um novo trabalho com moda, eles mobilizam uma série de imagens sobre os sertões costuradas ao longo da história e que aparecem em seus trabalhos não por acaso, mas porque esses estilistas — de modo consciente ou não — buscam apresentar nas passarelas da moda brasileira narrativas sobre os sertões críveis e verossímeis. Em outras palavras, Fraga e Hira desejam que os seus sertões sejam reconhecidos pelo público, que as imagens costuradas a partir da noção de sertão sejam lidas e consumidas — como produto de moda e/ou como discurso, como vestuário ou como conceito, ideia, sentido.

A coleção de Ronaldo Fraga, em linhas gerais, tem muita influência da literatura brasileira. O estilista mineiro é, declaradamente, um amante da cultura brasileira, tendo falado sobre isso em diversas entrevistas ao longo de sua carreira. Seu imaginário, notadamente, está permeado de imagens sobre os sertões que o estilista mobiliza no seu trabalho com moda. Como, por exemplo, imagens que podemos ler na estampa das roupas da coleção que analisei: a terra gretada, seca; a presença de urubus em revoada, árvores mortas, o sol causticante; além de outros elementos que, juntos, comunicam o sertão do estilista mineiro — como os acessórios usados pelas modelos, a maquiagem, os penteados, as poses, a iluminação, enfim, uma gramática visual de elementos que formam um

sertão *a la* Ronaldo Fraga, rebordado de várias e várias camadas de fios e sentidos, os quais tentei escavar nas minhas análises (Figuras 03 e 04).

A coleção do Akihito Hira foi inspirada na figura do vaqueiro do sertão nordestino. A intenção do estilista, a princípio, era redesenhar a imagem tradicional do vaqueiro sertanejo, fugindo dos clichês sobre esse sujeito histórico, tão presente em narrativas sobre sertão. Conforme podemos observar nas imagens dessa coleção de vestuário (Figuras 05, 06 e 07), o estilista paulista optou por dar ênfase à religiosidade do vaqueiro — o que é interessante, pois é indicativo de que Hira optou por apresentar a sensibilidade do vaqueiro, a sua fé, suas crenças, deixando de lado outros temas já muito explorados sobre o vaqueiro, como, por exemplo, a pretensa valentia, bravura, coragem desse sujeito ao enfrentar a natureza impiedosa do sertão.

Essa abordagem, esse interesse em revestir o vaqueiro sertanejo com novos sentidos, pode ser lida a partir da análise das fotografias da coleção: quando, por meio de poses, acessórios, jogos de luz e sombra, o fotógrafo tenta garantir ao vaqueiro elaborado por Akihito Hira um ar de candura, de benevolência, um ar contemplativo, sensível. Observamos, na análise das fotografias, que o modelo tenta performar, inclusive, poses que nos remetem às clássicas imagens santas, com as mãos sobrepostas, em oração, ou ainda segurando um rosário. As cores das roupas — sobretudo, o branco — as modelagens, os recortes, os detalhes; todos esses elementos participam da costura meticulosa de um vaqueiro que se diferencia em muitos aspectos dos vaqueiros tradicionais, conforme pode ser observado ao longo do meu trabalho.

Trata-se de um vaqueiro *fashion*, barba feita, cabelo milimetricamente alinhado, com um andar retilíneo, que se apresenta em meio a uma vegetação verdejante, tendo como plano de fundo não carcaças de animais, mas bois vivos e nutridos. Ao contrário de outras tantas narrativas sobre os vaqueiros dos sertões nordestinos que podemos encontrar na literatura ou no cinema, por exemplo, o vaqueiro tramado por Hira, vestido de alfaiataria, desfila pelas paisagens “sertanejas”: se observarmos bem, esse vaqueiro não teme a natureza, não quer se defender da vegetação do lugar. Suas roupas estão intactas, não foram rasgadas pelos espinhos do sertão (Figuras 08, 09 e 10). Nessas imagens, há um apagamento de sentidos de sofrimento, morte, temor, medo, sentidos comumente encontrados em narrativas tradicionais sobre os sertões e sobre a vida dos vaqueiros sertanejos em meio à caatinga.

Na produção deste trabalho, tentei mostrar que a presença dos sertões nas passarelas da moda brasileira nas duas primeiras décadas do século XXI vem reafirmar que falar de sertão, no Brasil, sempre foi moda. Uma tendência seguida por muitos sujeitos, da literatura ao cinema, das artes plásticas à música, dos discursos políticos à produção de moda nacional. Normalmente, a noção de sertão não esteve associada aos mesmos sentidos que a noção de moda. Logo, levar os sertões às passarelas da moda brasileira já é uma inovação, uma ruptura, posto que sertão e moda pareciam caminhar em sentidos contrários — pelo menos, semanticamente.

A volta da ideia de sertão às passarelas da moda brasileira nas duas primeiras décadas do século XXI está ligada a uma série de acontecimentos históricos que trouxeram os sertões brasileiros a uma posição de visibilidade nacional (matérias jornalísticas, filmes, novelas, discursos na política, na economia etc.) e foram condições necessárias ao aparecimento desses sertões no trabalho de estilistas brasileiros. Esses e outros detalhes são alinhavados ao longo dos capítulos, tecidos ao longo desses dois anos, com a ajuda de muitas pessoas, às quais, novamente, gostaria de estender os meus agradecimentos.

A história que apresento a você que, quem sabe, me lê agora, não tem fim. Como disse, ela pode ser lida do lado direito ou do lado avesso. Quis lê-la pelo avesso, buscando entender os fios que sustentam toda essa narrativa *fashion* sobre os sertões nas passarelas da moda brasileira. Gostaria de finalizar esse texto dizendo que, sim, os sertões estão em moda e na moda. Mas a moda passa. Os sertões permanecem?

Referências

AKIHITO Hira. 2017. **Fotografias do desfile da coleção “Vaqueiro Desconstruído pela Alfaiataria”**. Disponível em: <https://www.iesb.br/institucional/noticia/professor-akihito-hira-vence-concurso-nacional-de-moda->. Acesso em: 15 abr. 2020.

AKIHITO Hira. 2017. **Fotografias do ensaio de lançamento da coleção “Vaqueiro Desconstruído pela Alfaiataria”**. Acervo do pesquisador. Disponibilizado pelo estilista, via e-mail, para fins da pesquisa. Cessão realizada no dia: 24 jun. 2019.

COLASANTI, Marina. A moça tecelã. In: COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. 11 ed. São Paulo: Global, 2000.

RONALDO Fraga. 2013. **Fotografias da coleção “Carne Seca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera”**. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/inverno-2014-rtw/ronaldo-fraga/814842/colecao/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SANTOS, Marcelino Gomes dos. **Dos “confins do Brasil” às passarelas: os sertões em/na moda**. 2021. 266f. Dissertação (Mestrado em História - Ceres) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

Figura 01 — Coleção “Carne Seca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera”



Fonte: fotos de Zé Takahashi / Ag. Fotosite. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/inverno-2014-rtw/ronaldo-fraga/814842/>. Acesso em: 01 jan. 2020.

Figura 02 — Coleção “Carne Seca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera”



Fonte: fotos de Zé Takahashi / Ag. Fotosite. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/inverno-2014-rtw/ronaldo-fraga/814842/>. Acesso em: 01 jan. 2020.

Figura 03 — Coleção “Carne Seca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera”



Fonte: fotos de Zé Takahashi / Ag. Fotosite. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/inverno-2014-rtw/ronaldo-fraga/814842/>. Acesso em: 01 jan. 2020.

Figura 04 — Coleção “Carne Seca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera”



Fonte: fotos de Zé Takahashi / Ag. Fotosite. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/inverno-2014-rtw/ronaldo-fraga/814842/>. Acesso em: 01 jan. 2020.

Figura 05 — Coleção “Vaqueiro Desconstruído pela Alfaiataria”



Fonte: fotos de Anderson Augusto com o modelo Rafael Câmara. Acervo do Akihito Hira.

Figura 06 — Coleção “Vaqueiro Desconstruído pela Alfaiataria”



Fonte: fotos de Anderson Augusto com o modelo Rafael Câmara. Acervo do Akihito Hira.

Figura 07 — Coleção “Vaqueiro Desconstruído pela Alfaiataria”



Fonte: fotos de Anderson Augusto com o modelo Rafael Câmara. Acervo do Akihito Hira.

Figura 08 — Coleção “Vaqueiro Desconstruído pela Alfaiataria”



Fonte: fotos de Anderson Augusto com o modelo Rafael Câmara. Acervo do Akihito Hira.

Figura 09 — Coleção “Vaqueiro Desconstruído pela Alfaiataria”

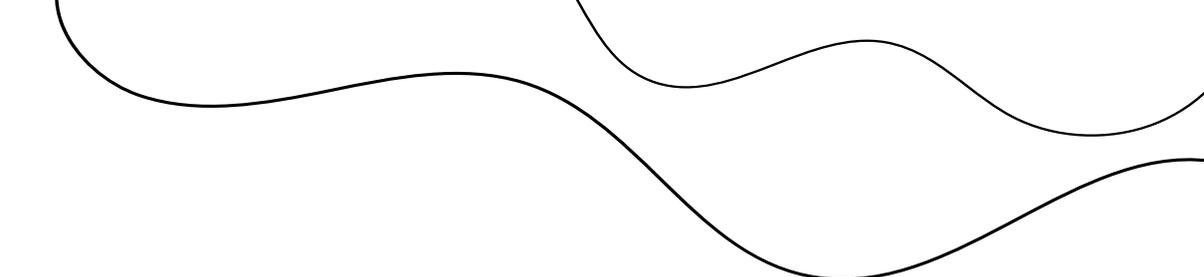


Fonte: fotos de Anderson Augusto com o modelo Rafael Câmara. Acervo do Akihito Hira.

Figura 10 - Coleção “Vaqueiro Desconstruído pela Alfaiataria”



Fonte: fotos de Anderson Augusto com o modelo Rafael Câmara. Acervo do Akihito Hira.



Outras famílias do Seridó: uma proposta para se refletir sobre as mestiçagens no sertão do Rio Grande do Norte

Helder Macedo

Início este ensaio trazendo dois fatos. O primeiro: no mês de agosto, todos os anos, a cidade sertaneja de Acari, na região do Seridó, no Rio Grande do Norte, celebra sua padroeira, Nossa Senhora da Guia. Costumeiramente, além do hino mais conhecido — de autoria de Palmyra Wanderley e música de Felinto Lúcio Dantas — o coral executa o primeiro hino dedicado àquela que abençoa as terras do Acari, provavelmente composto na segunda metade do século XIX, intitulado *Oh! Senhora da Guia*, cuja letra é atribuída a Vivaldo Pereira e a melodia a José Venâncio Dantas (1853-1926). O segundo: quem é do Rio Grande do Norte — arrisco, de alguns rincões no Brasil — já deve ter escutado em algum evento, solenidade, baile ou mesmo numa igreja, a valsa *Royal Cinema*, de autoria de Tonheca Dantas, como ficou conhecido Antonio Pedro Dantas (1871-1940). Essa música foi composta, provavelmente, numa primeira versão, em Belém, no começo do século XX e foi finalizada, especialmente, para a inauguração do Cinema Royal, em Natal, em 1913. Posteriormente, foi executada na Rádio BBC de Londres, durante a Segunda Guerra Mundial, conforme indicam os estudos do historiador Claudio Galvão.

O que esses fatos têm em comum? As pessoas a que me referi, José Venâncio (Figura 01) e Tonheca Dantas (Figura 02), são importantes nomes reconhecidos como precursores da história da música na região do Seridó potiguar e mesmo fora dela, tendo atuado, ambos, como músi-

cos, maestros e compositores. Além disso, eram irmãos e “mestiços”, ou seja, filhos de um casal com qualidades diferentes: João José Dantas, homem branco, e Vicência Maria do Espírito Santo (cujo nome variou, em documentos de época, para Vicência Maria da Conceição), mulher não branca e escrava liberta. Essa ancestralidade mestiça, todavia, é pouco ou quase nunca mencionada em ocasiões nas quais se fala da presença das artes musicais no Sertão do Seridó.

Duas fotografias de uma banda de música que existia na Povoação de Carnaúba — hoje, Carnaúba dos Dantas — na década de 1920 conseguem nos dar indícios de como pessoas não brancas eram mais comuns do que podemos pensar nos grupos musicais da época. Na primeira, provavelmente de 1925 ou de 1926 (Figura 03), é possível identificar as pessoas de José Venâncio, sobre quem já falei, que era o maestro; ao seu lado, segurando um instrumento, Pedro Arboés Dantas, seu sobrinho legítimo, homem de cor “morena”, como lembram seus familiares e mesmo outros registros fotográficos posteriores; e, sentado, na mesma fila de homens sentados, quase na extremidade, Chico Tavares, como era conhecido o sr. Francisco Bento das Chagas, homem negro. Numa fotografia da mesma banda de música, mas em 1928, considerando a ascendência mestiça da família de José Venâncio Dantas — a essa altura, já falecido —, podemos observar a presença de alguns de seus parentes (Figura 04): os filhos José Venâncio Filho, Bertoldo Venâncio Dantas e Genésio Venâncio Dantas; os netos Pedro Arboés Filho e José Venâncio Neto; e os sobrinhos Pedro Arboés Dantas (filho de seu irmão, Pedro Carlos Dantas), Clarindo Dantas e Inácio Feliciano Dantas (filhos de sua sobrinha Francisca Hipólito Dantas, filha, por sua vez, de Pedro Carlos Dantas). Além disso, o mesmo Chico Tavares, da fotografia anterior, continuava na composição da banda de música, além de Severino Victor de Medeiros, filho de Victor José Modesto, homem negro.

Carnaúba dos Dantas possui uma tradição de envolvimento de seus habitantes com a música desde, pelo menos, os anos de 1880 (nessa época, as terras que compunham o atual município pertenciam ao território de Acari), razão que levou o Governo do Estado a reconhecer o município, pela Lei Estadual 10.923, de 10 de junho de 2021, como a “Terra da Música” no Rio Grande do Norte. Entretanto, a presença de musicistas e bandas de música não é prerrogativa única dos moradores do Vale do Rio Carnaúba. Na então Vila Nova do Príncipe (hoje, Caicó), em 1788, quando se procedeu o inventário de Manuel Marques, o senhor Francis-

co da Costa recorreu à Justiça para pedir o pagamento de uma dívida deixada pelo defunto — Manuel Marques — a ele, referente à compra de fazendas (tecidos), que ainda não havia sido liquidada. Uma das testemunhas listadas, para confirmar a existência da dívida, foi o pardo Joaquim José de Vasconcelos, à época, solteiro, com 20 anos de idade, morador na vila, e que vivia de sua arte de música. Esse importante documento, onde estão contidas essas informações, está circunscrito ao Fundo da Comarca de Caicó e encontra-se custodiado pelo Laboratório de Documentação Histórica (Labordoc) do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) — Campus de Caicó, na Caixa 410.

Trata-se, de longe, do registro mais antigo da presença de músicos no Seridó, e, especificamente, ligado à presença de mestiços circulando no cotidiano dos sertões da pecuária. No primeiro mapeamento populacional conhecido desse espaço, feito pelo padre Francisco de Brito Guerra pouco mais de vinte anos depois, as informações confirmam que a composição das pessoas que habitavam a Freguesia do Seridó — cuja sede ficava na Vila Nova do Príncipe — era bastante diversa. No ano de 1809, no território da freguesia, equivalente, aproximadamente, ao que hoje é a região do Seridó, nasceram 187 pessoas, das quais, três foram qualificadas como índias, 68 foram qualificadas como brancas, 26 como pretas e 90 como mulatas. Nesse mesmo ano foram realizados 68 casamentos, dos quais um de índios, 24 de brancos, nove de pretos e 34 de mulatos. Por fim, morreram, em 1809, 50 pessoas, sendo duas índias, 19 brancas, nove pretas e 20 mulatas. Em ambas as ocasiões — nascer, casar, morrer — o número de pessoas não brancas chegou a mais de 60% do conjunto das pessoas que residiam no Sertão do Seridó.

Esse mapa populacional, cujos originais estão arquivados no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e possui uma transcrição publicada por Olavo de Medeiros Filho em *Cronologia Seridoense* (2002), representa um olhar da Igreja Católica sobre as qualidades das pessoas que eram moradoras no Seridó. Um olhar genérico, eu diria, já que agrupa as pessoas em, apenas, quatro denominações: brancas, pretas, índias e mulatas. Fiz uma comparação com os livros de registros paroquiais de casamento e óbito da Freguesia do Seridó que ainda existem — não há livro de batizados para o ano de 1809, infelizmente —, que se encontram na Casa Paroquial São Joaquim, em Caicó. Não observei estritamente as quantidades, mas, as qualidades das pessoas que se casaram nesse ano: além daquelas adjetivadas como pretas,

encontrei homens e mulheres do Gentio de Angola, do Gentio de Guiné ou simplesmente com a letra “N” ao lado do assento. É provável, pois, que tenham sido agrupadas, pelo padre Brito Guerra, no rótulo genérico de “pretos”, denominação que, conforme vem demonstrando estudos historiográficos recentes, abrigava pessoas de cor negra (seria, a letra “N”, que me referi, uma abreviatura de “negro”?) e/ou oriundas de África (como aquelas ditas do Gentio de Angola ou de Guiné).

No que diz respeito às pessoas que morreram em 1809, também encontrei, além de pessoas pretas, algumas distinguidas como sendo do Gentio de Angola ou com a letra “N” no assento. Voltando aos casamentos desse ano, o próprio padre Brito Guerra anotou, nos registros, uniões envolvendo pessoas qualificadas como pardas (Figura 06) e cabras, além de outras diferenciadas do restante das pessoas pela letra “P” (pardo ou parda?) no assento. Curiosamente, não há nenhum registro de matrimônio de mulatos nesse ano — e mesmo no livro de casamentos, que vai de 1788 a 1809. A minha hipótese, baseado nos estudos de Eduardo França Paiva, é de que a qualidade de “mulato” tenha sido aplicada, pelo referido padre, ao conjunto de pessoas que era fruto de mestiçagens, na freguesia, agindo, nesse mapa populacional, portanto, como um “guarda-chuva” que abrigava os pardos e os cabras.

Retornando ao tema da música no Seridó, em 1945 o padre Eymard Monteiro publicou o seu livro *Caicó: subsídios para a história completa do município*, em que narrou um curioso fato ocorrido na Cidade do Príncipe (hoje, Caicó) entre os anos de 1870 e 1880. Nesse período, segundo o autor, havia três negros, todos alfaiates e músicos, residindo no Príncipe: Luiz Chermont de Brito, Luiz Carrapato e Luiz Cardeal. O primeiro, além de músico, foi tesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e tinha conhecimentos de medicina (alopática e homeopática), que colocava em prática, atendendo a consultas no espaço urbano. Depois de sua morte, ocorrida em 1879, foi feito um inventário dos seus bens — um dos mais ricos que conheço, do ponto de vista da variedade de bens arrolados —, que se encontra custodiado pelo Labordoc. Entre os bens foram listados papéis de música e um clarinete, confirmando sua vocação para as artes.

Não se sabe muito acerca da origem de Luiz Chermont, além de que era natural da Freguesia de Sant’Ana do Seridó, solteiro e filho único de uma senhora chamada “Antonia” (de Tal, como consta em seu

inventário *post-mortem*). Também não consegui localizar seu batizado e o óbito, onde poderia existir a sua qualidade. O adjetivo de “negro”, evocado pelo padre Eymard Monteiro, talvez fosse um genérico encobrindo sua ancestralidade mestiça ou, em caso contrário, a ascendência africana de sua mãe, Antonia. Esse é um aspecto que merece mais investigações. O Recenseamento do Império do Brasil, feito sete anos antes da morte de Luiz Chermont, mostra um cenário populacional, na Paróquia de Sant’Ana da Cidade do Príncipe, bastante heterogêneo (Figura 07). Das 9.847 almas recenseadas em 1872, 5.353 foram classificadas como brancas; 1.629, como pardas; 1.436, como pretas; e 1.429, como caboclas. É possível, considerando o que já foi exposto, que Luiz Chermont tenha sido listado entre os 45,63% de pessoas não brancas que habitavam no território da paróquia, que contrastavam com os 54,36% de gente branca. Esses números precisam ser problematizados, considerando que se trata de uma estimativa da população, num quadro mais amplo de construção do Estado e da nação, no Brasil, por meio do conhecimento da sua dinâmica demográfica, conforme aponta o historiador Tarcísio Botelho (1998).

Vinte anos mais tarde, nos anos de 1890, a Cidade do Príncipe tinha um conjunto musical que atuava, principalmente, animando eventos de cunho religioso. Refiro-me à Banda de Música 4 de Maio, regida pelo mestre Manuel Fernandes de Araújo Nóbrega. Numa fotografia cuja data provável é de 1893 (Figura 08), publicada no livro *Caicó, cem anos atrás* (1988), de Olavo de Medeiros Filho, consta a distinção de um dos membros (nº 8) dessa banda como sendo Manuel (de Juvêncio Preto). A pessoa de nº 9, José Joaquim, que está ao seu lado, a julgar pelas características fenotípicas, parece ser um homem não branco. Seriam, esses dois integrantes, músicos negros ou mestiços? Uma pesquisa com maior profundidade e cruzamento com outros documentos históricos é necessária para se responder à questão. Contudo, o panorama de Caicó, presente no Recenseamento da População do Brasil de 1890 (Figura 09), apresentava, tal como o de 1872, um cenário diverso, com presença considerável de população não branca, em torno de 37,25% do total. Das 8.915 pessoas que residiam no município, 5.592 foram consideradas brancas; 721, pretas; 524, caboclas; e 2.078, “mestiças”.

Na primeira metade do século XX, entre as décadas de 1920 e 1930, Caicó conheceu a genialidade de José Ezelino da Costa (1889-1952), negro e filho de Bertuleza Luzia da Conceição, mulher forra, o qual

destacou-se como primeiro fotógrafo do Seridó, como demonstra a tese *Fotografia e complexidade: a educação pelo olhar* (2003), de Eugênia Maria Dantas e o livro *Quando a pele incendeia a memória: nasce um fotógrafo no sertão do século XIX* (2019), de Angela Almeida. Além da sua dedicação à fotografia, Zé Ezelino — como era conhecido — também esteve presente no cenário musical. Conforme o relato de sua sobrinha, a arquiteta Ana Zélia Moreira, ele era músico, com habilidade para vários instrumentos, além de compor músicas sacras. No registro que está publicado no álbum de Alberto Medeiros, na rede social *Facebook*, há um registro de uma banda de música na primeira metade do século XX (Figura 10). Nele vemos José Ezelino e outras pessoas negras como integrantes do conjunto musical. Ainda segundo o relato de Ana Zélia, Zé Ezelino costumava participar com regularidade das festividades religiosas nas cidades seridoenses de Acari, Florânia, Carnaúba dos Dantas, Jardim do Seridó e São João do Sabugi, onde, além de trabalhar como fotógrafo, integrava-se a algumas das bandas locais, como músico.

Os exemplos que comentei nos parágrafos anteriores apontam para uma compreensão da história do Sertão do Seridó em que a importância dada aos atores sociais não recai, apenas, sobre os brancos. Essa compreensão diverge de livros escritos por historiadores considerados “clássicos” da historiografia do Rio Grande do Norte, em que a história de municípios sertanejos, geralmente, é contada por meio de uma sucessão de acontecimentos que remonta ao período colonial, composta por: chegada de colonos brancos e/ou portugueses (ou seus filhos) ao interior, com finalidades ligadas à expansão da pecuária; os eventos da “Guerra dos Bárbaros” e o “desaparecimento” dos índios após esses confrontos bélicos; a implantação de fazendas e sítios de criação de gado, com pouca mão de obra escrava negra; a construção de capelas em alguns desses lugares, que originaram povoações, vilas e cidades. Esse tipo de narrativa, linear e quase sem conflitos, pode ser vista em livros como *História do Rio Grande do Norte* (1921), de Augusto Tavares de Lira, e *História do Rio Grande do Norte* (1954), de Luís da Câmara Cascudo.

As versões da história que construí antecipadamente, em que pessoas mestiças e negras também são protagonistas da vida social, igualmente, destoam dos livros escritos por historiadores eruditos da região do Seridó sobre o seu passado colonial. Tomo como exemplo as obras *Famílias Seridoenses* (1940), de José Augusto Bezerra de Medeiros, e *Velhas famílias do Seridó* (1981), de Olavo de Medeiros Filho, que reforçam a

superioridade de pessoas brancas e/ou portuguesas na composição das parentelas que povoaram e ocuparam o espaço anteriormente habitado pelos povos indígenas. Nesses livros, fortemente marcados pelo apego à reconstrução de árvores genealógicas, patriarcas — quase nunca matriarcas — são tidos como iniciadores de famílias cuja descendência chega até os dias de hoje, ocupando lugares nos centros de poder de municípios sertanejos. Dentre essas famílias, cito os Medeiros Rocha, os Araújo Pereira, os Dantas Corrêa, os Pereira Monteiro, os Garcia de Araújo, os Batista dos Santos, os Gonçalves de Melo, os Azevêdo Maia, os Lopes Galvão e os Bezerra.

A presença indígena, preta, crioula e mestiça é mencionada de forma rarefeita, quando não invisibilizada. Essa atitude reflete, ora de forma manifesta, ora, sutil, um branqueamento da história e da genealogia do Seridó, que caminha, lado a lado, com certo silenciamento sobre o tema da participação de indígenas, mestiços, pretos e crioulos, seja na produção do espaço, seja na formação de famílias que povoaram as terras sertanejas após a Guerra dos Bárbaros.

Esse silêncio em relação a pessoas que não fossem de origem branca e/ou portuguesa (ou seus descendentes próximos) nos livros de história sobre o Seridó me incomodava desde a época da graduação (1997-2002) e do mestrado (2005-2007), quando realizei um estudo sobre a questão indígena nos sertões (Figura 11), publicado no livro *Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens* (2011). E, quando fiz o doutorado (2009-2013), o desconforto continuou, à medida que os interesses de minhas investigações passaram a se aproximar das populações mestiças e sua participação, em especial, na construção de famílias no Seridó colonial.

É importante destacar que minhas pesquisas se enquadram em uma tradição de estudos acadêmicos feitos sobre o Seridó em que foram problematizados importantes pontos ligados ao silêncio já referido. A dissertação *Cativos do Sertão: um estudo da escravidão no Seridó* (2000), de Cláudia Lago e os livros *A Morte do Sertão Antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florência (1970-1990)* (2006), de Douglas Araújo e *Rústicos cabedais: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões da pecuária (Seridó — século XVIII)* (2015), de Muirakytan Kennedy de Macêdo demonstraram que a formação da sociedade colonial no território sertanejo banhado pelo rio Seridó e seus

afluentes envolveu não apenas uma elite branca subjugando nativos, africanos e seus descendentes. Emerge, a partir da leitura dos referidos trabalhos, a ideia de que pessoas e grupos com diversas origens sociais ou baseadas na cor participaram desse processo de formação da sociedade sertaneja, figurando nas listas populacionais e evocados na memória oral, além do que, também se organizaram em associações, como é o caso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada na sede da Freguesia do Seridó na década de 1770.

No livro *Rústicos cabedais* (2015), em particular, Muirakytan Macêdo demonstrou uma importante ideia: a de que a sociedade da pecuária construída na Ribeira do Seridó, no século XVIII, cruzou culturas diferentes, com referências vindas dos mundos indígena, negro e branco, em alguns momentos, “violentamente excludentes, vez ou outra amalgamáveis”. Para o referido historiador, o Seridó é um lugar de práticas sociais e mesclas culturais que, historicamente, produziram solidariedades familiares que persistem na memória regional até a contemporaneidade. Esse foi um dos elementos que agreguei à problematização do tema da história das mestiçagens no Sertão do Seridó, que construí durante a pesquisa do doutorado.

Essa investigação científica teve como base uma série de fontes históricas relativas aos séculos XVIII e XIX, armazenadas em arquivos físicos nas cidades de Caicó, Acari, Carnaúba dos Dantas e Natal, no Rio Grande do Norte; de Recife, em Pernambuco; e do Rio de Janeiro, além de arquivos *on-line*, como o Arquivo Histórico Ultramarino (Portugal), disponível no site da Biblioteca Nacional. Refiro-me a sesmarias, registros paroquiais (batizado, casamento, óbito), livros de tombo e de fábrica, inventários *post-mortem*, justificações de dívida, ações cíveis, cartas de alforria, escrituras, registro de sizas, mapas populacionais, compromissos, demarcações de terra e, entre outras, alvarás. O contato com esses documentos me permitiu ter acesso a histórias de pessoas nomeadas, por padres, escrivães e juizes, como brancas, pretas, negras, índias, crioulas, mas, também, como pardas, cabras, mulatas e mamelucas, convivendo no mesmo território. Dentre essas pessoas, resalto a persistência, a partir do início do século XVIII, de Nicolau Mendes da Cruz, Feliciano da Rocha e Vasconcelos e Manuel Esteves de Andrade, crioulo forro, preto forro e pardo, respectivamente, os quais deixaram descendência na Data do Riacho São José, no Sertão do Seridó.

O resultado dessa pesquisa está demonstrado em meu livro *Outras famílias do Seridó: genealogias mestiças nos sertões do Rio Grande do Norte (séculos XVIII-XIX)*, publicado em 2020 (Figura 12), cuja questão central foi: que lugar as pessoas mestiças tiveram no processo de constituição de famílias, no Sertão do Seridó, dos anos de 1700 em diante? Explorei, no livro, um universo até então pouco visitado pela historiografia regional do Seridó: o das famílias mestiças, ou seja, aquelas que tinham, em suas gerações mais recuadas no tempo, nos séculos XVIII e XIX, agentes sociais de diferentes qualidades e condições, como índios, brancos, pretos, crioulos e pardos, livres, forros e cativos. Os relacionamentos entre essas pessoas, na base de construção de agrupamentos familiares, fizeram com que seus descendentes, espalhados por diferentes lugares do Sertão do Seridó, recebessem diversas qualificações nos documentos paroquiais e judiciais analisados: *pardos*, *negros* e até mesmo *brancos*, com uma parcela, igualmente, que não recebeu qualificação alguma.

Foquei a atenção, no livro, em três famílias, que se instalaram na porção nordeste da freguesia, isto é, na Ribeira do Rio São José, afluente do Rio Seridó: os Mendes da Cruz, os Pereira da Cruz e os Pereira da Rocha, descendentes, respectivamente, de Nicolau Mendes da Cruz, de Manuel Esteves de Andrade e de Feliciano da Rocha de Vasconcelos, que já mencionei anteriormente. Esses três patriarcas, pelos estudos que empreendi, mantiveram, entre si, estreitos laços de parentesco consanguíneo e espiritual, situando-se nas fazendas São José, Saco e Barrentas, respectivamente. Essas fazendas se localizavam em territórios atuais dos municípios de São José do Seridó e Cruzeta (a primeira) e Acari (as duas segundas).

Os filhos, netos, bisnetos e trinotos de Nicolau Mendes, de Francisco Pereira e de Feliciano da Rocha, por meio de parentesco consanguíneo e espiritual, estabeleceram importantes conexões com grupos familiares provindos de colonizadores portugueses (ou descendentes desses, nascidos na América Portuguesa), que, assim como eles, sobreviveram do sustento que lhes dava a criação de gado, a pequena lavoura e, eventualmente, os ofícios mecânicos de pedreiro, carapina e ferreiro. A partir da pesquisa que realizei para a tese de doutorado, e de sua continuidade, é possível que, daqui a algum tempo, a atual geração de historiadores possa encontrar-se com mais descendentes de Nicolau Mendes, de Manuel Esteves e de Feliciano da Rocha. E, a partir desse encontro, lhes falar de como, nas raízes de suas árvores genealógicas, houve mesclas

de pessoas pretas, crioulas, indígenas, brancas e pardas, escravas, livres e libertas. São essas pessoas que estão na capa e no miolo de meu livro, e sobre as quais, espero continuar falando por muito tempo: as *outras famílias do Seridó*.

Referências

ALMEIDA, Angela. **Quando a pele incendeia a memória**: nasce um fotógrafo no sertão do século XIX. Natal: EDUFRN, 2019.

ARAÚJO, Douglas. **A Morte do Sertão Antigo no Seridó**: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia (1970-1990). Fortaleza, CE: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

AUGUSTO, José. **Famílias Seridoenses**. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2002 [1940].

BORGES, Cláudia Cristina do Lago. **Cativos do Sertão**: um estudo da escravidão no Seridó, Rio Grande do Norte. 2000. 131f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Estadual Paulista, Franca, 2000.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. **População e nação no Brasil do século XIX**. 1998. 241f. Tese (Doutorado em História Social) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BRASIL. Directoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Brazil em 1872**. Rio de Janeiro: Typographia G. Leuzinger, [1876].

BRASIL. Ministerio dos Negocios do Interior. Directoria Geral de Estatística. **Recenseamento Geral da Republica dos Estados Unidos do Brazil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1892.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé; Natal: Fundação José Augusto, 1984 [1954].

DANTAS, Eugênia Maria. **Fotografia e complexidade**: a educação pelo olhar. 2003. 229f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

GALVÃO, Claudio. **A desfolhar saudades**: uma biografia de Tonheca Dantas. 2.ed. Natal: Offset, 2021.

LIRA, Augusto Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto; Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1982 [1921].

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Outras famílias do Seridó: genealogias mestiças nos sertões do Rio Grande do Norte (séculos XVII-I-XIX)**. Curitiba: CRV, 2020.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens**. Natal: EDUFRN, 2011.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **Rústicos cabedais: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões da pecuária (Seridó — século XVIII)**. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Caicó, cem anos atrás**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Cronologia Seridoense**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 2002.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.

MONTEIRO, Eymard L'Eraistre. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. Recife: Escola Salesiana de Artes Gráficas, 1945.

MOREIRA, Ana Zélia Maria. **16 de julho — Dia de Nossa Senhora do Carmo, Co-Padroeira de Recife/PE**. Natal: 17 jul. 2019. Texto disponível no perfil da autora na rede social *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=177622526593685&set=pb.100030378168109.-2207520000.&type=3>. Acesso em: 15 mar. 2022.

MOREIRA, Ana Zélia Maria. Histórias pretas e mestiças: protagonismo do preto na música e esporte no Seridó potiguar. *In: SESC Seridó. Histórias pretas e mestiças em Caicó*. Caicó: 19 out 2021. Debate ocorrido no âmbito da Aldeia SESC Seridó 2021, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em História do CERES (PPGHC-UFRN), mediado pelo mestrando João Paulo Silva e contando com a exposição de Ana Zélia Maria Moreira, Antônio Neves de Araújo Filho, André Vicente e Silva e Helder Alexandre Medeiros de Macedo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6buGhqaUWIQ>. Acesso em: 15 mar. 2022.

MOREIRA, Ana Zélia Maria. **José Ezelino da Costa**. Natal: 25 out 2012. Texto disponível no perfil da autora na rede social *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=480275568660749&set=pb.100000349303578.-2207520000.&type=3>. Acesso em: 15 mar. 2022.

PAIVA, Eduardo França. **Dar nome ao novo: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagens e o mundo do trabalho)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Para saber mais

ARAÚJO, Maiara Silva. Análise quantitativa e qualitativa dos colonos que assentaram praça na Capitania do Rio Grande (Séculos XVII, XVIII E XIX). **Bilros**, Fortaleza, v. 7, p. 124-152, 2019.

ARAÚJO, Maiara Silva. Considerações sobre dinâmicas de mestiçagem a partir do exame de uma família de pardos: os Fernandes das Neves, da Freguesia do Seridó (séculos XVIII - XIX). *In*: VI Encontro Estadual de História, 2014, Assú. **Anais do VI Encontro Regional Estadual de História** da ANPUH - RN. Assú: UERN, v. VI. p. 650-669, 2014.

ARAÚJO, Maiara Silva; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Vivências mestiças e administração colonial nos sertões da capitania do Rio Grande: o caso da família Soares de Oliveira (séculos XVIII-XIX). **Espacialidades**, Natal, v. 10, p. 14-45, 2016.

ARAÚJO, Maiara Silva; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Homens da justiça e das ordenanças: mestiços na administração colonial nos sertões da Capitania do Rio Grande (Séculos XVIII e XIX). **Em Perspectiva**, Fortaleza, v. 3, p. 225-246, 2017.

ARAÚJO, Maiara Silva. **Tropas pagas e ordenanças**: perfil social dos militares da capitania do Rio Grande (séculos XVII-XIX). 2019. 235f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

MEDEIROS, Maria Alda Jana Dantas de. À sombra do Jardim: apontamentos sobre o “desaparecimento” indígena na Povoação do Jardim das Piranhas (Ribeira do Piranhas, séculos XVIII e XIX). **Faces da História**, Assis, v. 7, p. 167-191, 2020.

MEDEIROS, Maria Alda Jana Dantas de. Flores no sertão: o protagonismo feminino na formação da Povoação do Jardim das Piranhas (sertões do Seridó, séculos XVIII-XIX). *In*: I Seminário Nacional de História Social dos Sertões / II Colóquio de História Social dos Sertões, 2018, Crato - CE. **Anais do I Seminário Nacional de História Social dos Sertões / II Colóquio de História Social dos Sertões**. Crato: Universidade Regional do Cariri - URCA, p. 231-242, 2018.

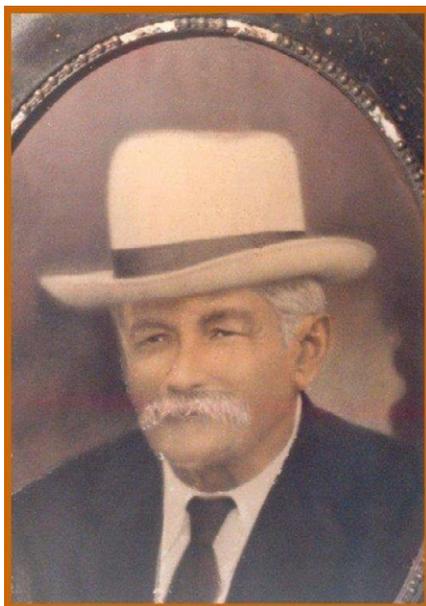
MEDEIROS, Maria Alda Jana Dantas de. **Vastas e ermas: mulheres não brancas no sertão do Rio Grande (Seridó, séculos XVIII e XIX)**. 2022. 276f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

SANTOS, Matheus Barbosa. Por detrás das letras: um estudo de caso sobre Antonio Vaz Ferreira Júnior, João de Sousa e Silva e Manoel Pereira da Silva Castro (Ribeira do Seridó, sertões do Rio Grande do Norte, 1777-1830). In: VIII Encontro Estadual de História da ANPUH-RB / XIV Semana de Estudos Históricos do CERES: A História e o Futuro da Educação no Brasil, 2019, Caicó/RN. **Anais do VIII Encontro Estadual de História da ANPUH-RB / XIV Semana de Estudos Históricos do CERES-UFRN: A História e o Futuro da Educação no Brasil**. Caicó/RN: Departamento de História do CERES, v. 1. p. 271-285, 2018.

SANTOS, Matheus Barbosa. Variabilidades na qualificação de populações cativas: um estudo de caso sobre João de Sousa e Silva (Ribeira do Seridó, Sertões do Seridó, 1777-1805). In: I Seminário Nacional de História Social dos Sertões / II Colóquio de História Social dos Sertões, 2018, Crato/CE. **Anais do I Seminário Nacional de História Social dos Sertões / II Colóquio de História Social dos Sertões**. Crato/CE, v. 1. p. 104-114, 2018.

SANTOS, Matheus Barbosa. **Neste mesmo chão, outros passos: indivíduos não-brancos nos sertões do Rio Grande (Ribeira do Acauã, Totoró, séculos XVIII e XIX)**. 2022. 187f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

Figura 01 — José Venâncio Dantas



Fonte: *A desfolhar saudades: uma biografia de Tonheca Dantas*, de Claudio Galvão (2021, p. 21). Imagem capturada a partir de foto que está custodiada no Museu Histórico Nossa Senhora das Vitórias, em Carnaúba dos Dantas-RN.

Figura 02 — Tonheca Dantas (Antonio Pedro Dantas) em 1922



Fonte: *A desfolhar saudades: uma biografia de Tonheca Dantas*, de Claudio Galvão (2021, p. 152).

Figura 03 — Banda de Música da Povoação de Carnaúba (em 1925 ou 1926)



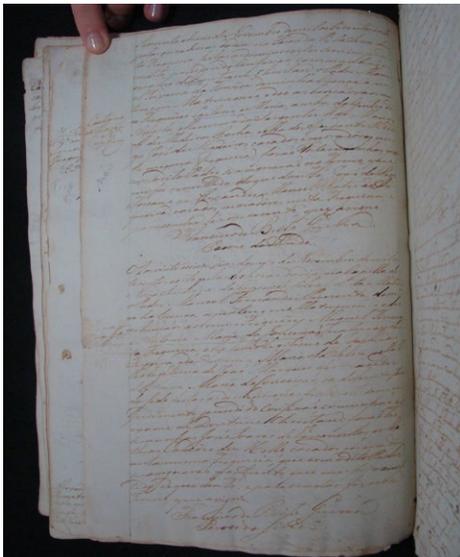
Fonte: arquivo pessoal de Genilson Osni de Araújo. Coletada pelo projeto Carnaúba dos Dantas: inventário do patrimônio imaterial de uma cidade do sertão do RN, coordenado por Helder Macedo entre 2004-2005. **Legenda:** 1 — Francisco Bento das Chagas (Chico Tavares); 2 — Pedro Arboés Dantas; 3 — José Venâncio Dantas.

Figura 04 — Banda de Música da Povoação de Carnaúba (1928)



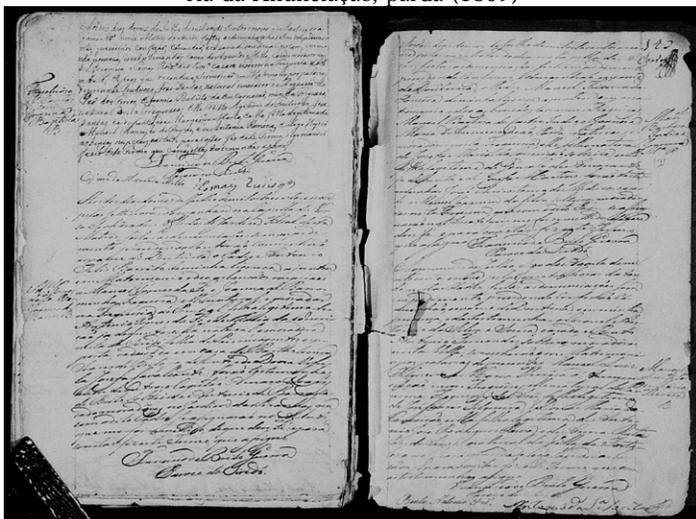
Fonte: arquivo pessoal de Francisca das Chagas (Chiquinha Baêta). Coletada pelo projeto Carnaúba dos Dantas: inventário do patrimônio imaterial de uma cidade do sertão do RN, coordenado por Helder Macedo entre 2004-2005. **Legenda:** 1 — Francisco Bento das Chagas (Chico Tavares); 2 — Pedro Arboés Dantas; 3 — José Venâncio Dantas.

Figura 05 — Registro de casamento de Caetano e Maria (1808), do Gentio de Angola



Fonte: Livro 2 de Casamentos da Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó (1788-1809), f. 141v. Acervo da Casa Paroquial São Joaquim. Vemos, aqui, o casamento de Caetano e Maria, realizado em 1808 na Fazenda Pé da Serra, da mesma freguesia, pelo padre Manuel Teixeira da Fonseca. A qualidade dos noivos, dentro do registro, determinada pelo padre, foi de “Gentio de Angola”, ou seja, eram provenientes de África. Ao lado do registro, todavia, no espaço destinado às averbações, o padre incluiu “Caetano e Maria N. Captivos”. Ou seja, a letra N, aqui, indica, provavelmente, a abreviatura da qualidade de “negro”, imputada às pessoas provenientes de África. No contexto desse casamento, o noivo era escravo do sargento-mor Manuel de Medeiros Rocha e, a noiva, do ajudante Rodrigo de Medeiros Rocha.

Figura 06 — Registro de casamento de Manuel Barbosa de Castro, índio, e Joana Maria da Anunciação, parda (1809)



Fonte: Livro 2 de Casamentos da Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó (1788-1809), f. 147. Acervo da Casa Paroquial São Joaquim microfilmado e disponibilizado no FamilySearch. Disponível em <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939K-Q17Y-C?i=147&wc=M786-4P8%3A371343201%2C371343202%2C371518001&cc=2177294> (Acesso em: 15 jan. 2022). Vemos, aqui, o casamento do índio Manuel Barbosa de Castro, filho natural de Joana Maria da Conceição, com a parda Joana Maria da Anunciação, filha legítima de Gonçalo do Amarante e Josefa Martins — descendente de Francisco Pereira e Cosma Maria, que estudei no livro *Outras famílias do Seridó* (2020). O matrimônio foi celebrado em 1809, na Capela do Acari. Importante reparar, ao lado do assento, a letra “P.”, que indica a qualidade de “parda” atribuída a Joana Maria da Anunciação.

Figura 07 — População dos municípios do Príncipe, Jardim e Acari de suas paróquias em 1872, por raça

MUNICÍPIOS E PARÓQUIAS	POPULAÇÃO TOTAL	RAÇAS							
		BRANCA		PARDA		PRETA		CABOCLA	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sant’Ana (Príncipe)	9.847	5.353	54,36	1.629	16,54	1.436	14,58	1.429	14,51
N. S. do Ó da Serra Negra (Príncipe)	2.747	1.300	47,32	980	35,67	399	14,52	68	2,47
N. S. da Conceição (Jardim)	7.678	4.077	53,09	2.797	36,42	570	7,42	234	3,04
N. S. da Guia (Acari)	11.520	6.406	55,60	4.065	35,28	903	7,83	146	1,26
Total	31.792	17.136	53,90	9.471	29,79	3.308	10,40	1.877	5,90

Fonte: *Recenseamento do Brasil em 1872* (1876), v. 11.
Tabulação dos dados feita por Helder Macedo.

Figura 08 — Banda de Música 04 de Maio (1893?)



Fonte: *Caicó, cem anos atrás* (1988), de Olavo de Medeiros Filho, p. 112-113.

Figura 09 — População, por raça, dos municípios de Acari, Caicó, Currais Novos, Flores, Jardim, São Miguel do Jucurutu e Serra Negra

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO TOTAL	RAÇAS							
		BRANCA		PRETA		CABOCLA		MESTIÇA	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Acari	5.434	3.633	66,85	192	3,53	223	4,10	1.386	25,50
Caicó	8.915	5.592	62,72	721	8,08	524	5,87	2.078	23,30
Currais Novos	4.726	2.135	45,17	330	6,98	305	6,45	1.956	41,38
Flores	3.384	2.004	59,21	220	6,50	39	1,15	1.121	33,12
Jardim	10.648	7.350	69,02	530	4,97	638	5,99	2.130	20,00
São Miguel do Jucurutu	3.122	1.693	54,22	229	7,33	357	11,43	843	27,00
Serra Negra	4.285	2.612	60,95	500	11,66	463	10,80	710	16,56
TOTAL	40.514	25.019	61,75	2.722	6,71	2.549	6,29	10.224	25,23

Fonte: Recenseamento da população do Brasil em 1890 (1892).
Tabulação dos dados feita por Helder Macedo.

Figura 10 — Banda de Música em Caicó na primeira metade do século XX



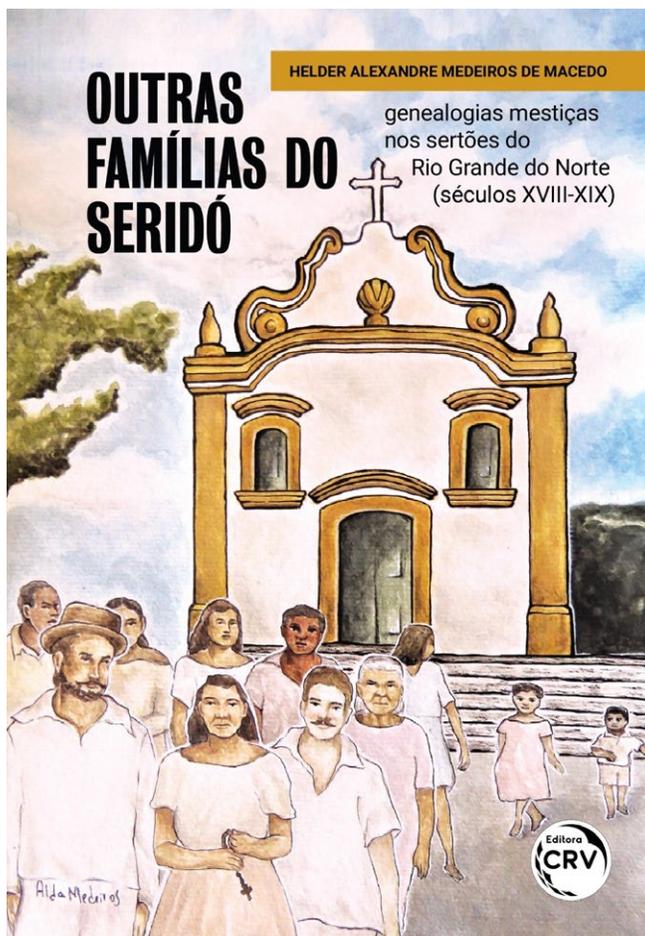
Fonte: Álbum “Caicó de outros tempos: coletânea de fotos antigas”, do perfil de Alberto Medeiros na rede social Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=166269333438792&set=a.165684013497324> (Acesso em: 15 jan. 2022).
Legenda: 1 — José Ezelino da Costa. É possível perceber, na fotografia, outras pessoas negras integrando o conjunto musical.

Figura 11 — Capa de *Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens* (2011)

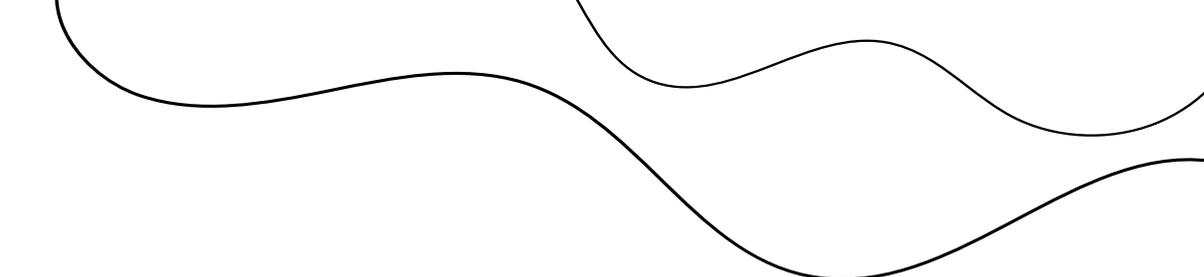


Fonte: Arquivo Pessoal de Helder Macedo

Figura 12 — Capa de *Outras famílias do Seridó: genealogias mestiças nos sertões do Rio Grande do Norte (séculos XVIII-XIX)* (2020)



Fonte: Imagem produzida por Alda Medeiros. Arquivo Pessoal de Helder Macedo



O sertão a partir do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

Ledson Marcos da Silva

Como uma instituição de estudos de história e de geografia pode ajudar a pensar a forma como você, leitor, enxerga os sertões do Brasil? O que um coletivo de sócios de uma instituição de pesquisa histórica e geográfica que viveu ao longo do século XX pode dizer sobre como o sertão foi pensado? Convido você, caro leitor, a acompanhar-me nesta pequena caminhada pela história dos sertões.

Pensar a história dos sertões é fundamental para a compreensão da vida na sociedade brasileira. Não há Brasil sem sertões. Não há vida social sem levar em consideração o interior, a vida do sertanejo. Da mesma maneira que você não consegue entender o Norte sem o Sul, não é possível entender o movimento que constituiu o que se chama hoje de Brasil sem o sertão. É uma relação direta, basilar. Mas também é possível pensar os sertões a partir de si próprio, ou seja, o sertão pelo sertão. Há vida no sertão. Ele é povoado. Há história e memória no sertão.

Além disso, vale lembrar que o sertão legou uma riqueza cultural enorme. Quantos personagens e autores marcaram a literatura? Vide a figura do vaqueiro, do coronel, dos jagunços, cangaceiros, profetas e movimentos messiânicos. Essas figuras e histórias ganham vida com os livros de pessoas como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. Mas o sertão também está no cordel, no teatro, na música, na dança, na política, na produção de alimentos, no desenvolvimento econômico etc. Ou seja, não é possível viver no Brasil sem se relacionar de alguma forma com o mundo sertanejo. A vida está em interação constante com os sertões, daí sua importância. Mas há uma

outra dimensão, um outro caminho de reflexão para o qual eu gostaria de chamar a sua atenção. É a dimensão da história e como ela produz imagens do sertão.

Em primeiro lugar, imagine um grupo formado por homens, no ano de 1902, com o objetivo de escrever uma história sobre o Rio Grande do Norte. O porquê desse objetivo? Eles tinham acabado de ser incumbidos da missão de criar uma espécie de identidade do recém estado norte-rio-grandense. Lembre-se que a República tinha sido proclamada pouco tempo antes dessa data, em 1889! Devido a essa nova organização do Brasil, instituições foram levantadas com a finalidade da construção dessas identidades para os Estados Federativos. Este é o caso do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, que a partir de agora será referido pela sigla IHGRN.

Ao longo de sua história, o IHGRN reuniu homens da política, isto é, ex-deputados, ex-senadores, ex-governadores. Em sua grande maioria, advogados. Mas também contou com a associação de padres, médicos, engenheiros, militares e homens ativos no mundo político. O IHGRN até hoje tem uma Revista (Figura 01). Nela se publicam textos sobre o estado referentes a sua história, geografia, arqueologia, além de questões culturais, pequenas biografias, homenagens, registros de comemorações e divulgação de outras obras dos sócios.

Na Revista do Instituto, os sócios publicam monografias, artigos, atas administrativas. Os textos são o resultado da pesquisa desses homens em arquivos e bibliotecas. Mas esses sócios também se colocam em textos comemorativos, em homenagens, em notas necrológicas, reservando espaço nos anais do Instituto para a própria lembrança.

Você poderia perguntar: e onde o sertão aparece nisso tudo? Como o objetivo desses homens é construir uma história do estado, o sertão não poderia ficar de fora. O mundo sertanejo adentrou os textos através da história de homens do mundo político, como cenário de lembranças dos sócios do Instituto, como espaço de felicidade, da infância, da prosperidade e como um lugar a ser modernizado. Diante de todos esses espectros, o sertão não poderia faltar na história do Rio Grande do Norte. O sertão faz parte do todo. É impossível uma história do Brasil sem os sertões.

Os sertões foram e são o palco de muitas histórias. Os exemplos vão longe: o (des)encontro entre europeus e os indígenas, os conflitos nas colônias americanas, as lutas por independência, as revoluções, as re-

voltas de povos escravizados, entre outras histórias. O sertão participou efetivamente do universo dessas histórias que hoje inundam páginas e páginas dos livros de história, memórias e contos. Apesar de não parecer explicitamente, os sertões estão em nossos livros de histórias.

Em minha dissertação de mestrado, intitulada *Quando o Anjo da História sobrevoa as terras sertanejas* (2021), procurei narrar a relação entre o sertão e as histórias contadas por esses sócios do IHGRN. A busca consistiu em entender como eles falavam dos sertões, como eles representavam o sertão em suas histórias. Eu queria entender, portanto, a maneira pela qual o sertão ganhava vida a partir da Revista do Instituto. A pesquisa foi realizada dentro da comunidade científica do Mestrado em História dos Sertões, no âmbito da Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No banco de arquivos da pós-graduação da UFRN, você poderá encontrar essa e outras pesquisas voltadas ao estudo da história dos sertões.

Na pesquisa, especificamente, um dos resultados obtidos foi que não encontrei apenas um sertão. Mas vários *sertões*. Se cada autor narrava sua história, se cada autor construía mediante discursos o sertão em seu texto, utilizando documentos específicos, a partir de lugares específicos, então entendeu-se que há *sertões*, que há histórias de *sertanejos* nas páginas da Revista do Instituto.

Outro aspecto dessa investigação é a vontade, por parte dos sócios, de representar o sertão como verdadeiro. Quando os sócios narram as histórias onde o sertão tem uma participação ímpar, eles fazem isso afirmando que aquela história é fiel, é evidente, carrega a verdade, a realidade. Há uma vontade de afirmação, de confirmação de que aquele sertão narrado é o verdadeiro. A partir dessa análise, você, leitor, pode imaginar que a Revista do Instituto em determinado momento continha várias ideias de sertão. Sertões colonizados por portugueses, sertões colonizados por holandeses, sertões como lar dos ameríndios, sertões como espaço do progresso humano e tecnológico, que seria atravessado pelas linhas ferroviárias etc. São histórias de todos os tipos, e isso diz muito sobre a diversidade de narrativas que o IHGRN promovia. Da mesma maneira, isso também diz muito sobre a diversidade de autores que eram associados à instituição norte-rio-grandense.

Ora, a partir de tudo isso vale a reflexão que a Revista do IHGRN era uma espécie de palco onde diversas narrativas poderiam coexistir e dis-

putar entre si as representações do mundo sertanejo. A Revista carrega um conjunto de ideias dos sertões. O que isso significa? O que é possível pensar a partir desse panorama?

Uma ideia possível é compreender esse espaço de divulgação de histórias como um *espaço de luta* pela representação fiel do sertão, seja o sertão mais ao sul do Estado, o sertão de tempos coloniais, ou sertão do oeste norte-rio-grandense. O que vale ressaltar aqui é a perspectiva da Revista de uma instituição como lugar de luta, de disputa pela verdade na escrita da história.

Caro leitor, aqui encaminho uma discussão sobre a *luta* de ideias na sociedade. Já reparou que as pessoas lutam sobre o significado das coisas, sobre o que as coisas querem dizer, sobre os sentidos da vida, sobre o valor das coisas e sobre como o mundo deve ser? Basta uma pequena interação nas redes sociais, por exemplo, ainda mais em publicações de notícias, para que você perceba que as pessoas comentam aquilo que elas acham que é certo ou que é errado e como a sociedade deve ser. Se você não for alguém que tenha contato com essas redes, as conversas em tempos de campanha política corriqueiramente contemplam essas discussões. As redes sociais e os debates em tempos de campanhas políticas são dois exemplos que tornam isso mais nítido. Mas você não precisa exatamente disso para perceber esse caráter da luta de ideias na sociedade. Nossos valores e convicções facilmente escapam numa conversa entre amigos, colegas de trabalho. Dessa forma, considero que você, leitor, pode imaginar a si próprio no seu passado participando de uma dessas conversas, que mais se parecem com uma arena onde a verdade é algo a ser disputado, o grande troféu.

Esse debate diz respeito não apenas à luta pela dominação econômica na sociedade, à luta pela dominação religiosa, à luta pela dominação cultural, mas também à luta pela dominação ideológica, ou seja, o embate pela dominação da representação de mundo legítima, lutas na sociedade pela visão social que deve imperar. E não é uma luta com violência física, utilizando da força. É uma luta que ocorre no diálogo, na conversa, na publicação de um artigo, na postagem de uma coluna no jornal. O mundo é luta. É um jogo em que os agentes disputam pelos sentidos das coisas.

Da mesma forma acontece com a história. A história é alvo de disputas. O passado é disputado. Assim como em diversos setores da vida em sociedade, a narrativa da história, que se pretende dominante, passa por

relações de forças, lutas, resistências e impulsos. As pessoas lutam pela visão dominante do passado. É possível que você já tenha ouvido falar na citação do avô: “Ah, meu avô falava que na época dele...”. O recurso do avô é algo que não é tão difícil de escutar por aí. Ou mesmo quando uma pessoa com mais idade fala como autoridade sobre o passado: “No meu tempo, as coisas eram assim...”. Nos dois casos há o mesmo recurso de autoridade sobre o passado: o testemunho. O testemunho é uma forma típica de disputar um acontecimento, uma lembrança ou o passado propriamente falando.

Enxergar o mundo pela metáfora do jogo, da luta, do confronto é situar-se em uma perspectiva de mundo consagrada na sociologia, ou seja, a sociologia do combate. No entanto, torna-se mais clara essa ótica quando se pensa no exemplo da mídia política ou nas conversas em família. Esse caráter da disputa provoca tensões nas relações sociais. As entidades, instituições, movimentos sociais também manifestam essa dimensão da vida humana.

A luta pelo que é legítimo continua. Permanecem os embates para identificar o que é mais valorado dentro de um espaço, em um coletivo ou numa região da sociedade. Essa perspectiva foi o que me influenciou a analisar como a história do Rio Grande do Norte, mobilizada em alguma medida pelo IHGRN, produziu histórias *no* e *sobre* o sertão. Porque isso indicaria que o conceito de sertão, isto é, as ideias de sertão partem de uma luta dentro do Instituto para saber qual é a mais legítima, verdadeira, mais fiel.

Analisando os volumes da Revista do Instituto, que podem ser encontrados no site do Laboratório de Imagens da UFRN (LABIM), compreendi que ali também era um espaço em que narrativas históricas, às vezes opostas, eram divulgadas e disputavam um passado *verdadeiro* sobre os sertões do Rio Grande do Norte.

A história cria imagens do passado. Os textos históricos elaboram um conteúdo simbólico, ou seja, imagens que passam na mente de quem lê. Ao ser narrado, o sertão ganha aspectos, características, tempo histórico, detalhes espaciais. Interessei-me em investigar como essas narrativas construíram uma ideia de sertão. Se você, leitor, for pesquisar no Google, por exemplo, pode encontrar na seção de imagens a predominância de um sertão do semiárido, seco, pobre, ausente de verde. Diante dessa inquietação, a construção do sertão na Revista do IHGRN ganha seus

obreiros. Seleciono alguns nomes para compor a trama: homens como José Augusto, Nestor dos Santos Lima, Eloy de Souza e Luís da Câmara Cascudo narram em muito a história e geografia norte-rio-grandenses por longuíssimo tempo no século XX. Eles foram responsáveis, nesse sentido, por erguer sertões em suas obras.

As obras que esses homens construíram são fundamentais para entender como a historiografia do Rio Grande do Norte usou o passado. José Augusto falou sobre o sertão do Seridó, a região sul-meridional do Estado; Nestor dos Santos Lima falou sobre as várias cidades que compõem o sertão meridional do universo potiguar; e Câmara Cascudo, numa visão de viajante, de etnógrafo, narrou diferentes sertões ao cruzar o Estado, de norte a sul, mas também teceu comentários sobre os sertões do Amazonas, pois ali havia homens potiguares, nordestinos, que se enveredavam pelo interior do país. Pensando nesses exemplos, há diferentes acepções, ideias e imagens construídas narrativamente durante o século XX.

Com base nisso, entendi o IHGRN como um espaço que reúne diferentes pessoas de diferentes regiões do estado. Cada uma mobilizando narrativas que envolviam seus interesses. O Instituto promove relações sociais entre pessoas que se dedicam não só ao mundo intelectual, mas também à política e à cultura do Estado norte-rio-grandense. O IHGRN é, portanto, uma espécie de esfera que reúne sócios com diferentes concepções de sertão, da história, do passado. Isso ocorre não só devido à formação intelectual de cada sócio, mas também por causa de sua vivência como um todo. Imagina-se que cada sócio vai ter o seu próprio sertão elaborado em sua narrativa. O sertão será relativo a quem narra a história. Mas isso não quer dizer que esses sertões narrados não possam compartilhar referências e elementos históricos ou sociais.

Dentro de alguns exemplos que poderia citar, seleciono o caso de Eloy de Souza (Figura 02). Ele se fez presente nos diferentes âmbitos da intelectualidade potiguar. Foi deputado estadual e federal pelo Estado de Pernambuco e Senador da República. Colaborou em projetos de combate às secas pelos estados nordestinos e escreveu artigos que foram organizados em livro. Os livros utilizados na pesquisa foram *Calvário das Secas* (1938) e *Cartas de um Sertanejo* (1983).

Seus textos não circularam apenas no parlamento, em forma de discurso, como é o caso de *Secas e Cabotagem Nacional*, mas também no

IHGRN. Nesse discurso, os sertões do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba são representados como imagens da miséria, da fome, da seca, devido os problemas de abastecimento de água. Eloy de Souza enfatiza a importância de ajudar esses sertões para o bem e prosperidade da nação. Não à toa esses mesmos sertões foram objetos de discussão sobre propostas de interligação via ferrovias e transposição dos cursos da água através do Rio São Francisco (obra que de fato teve início somente a partir de 2007). Portanto, essas publicações da Revista do IHGRN têm um forte eco nos espaços parlamentares. São os mesmos sócios que fazem difundir seus pensamentos, de maneira que criam histórias, mas que não se encerram em si mesmas. Essas histórias ganham outros espaços. Aqui cabe a reflexão sobre a potência do discurso histórico e sua difusão para outros lugares para além da Revista de publicação.

Eloy de Souza é uma referência para se pensar o sertão potiguar e as suas vias de modernização. Quando se pensa no que ele queria fazer, Eloy de Souza e tantos outros homens pautaram, em alguma medida, o debate ainda atual sobre as malhas ferroviárias no Brasil. Este ainda é um debate forte no que diz respeito à comunicação e à interligação do país. Uma nação tão grande, em termos de território e de população teria, ao olhar de Souza, uma melhor interação se as ferrovias fossem instaladas devidamente. O sertão seria o espaço dessa mediação. O sertão seria o lugar a ser desbravado pelo ferro. O ambiente do transporte. O espaço que receberia a velocidade e a aceleração entre dois espaços. O sertão é o espaço que permite a veiculação de produtos e objetos entre diferentes cidades. O sertão como espaço do transporte.

Eloy de Souza também fez circular os debates sobre açudagem. Para ele, os sertões nordestinos seriam eternamente os espaços dos errantes se eles continuassem com os problemas da seca. A seca provocaria a fome, que provocaria a fuga para outros lugares. Seria necessário, para Eloy de Souza, recorrer à interferência do Estado para solucionar essa questão. Percebe, leitor, como esses debates ainda constam no espaço público até hoje? Os homens reunidos em um momento específico do dia no IHGRN não ficavam falando entre eles mesmos. Aquele lugar mobilizava importantes questões dos homens da política e da sociedade. Essas discussões iam além da Revista do Instituto.

A pesquisa traz outro resultado: a consideração que o conceito *sertão* também foi utilizado para fins políticos e estruturais do Nordeste —

nesse caso, não só do estado do Rio Grande do Norte. O conceito de sertão, portanto, mobilizava os profissionais da política e as suas propostas de infraestrutura para o Estado. Esta é uma situação que permite a reflexão sobre a importância da história dos sertões para se pensar o presente e o futuro da sociedade. Nesse sentido, vale considerar que passado, presente e futuro são categorias temporais que não se separam. Consegue-se imaginar, aqui, que o passado é uma dimensão do tempo que emerge no presente para se pensar em futuros possíveis. Não é a história que devemos dominar o passado para ter um melhor futuro. Trata-se, na verdade, de que são tempos com dinâmicas relacionais, ou seja, que se vinculam uns com os outros.

Se políticos como Eloy de Souza já faziam esse tipo de relação, por que não pensar o passado de sua família, o passado da sua comunidade e articular isso como reflexão para produzir políticas públicas? O quanto você considera a história na sua vida? Qual a responsabilidade do passado que você atribui ao presente e como se problematiza isso? São questões que a história dos sertões mobiliza como forma de contribuição científica para a vida de seus leitores.

Pensar os conceitos e as disputas intelectuais de um espaço como o IHGRN abre caminho para que se possa questionar que no mundo na vida há uma luta constante pelo significado das coisas, daquilo que se considera certo e errado, da luta pelo entendimento legítimo da realidade e seus significados, uma luta pelo que se imagina do passado. No final das contas há uma luta para se falar sobre como as coisas foram. Quando muito mais libertador poderia ser o entendimento pela ótica de que as coisas são relacionadas, aproximadas, e tem muitos lados e ângulos para se levar em consideração.

Assim como os sertões são múltiplos, vários, plurais, a história e o passado também são. O que a Revista do IHGRN possibilita entender é que os sertões são diversos, mesmo que na narrativa desses sócios ainda se tente transformá-los em uma única coisa, com passado, presente e futuro comum a todos.

O que foi apresentado neste texto é apenas um pequeno fragmento de uma discussão mais complexa sobre o IHGRN e os sertões. A dissertação *Quando o anjo da História sobrevoa as terras sertanejas* (2021) e a história dos sertões, como um todo, possibilitam outros riquíssimos debates sobre a vida em sociedade, sobre a nação.

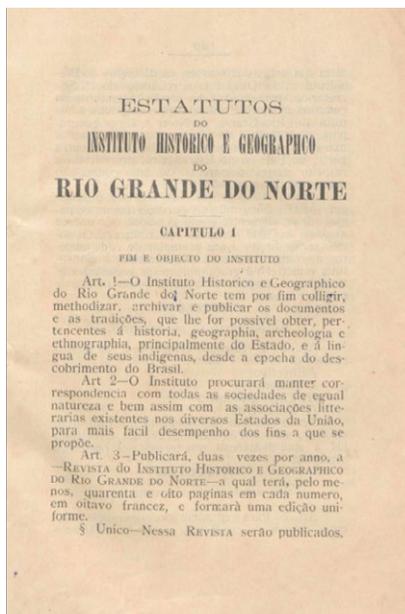
Referências

- AUGUSTO, José. **Seridó**. Brasília, Senado Federal: Centro Gráfico, 1980.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Sertanejo e Amazônia. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. 59-61, p. 5-9, 1974.
- LIMA, Nestor. Municípios do Rio Grande do Norte: à guisa de defesa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. 35-37, p. 181-185, 1940.
- SILVA, Ledson Marcos Sousa da. **Quando o anjo da História sobrevoa as terras sertanejas**: usos e representações da noção de sertão na Casa da Memória Potiguar (1934-1972). 2021. 211f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.
- SOUZA, Eloy de. **Cartas de um sertanejo**. Brasília: [s.n.], 1983.
- SOUZA, Eloy de. **O calvário das secas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL; Natal: Fundação José Augusto, 1983.
- SOUZA, Eloy de. Secas e cabotagem nacional. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal. V. 09, n. 2, p. 5-77, 2012.

Para saber mais

IHGRN. Acervo de revistas (1903-2018). Disponível em <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/handle/123456789/20>. Acesso em 10 out. 2020 [digitalização feita pelo LABIM-UFRN, que também custodia os arquivos digitais].

Figura 01 - Estatutos do IHGRN



Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Natal, v. 1, n. 1, p. 9, 1903. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/788>. Acesso em: 15 out. 2020.

Figura 02 — Eloy de Souza



Fonte: Blog Eloy de Souza. Disponível em: <https://blogloydesouza.blogspot.com/>. Acesso em: 25 out 2021.

Diálogos sertanejos: sertão e alfabetização

Laísa Fernanda Santos de Farias

Na virada do século XIX para o XX, iniciou-se um processo de transição entre o regime monárquico para o período republicano, que buscava a legitimação das unidades federativas, as reformas urbanas e sanitárias, além da construção de uma nova identidade nacional.

Para tanto, o setor educacional passou a ser operacionalizado com o intuito de inserir, no comportamento dos cidadãos, o estímulo necessário para que, assim como os seus governantes, a população também buscasse transformar o Brasil em um país moderno e civilizado. Porém, é interessante que façamos um primeiro questionamento: que modelo de civilização queriam os homens da República?

Após os republicanos assumirem o poder, o direcionamento principal era o de instruir a população a partir das diretrizes de transformações ocorridas na Europa, no que se referiam ao cotidiano, à dinâmica urbana com as transformações das cidades, bem como na adaptação do homem para lidar com as novas manifestações industriais e econômicas ocorridas naquele momento.

Ao final dos anos 1920, Parelhas, cidade localizada no Sertão do Sertão do Sertão, vivenciava um processo de expansão do seu ensino a partir das instalações das chamadas Escolas Rudimentares, instituições que tinham um baixo custo para a sua acomodação, onde poderia funcionar o Ensino Primário, ou seja, as primeiras noções das letras e cálculos para quem estivesse matriculado.

Assim, a instalação dessas escolas ocorreu no mesmo período em que foi instalado o Plano de Propaganda contra o Analfabetismo, que tinha

como principal objetivo diminuir a taxa de analfabetismo na cidade. Mas, em que consistia esse plano? Este plano consistiu em eliminar o analfabetismo presente no município de Parelhas e criou uma série de artifícios para que os seus objetivos fossem concretizados.

Dessa forma, podemos dividir em três categorias a estrutura utilizada por esse projeto educativo no desenrolar do seu processo. São elas: as criações das Comissões Urbana, Rural e Central contra o analfabetismo, que tiveram um importante papel para demarcar os sujeitos que foram alfabetizados; a criação das Escolas Rudimentares e a contratação de professores enquanto uma logística do plano propriamente dito, assim como as atividades pedagógicas realizadas; e as instituições que passaram a fiscalizar o desenvolvimento do plano.

A lei municipal que corresponde à instalação desse plano educativo relaciona-se ao artigo 18, letra b, da Lei de número 7, de 26 de setembro de 1928. Porém, a ascensão do empreendimento se deu a partir do ano de 1929, quando ocorreram as articulações e determinações relacionadas à ampliação da educação na cidade por meio da criação das Comissões Central, Urbana e Rural contra o analfabetismo, acompanhando também a expansão da educação em nível estadual, montando assim o que compreendemos enquanto uma rede de diálogos pedagógicos.

Sendo municipalizada em 1926 por seu Partido Republicano, a cidade de Parelhas não demorou a sentir os efeitos do pensamento do progresso e do desenvolvimento incentivados e cunhados nacionalmente por esse grupo político. E, dentre expoentes como a medicina, nos processos de higienização, e a engenharia, na organização dos espaços, foi a Educação, aqui representada pelo projeto educativo no ato de reorganizar as mentes, que se tornou uma das principais representantes da inserção de novas práticas de sociabilidades e desenvolvimento neste município.

A educação, naquele momento, mais do que um recurso para iniciar o processo de redução do analfabetismo, também era um artifício de controle utilizado pela República em seus cidadãos. Assim, como direcionar e acompanhar a ampliação dos processos educativos que passaram a ser criados?

Ao produzir uma máquina de controle que funcionava em uma esfera microscópica do comportamento, as instituições republicanas criaram mecanismos utilizados pelo Estado para gerenciar seus projetos. Logo,

todo este caminho não era algo gerenciado somente pela prefeitura municipal. A logística educacional imbuída desse ideal de expansão e modernização do sertão por meio da educação vinha sendo instalada a partir de um processo de demarcação do espaço e dos integrantes a serem alfabetizados, na fiscalização das aulas, bem como no acompanhamento regular dos alunos por intermédio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Para entender como isso ocorria a nível municipal, apresentamos o esquema que consta na Figura 01.

Conforme o que foi detalhado nessa figura, na dinâmica de trabalho das comissões havia uma hierarquia a ser seguida, pois todas as informações retornavam para a Comissão central. Além disso, era função de cada uma delas mapear as crianças e jovens não matriculados, bem como zelar por suas permanências na escola. O restante do trabalho era feito pelos professores em sala de aula, questão que será detalhada mais adiante.

Neste sentido, o trabalho em prol do fim do analfabetismo da sociedade parelhense foi estruturado pela atuação das comissões e da aplicação dos recenseamentos feitos por estas. Outra questão que se destaca também foram as nomeações de professores, a criação das Escolas Rudimentares e do Curso Municipal de Preparatórios para os professores que iam atuar nas salas de aula do plano. Tudo isso gerou uma mudança nas paisagens urbana e rural do município, além do próprio investimento público nas estruturas físicas humanas, em prol do funcionamento dessas escolas e da educação de forma geral.

Este plano, implantado pelo prefeito Florêncio Luciano, entre os anos de 1928 e 1930, produziu uma quantidade considerável de documentos e fontes que evidenciam a comunicação assídua entre a Prefeitura Municipal de Parelhas e as figuras que se constituíram enquanto personalidades do cenário da educação norte-rio-grandense, Amphilóquio Câmara e Nestor Lima.

Amphilóquio Câmara, por exemplo, inspetor de educação no Rio Grande do Norte desde 1911, tinha como desígnios visitar as escolas espalhadas pelo estado e conseqüentemente registrar e fazer relatórios estatísticos dessas visitas. Além disso, esse inspetor fiscalizava os materiais escolares, seja o mobiliário ou os didáticos, observava a situação

dos alunos que estavam matriculados, bem como apresentava relatórios detalhados vinculados à atuação da educação no Rio Grande do Norte. Já Nestor Lima se constituiu enquanto uma figura influente na educação norte-rio-grandense. Formou-se em Direito (1909) e, além de exercer a função de advogado, também atuou como pedagogo da Escola Normal de Natal e foi diretor de Educação entre os anos de 1924 e 1929.

O Plano de Propaganda contra o Analfabetismo pertencia a uma rede pedagógica maior, a um projeto de ensino para o Brasil. Em vista disso, graças à existência das comissões rural, central e urbana contra o analfabetismo, citadas anteriormente, a comunicação entre o prefeito Florêncio Luciano e o Departamento de Educação de Natal tornou-se corriqueira na medida em que Amphilóquio Câmara e Nestor Lima atuavam dentro dos planejamentos, fiscalizações e incentivos à criação e expansão das escolas pelo estado, bem como no controle e financiamento delas. Esses personagens, por sua vez, estavam inseridos dentro de um modelo de governo que se encontrava preocupado com os altos índices de analfabetismo do país.

A fim de ilustrar e explicar como funcionava o círculo de informações desse processo, representamos, por meio de um gráfico (Figura 01), a metodologia de como se deu o funcionamento das engrenagens desse maquinário pedagógico na prática.

Como é possível ler, no centro da pirâmide estava o prefeito e articulador do plano. Florêncio Luciano era o elemento definidor para fazer os contatos com o Departamento de Educação de Natal e receber as atribuições dos superiores e responsáveis pela disseminação do ensino pelo Rio Grande do Norte. Porém, essa troca só era possível a partir dos retornos dados pelas comissões contra o analfabetismo que montavam um panorama detalhado dos locais onde estavam os analfabetos, nas matrículas e permanências dos alunos, e ainda, no funcionamento das Escolas Rudimentares.

Nessa perspectiva, o espaço delimitado e praticado por meio do plano de alfabetização aqui apresentado, juntamente com as comissões que agiam na luta contra o analfabetismo, passou a demarcar esses recintos enquanto prática de instrução. Logo, a leitura, o desenvolvimento de novos hábitos, o letramento de forma geral e a consciência civilizacional seriam construídos nesse ambiente da educação, constituindo assim o espaço enquanto uma ação, uma atividade,

Com base nessas questões e após o uso da documentação do plano a fim de conhecer um pouco mais os processos de alfabetização em Parelhas, no final da Primeira República, a proposta aqui estabelecida problematizou que o Sertão do Seridó, tendo como referência o município de Parelhas, protagonizou uma contribuição dentro da expansão do ensino no estado do Rio Grande do Norte, atrelados aos avanços educacionais que já existiam na capital, Natal. Apoiado a isso, o Plano de Propaganda contra o Analfabetismo possibilitou a este pedaço de sertão estar em consonância com a pauta do progresso e civilidade, típicos do contexto das grandes cidades da Primeira República.

Esses elementos fazem parte das observações em relação aos estudos sobre a educação no Brasil, que se constituíram enquanto algo caro desde que assumi o meu exercício enquanto professora. A prática de sala de aula possui um sentido em qualquer período histórico e está ligada a uma demanda ideológica de toda e qualquer sociedade. Dessa forma, para questionarmos na atualidade os problemas ou os avanços relacionados ao analfabetismo que ainda existem no Brasil, é necessário que voltemos ao período em que se começa a pensar em uma expansão da educação e os objetivos que se queria atingir.

Cada tempo forma um homem e para cada formação tem-se um projeto de país ou de mundo. Porém, a intensificação e extensão do ensino aqui no sertão na década de 1920, acabaram despertando algumas ponderações a mais. Pensar esta região envolta nas suas mais diversas antinomias, enquanto um projeto de modernização, por meio da educação, constitui-se enquanto uma das interpretações que podemos problematizar no que concerne à quebra daqueles paradigmas que insistem em colocar esta localidade como um lugar de atraso, sem perspectivas e progressos em relação ao litoral.

Desta feita, para o desenvolvimento deste trabalho, além de investigar os aspectos da modernização advindos com o Plano de Propaganda contra o Analfabetismo, objetivamos ainda compreender como o contexto educacional norte-rio-grandense foi favorável à instalação do projeto de Florêncio Luciano em Parelhas, analisar de que maneira esse prefeito conseguiu participar de uma rede de acessos no que se refere à troca de informações e recomendações acerca da expansão do ensino no estado, e ainda identificar os impactos na dinâmica social do município que o plano de educação acabou trazendo.

Todos esses questionamentos formaram-se por meio do contato estabelecido com as fontes da pesquisa, que se encontram no Arquivo Público do município de Parelhas, e que se distribuem em atas, portarias e leis, recenseamentos e a entrada e saída de correspondências. Além disso, consultamos, na Biblioteca Pública Municipal Antônio Pereira de Macêdo, livros e revistas de autores locais que se debruçaram a escrever sobre Parelhas e a participação de Florêncio Luciano enquanto uma figura da educação.

Foram usados ainda os relatórios dos Presidentes de Província, principalmente os que dizem respeito aos mandatos de José Augusto Bezerra de Medeiros (1924) e Juvenal Lamartine (1928), respectivamente, além dos documentos referentes às fiscalizações feitas tanto pelo município quanto pelo estado, a fim de mapear a frequência e o funcionamento das escolas recém-fundadas. Sem mais, consideramos que o estudo já realizado é relevante, pois a partir dele foi possível pensar não só a ampliação da educação parelhense, como também a constituição de um acervo para a História da educação no Sertão do Seridó.

Para saber mais

FARIAS, Laísa Fernanda Santos de. **Florêncio Luciano e o plano de propaganda contra o analfabetismo em Parelhas-RN: uma experiência de educação entre o litoral e o sertão (1928-1930)**. 2021. 130f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

FERNANDES, Aline de Medeiros.; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. A institucionalização da instrução pública no Rio Grande do Norte. *In: Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação*. João Pessoa — Universidade Federal da Paraíba — 15 a 18 de agosto de 2017. ISSN 2236-185

PALMA FILHO, João Cardoso. **A República e a Educação no Brasil: Primeira República (1889-1930)**. Cadernos de Formação — História da Educação — 3. ed. São Paulo: PROGRAD/UNESP/ Santa Clara Editora. p. 49-60, 2005.

LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2013, 2. ed. 369 p.

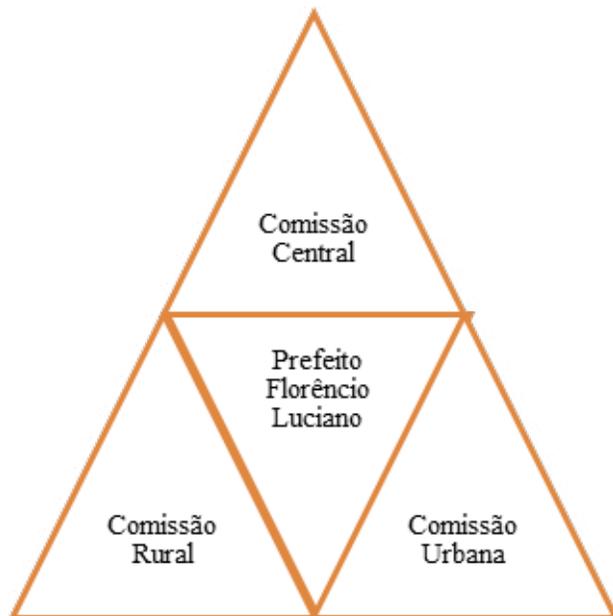
MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A Penúltima Versão do Seridó: Uma História do Regionalismo Seridoense**. Natal, RN: Sebo Vermelho, 2005.

SCHUELER Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação Escolar na Primeira República: memória, história e perspectiva de pesquisa. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 9, p. 32-55, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a03v1326.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. **Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais**. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

Figura 01 — Ciclo de funcionamento das informações recolhidas pelas Comissões Central, Urbana e Rural contra o analfabetismo

Pirâmide Institucional



Fonte: elaborado por Láisa Farias.

Parte 2

Sinopses



A fotografia de Helder Macedo (2019) mostra um crepúsculo no território do antigo sítio Mabanga, onde fica o Açude Recreio, em Caicó-RN.

Dissertações defendidas em 2021

1 — ADALGISA MARIA ALENCAR DUTRA

DUTRA, Adalgisa Maria Alencar. **Viajando os sertões:** Nestor Lima e a territorialização das cidades sertanejas em “municípios do Rio Grande do Norte” (1938-1942). 2021. 93f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Resumo: Propõe um estudo sobre o processo de territorialização das Zonas Fisiográficas — Zona do Rio Seridó e Zona do Rio Assú a partir da obra Municípios do Rio Grande do Norte de autoria de Nestor dos Santos Lima. Nesse sentido consideramos a territorialização dessas zonas como um processo de mudanças no âmbito administrativo e eclesiástico, bem como agente de mudanças no processo de ocupação desses sertões. Considera-se o processo de territorialização desses espaços a partir da obra, pois são retratadas as características dos sertões e suas singularidades. A Zona do Rio Seridó é caracterizada pelas fontes documentais pesquisadas pelo autor, bem como pelo uso das memórias enquanto fonte histórica. Buscamos com base em Michel de Certeau (2002) analisar o contexto histórico da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), para o entendimento do percurso intelectual do autor Nestor Lima e conseqüentemente as bases ideológicas que resultaram na sua principal obra sobre as cidades do Rio Grande do Norte. A Zona do Rio Assú é retratada a partir das cidades que compõem a região, de forma a ressaltar a fauna, flora e o processo de mudança histórica. Metodologicamente, parte da leitura e revisão bibliográfica, seleção e com-

posição de um quadro das cidades e suas respectivas zonas, bem como a análise qualitativa da obra, para o entendimento do processo histórico disposto pelo autor, Nestor Lima. Concluiu-se que o processo de escrita do autor resultou do seu lugar institucional enquanto agente do governo do estado e que os sertões do Seridó e do Assú foram descritos na historiografia de forma a ressaltar o processo de mudanças territoriais e que a memória aparece na obra fonte de pesquisa.

Palavras-Chave: Territorialização. Nestor Lima. Sertão. Seridó. Assú.

2 — FILIPE VIANA DA SILVA

SILVA, Filipe Viana da. **Representações do sertão nordestino na produção quadrinística potiguar (1992-2015)**. 2021. 156f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Resumo: Problematiza a estética e forma como dois editoriais de quadrinhos do Rio Grande do Norte, Brasil, representaram o sertão nordestino, o sujeito sertanejo e suas práticas culturais. O estudo abrangeu doze (12) revistas, onde se constatou representações sertanejas em vinte (20) narrativas. Neste universo, dez (10) estão presentes em sete (07) números da revista Maturi, do Grupo de Pesquisa em História em Quadrinhos (Grupehq), de Natal; e dez (10) em cinco (05) publicações do Grupo Pau a Pique de Histórias em Quadrinhos (Grupphq), atual Associação Avoante de Cultura (AAC) da cidade interiorana de Currais Novos: Estórias de Vaqueiros, Caos nas Tetas, Kueka, Quadrinhos Avoante nº 01 e Kankão nº 01. Dessa coleção, selecionou um (01) quadrinho de cada grupo para obter dados. Utilizou abordagem metodológica de análise semiótica a partir de Umberto Eco para decodificação dos signos gráficos conforme aponta Antônio Cagnin. Aplicou o esquema dos “vinte e dois painéis que sempre funcionam” de Wally Wood para identificar enquadramentos de cenas. Utilizou categorias para definir cada tipo de transição entre os requadros elaborados por Scott McCloud. Para reconhecimento dos signos sertanejos, baseou em Janaína Amado, Erivaldo Neves, Durval Albuquerque Júnior e Antônio Araújo Sá. Após emprego do diagrama metodológico, encontrou duas estéticas de produção e duas representações sertanejas. Uma do litoral, contemplada de estereótipos como pobreza, miséria, doenças e rusticidade, atrelado à ideia de barbá-

rie e violência; outra do interior, e entre as características, a representação de diversão, humor, bem como, perspectiva social e econômica, mesmo que ainda acompanhe estereótipos.

Palavras-Chave: Quadrinhos. Representação. História dos Sertões. Estética. Semiótica

3 — HOZANA DANIZE LOPES DE SOUZA

SOUZA, Hozana Danize Lopes de. **Sítio Culumins:** um olhar sobre o sertão do Seridó, séculos XVIII e XIX. 2021. 121f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2021.

Resumo: Localizado no atual território do município de Caicó/RN, o sítio Culumins é tanto o nome do lugar quanto do objeto de estudo ligado ao contexto de interiorização do povoamento da capitania do Rio Grande, consolidado no final do século XVII e que teve na implantação das estruturas de fazenda um lócus privilegiado. Esse espaço, fundamentado pela interação entre indivíduos com as paisagens e cultura material, é analisado tendo em vista a compreensão dos aspectos relacionados a economia e sociedade sertaneja no Seridó colonial, desde o final do século XVIII e ao longo do XIX. Diante disso, a partir dos objetos e do espaço onde estes estão inseridos, utilizasse de levantamentos documentais, de relatos orais, de leitura e interpretação de referências bibliográficas, além do emprego de metodologias arqueológicas de pesquisa de campo e de laboratório, para se abordar práticas sociais e culturais ligadas ao consumo. Contudo, destaca-se que a ideia de consumo não se encontra restrita a pensar somente a comercialização, mas integra também a forma com que esses objetos foram utilizados e produzidos pelos indivíduos que ali habitaram e em como isso pode estar inserido em outras esferas de relações sociais. Essa perspectiva se constitui como uma maneira de entender a dimensão material presente nos espaços de moradia do sertão do Seridó, refletindo ainda a noção de uma materialidade que integra o sertão nordestino durante o período colonial.

Palavras-Chave: Culumins. Seridó. Sertão. Cultura material.

4 — JOHNNYS JORGE GOMES ALENCAR

ALENCAR, Johnnys Jorge Gomes. **Intelectuais no Sertão**: o Club Romeiros do Porvir, a produção e circulação de representações em torno da intelectualidade, da cidade do Crato-CE e dos sertões (1900-1910). 2021. 140f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

Resumo: Automeados de “Romeiros do Povir”, alguns “moços” fundaram, no ano de 1900, na cidade do Crato, uma agremiação literária. Em torno do Club Romeiros do Porvir, esses intelectuais se empenharam, para, além das finalidades artísticas, em construir e circular representações de progresso, de intelectualidade e dos sertões (como o “outro”, visto do Cariri). Desse modo, preocupamo-nos, nesta dissertação, em compreender como os membros desse grupo construíram e circularam tais representações. Para tanto, investigamos a trajetória intelectual de alguns membros da agremiação, bem como condições e práticas culturais emergentes na virada do século XIX para o XX; buscamos compreender como a atuação intelectual e cultural dos membros do grupo contribuiu para a construção e circulação de representações em torno de si e dos espaços em que estavam inseridos; e, por fim, analisamos as formas como os “romeiros do porvir” construíram e circularam representações em torno dos sertões. Os diálogos teóricos ocorreram, principalmente, no campo da História Cultural a partir dos estudos de Roger Chartier (1990, 2002) e dos conceitos de prática cultural, representação e circulação, trabalhados pelo mesmo autor. Para compreendermos a atuação e a organização dos intelectuais estudados, os conceitos de intelectual, redes de sociabilidade e geração, trabalhados por Jean-François Sirinelli (1996); e, os de trajetória, campo, *habitus* e o círculo de elogios mútuos, presentes nos estudos de Pierre Bourdieu (2002), foram importantes ferramentas na elaboração deste trabalho. Foram utilizadas fontes como os jornais A Liça e Cidade do Crato, textos literários, livros de memórias e atas das reuniões administrativas da agremiação.

Palavras-Chave: Cariri cearense. Cidade do Crato. Club Romeiros do Porvir. História dos Sertões. Intelectuais.

5 — LAÍSA FERNANDA SANTOS DE FARIAS

FARIAS, Laísa Fernanda Santos de. **Florêncio Luciano e o plano de propaganda contra o analfabetismo em Parelhas-RN: uma experiência de educação entre o litoral e o sertão (1928-1930)**. 2021. 130f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Resumo: Nesta dissertação, dedicamo-nos a analisar como a criação do Plano de Propaganda Contra o Analfabetismo, projeto de educação cunhado no primeiro mandato do prefeito Florêncio Luciano em Parelhas/RN, entre os anos de 1928 e 1930, contribuiu para a modernização da cidade. Assim, investigamos por meio desse plano as relações estabelecidas entre sertão e litoral no final da Primeira República no contexto da expansão das Escolas Rudimentares no Rio Grande do Norte, a partir das redes de influências e de sociabilidades estabelecidas pelo gestor em exercício, juntamente aos representantes dos órgãos estaduais, aqui personificados nas figuras de Nestor Lima, Amphilóquio Câmara, Manoel Dantas, Eliseu Vianna, José Augusto Bezerra de Medeiros e Juvenal Lamartine. No que diz respeito à metodologia utilizada, trabalhamos a partir da análise dos discursos aplicados em “fragmentos de memórias”, tais como portarias, Atas, Leis, Decretos, bibliografia local e Relatórios, que apontam o planejamento do projeto, suas determinações e recenseamentos, além da comunicação assídua com o Departamento de Educação de Natal. Além disso, utilizamos ainda os Relatórios dos Presidentes de Província (1926 a 1928) e as Revistas Pedagogium nas edições de número 1 de 1921 e 12 de 1924, a fim de compreender como se encontrava o pensamento educacional no Rio Grande do Norte e como ele incentivou a criação de um espaço propício para a instalação do Plano de Propaganda Contra o Analfabetismo. Com isso, os resultados da verticalização dessas fontes nos proporcionaram interpretar não só o estreitamento das relações entre interior e capital, a composição de Florêncio Luciano enquanto um “homem da educação”, como também a interferência ocasionada pela constituição do espaço educacional parelhense na modernização local e na inserção de novas formas de sociabilidades.

Palavras-Chave: Analfabetismo. Florêncio Luciano. Parelhas. Sertão. História dos Sertões.

6 — LEDSON MARCOS SOUSA DA SILVA

SILVA, Ledson Marcos Sousa da. **Quando o anjo da História sobrevoa as terras sertanejas**: usos e representações da noção de sertão na Casa da Memória Potiguar (1934-1972). 2021. 211f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

Resumo: A presente dissertação tem por escopo investigar os usos da noção de sertão nos textos publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, entre os anos de 1934 e 1972. Discute os escritos de homens como Eloy Castriciano de Souza, Nestor dos Santos Lima, José Augusto Bezerra de Medeiros e Luís da Câmara Cascudo, no intuito de enxergar diferentes concepções, contextos e, assim, os usos da noção. Nesse recorte temporal, considera-se para a análise 27 volumes da Revista, além de obras que os sócios publicaram individualmente fora do Instituto. Utilizando o exame qualitativo, são acatadas as contribuições por parte de Michel Foucault e Paul Ricoeur no que tangem à análise do discurso, a salientar os jogos de poder, os jogos de linguagem, representações e a vontade de verdade sobre o passado. A proposta de investigação se divide em dois momentos. Primeiro, toma-se como suporte a abordagem teórica da sociologia de Pierre Bourdieu para esmiuçar, na historiografia produzida pelos letrados, a teatralização do poder que se manifesta nas publicações, de maneira a examinar interesses políticos e intelectuais. Comemorações, necrologias, homenagens, atas da redação da Revista, respostas a outros homens de letras e biografias se encaixam nesse quadro de fontes, direcionado ao esquadramento dos jogos de poder. Essa fase se caracteriza por se interrogar sobre a troca de elogios que ocorre em significativa parcela das fontes. No segundo momento, apresenta-se argumentos e questões a respeito dos usos da noção de sertão realizados pelo grêmio potiguar. Essa operação é uma tentativa de problematizar as representações, distintas facetas, além dos aspectos político e social inculcados aos sertões pela rede de sociabilidade formada pelo Instituto. Nesse transcurso, há o diálogo com a perspectiva da psicanálise, ao apontar, nas fontes, elementos do sertão visto como problema para os profissionais da política. O debate marca-se pela discussão da fé no progresso que anda paralelo às representações dos sertões nesse contexto selecionado. Desse modo, a dissertação questiona as dimensões políticas e intelectuais do Instituto

potiguar, entendendo que as representações dos sertões se pautam pelas intenções daquele que escreve. O argumento elaborado nesse trabalho é que as representações do sertão são usadas, sobretudo, na construção de uma história política, particular e elitista, por parte dos sócios.

Palavras-Chave: História dos Sertões. Noção de Sertão. História da Historiografia. Teatralização do poder.

7 — MARCELINO GOMES DOS SANTOS

SANTOS, Marcelino Gomes dos. **Dos “confins do Brasil” às passarelas:** os sertões em/na moda. 2021. 266f. Dissertação (Mestrado em História - Ceres) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

Resumo: Esta dissertação trata da costura de sentidos sobre os sertões no espaço discursivo da moda brasileira, a partir do lançamento de duas coleções de vestuário assinadas por estilistas brasileiros e desfiladas em eventos de moda nacionais. Nessa direção, elegemos como objetos de estudo as coleções de moda “Carne Seca ou Um Turista Aprendiz em Terra Áspera”, do estilista mineiro Ronaldo Fraga, lançada na São Paulo Fashion Week, em 2013; e “Vaqueiro Desconstruído pela Alfaia-taria”, do estilista paulista Akihito Hira, coleção vencedora do concurso Ceará Moda Contemporânea, em 2017. No trajeto dessa investigação, buscamos analisar o diálogo dos estilistas brasileiros com o conceito de sertão, sua inscrição no espaço discursivo da moda, sua associação à linguagem das roupas, observando os signos que foram agenciados pelos estilistas para levar os sertões às passarelas e discutir as (re)construções imagéticas e discursivas operadas a partir dos referidos eventos, com atenção às continuidades e rupturas de sentido sobre a ideia de sertão. Concebemos, nesse caminho, que a presença do conceito de sertão no espaço discursivo da moda brasileira implica a sua (re)criação, isto é, o cerzir de novos enunciados, novas formas de vê-los e dizê-los, posto que a moda, antes de tudo, está ligada àquilo que é contemporâneo.

Palavras-Chave: História dos Sertões. Moda; Sertão. Ronaldo Fraga. Akihito Hira.

8 — MONIELLE MEDEIROS MARIZ

MARIZ, Monielle Medeiros. **Do sonho à realidade:** a construção do Açude Sabugi (1958-1966). 2021. 166f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó - CERES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

Resumo: A nossa pesquisa, intitulada DO SONHO À REALIDADE: O AÇUDE SABUGI (1958-1966), tem como problemática compreender como a população sabugiense recebeu a construção do açude Sabugi, como essa obra foi significada pela população local. Para essa análise, trabalhamos com o recorte temporal de 1958 (ano em que foi solicitada a construção do açude) a 1966 (ano que o açude foi inaugurado). Para respondermos a essa questão, utilizaremos um acervo documental bastante heterogêneo, que abarca diferentes tipologias: textuais (cartas, avaliações de terra, jornais, procurações, tabelas de preços para desapropriação); iconográficas (seis fotografias relacionadas à construção do açude) e audiovisuais (vídeo da inauguração do açude Sabugi). Além dessas, utilizou-se a técnica da entrevista. Sobre a metodologia e estudo dessas fontes, catalogamos as fontes, classificando-as por temáticas e tipologias; foram cruzados os dados encontrados nas diferentes fontes; produzimos tabelas e ponderações sobre a historicidade e produção dos jornais utilizados na pesquisa.

Palavras-Chave: Sertão. Açudagem. Açude Sabugi. História dos Sertões.

9 — TUYLLA RAYANE TAVARES DA CUNHA

CUNHA, Tuylla Rayane Tavares da. **De flagelados da seca a soldados da borracha:** sertanejos potiguaros nos sertões amazônicos (1942-1946). 2021. 159f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2021.

Resumo: Denominados como flagelados da seca, a população sertaneja do Nordeste brasileiro se tornou protagonista de determinados acontecimentos da história do Brasil, que os elevaram a outra categoria: a de soldados da borracha. Em decorrência da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e dos acordos firmados entre Brasil e Estados

Unidos, os nordestinos foram convocados pelo Governo Vargas para integrar o esforço de guerra nos seringais amazônicos. Dessa forma, visando contribuir com o esforço de guerra e com o povoamento do Vale Amazônico, o governo brasileiro promoveu o deslocamento de milhares de nordestinos em direção à Amazônia. Assim, neste trabalho, buscamos analisar como se deu a participação dos sertanejos do Rio Grande do Norte no Exército da Borracha, bem como o contexto político e social em que essa população se encontrava quando de sua inserção nesse esforço de guerra. Além disso, procuramos investigar como se desenvolveu a Campanha da Borracha no estado e a contribuição da propaganda nesse processo. Os diálogos teóricos se desenvolveram com a História Política e Social, a partir das contribuições de José D'Assunção Barros (2005, 2012) e René Remond (2003). Alguns conceitos foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, como o de Sertões, discutido por Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2011, 2012, 2019) e Antonio Carlos Robert Moraes (2012); o de propaganda, proposto por Maria Helena Rolim Capelato (2009); e os de política e migração, a partir das contribuições de Isabel Cristina Martins Guillen (1999), Frederico de Castro Neves (2000, 2001), Maria Verônica Secreto (2007) e Francisco Pereira Costa (2015). Metodologicamente, usamos a técnica qualitativa, envolvendo técnicas de observação documental de arquivo, de imprensa e de textos bibliográficos. As fontes consultadas, por sua vez, foram os jornais A Ordem, O Diário de Natal, O Acre, e os documentos referentes à organização administrativa do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia.

Palavras-Chave: História dos Sertões. Seca. Política. Migração. Soldados da borracha.

10 - VIKELANE MARIA DE OLIVEIRA SILVA

SILVA, Vikelane Maria de Oliveira. **Entre estradas e veredas:** messianismo nos sertões do estado do Rio Grande do Norte (XIX-XX). 2021. 123f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2021.

Resumo: Este trabalho problematiza os sertões enquanto espaços de construção dos movimentos messiânicos no Brasil, tomando como ob-

jeto, o Movimento Messiânico da Serra de João do Vale, liderado pelo Beato Joaquim Ramalho nos fins do século XIX na Vila do Triunpho, Rio Grande do Norte. A problemática surgiu de uma escassa produção historiográfica sobre o movimento em âmbito regional e nacional. Inicialmente foram evidenciados nos escritos de Luís da Câmara Cascudo em um artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e no jornal do Commercio do Rio de Janeiro no ano de 1941. Para uma melhor análise, debruçamo-nos sobre obras como “O messianismo no Brasil e no mundo” da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz e “Leituras do ‘fanatismo religioso’ no sertão brasileiro” de Cristina Pompa. Adotamos a abordagem de História do Discurso e História Oral, a partir de autores como Eni Orlandi e Verena Alberti para a análise das fontes, sendo elas: artigos em jornais e revistas, arquivos privados, desenhos criados a partir de relatos orais de moradores da Serra de João do Vale, livros e entrevistas. Ao término deste trabalho foram verificados, os discursos que constituíram e nomearam o Movimento Messiânico da Serra de João do Vale partindo de conceitos que desqualificaram os sertões e sua religiosidade.

Palavras-Chave: Messianismo. Fanatismo. Religiosidade. História dos Sertões.

Dissertações defendidas em 2022

1 — BRENA DA SILVA DANTAS

DANTAS, Brena da Silva. **Em todos os períodos há flores nos sertões**: representações sertanejas nas cartas-crônicas de Paulo Bezerra (1985-2016). 2022. 115f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2022.

Resumo: O objetivo deste trabalho foi analisar as representações de sertões existentes nas cartas-crônicas do escritor seridoense Paulo Bezerra (1933-2017). As principais fontes da pesquisa foram as obras: *Cartas dos Sertões do Seridó* (2000), *Outras Cartas dos Sertões do Seridó* (2004), *Novas Cartas dos Sertões do Seridó* (2009), *Cartas dos Sertões do Seridó — 4º Livro* (2013) e *Últimas Cartas dos Sertões do Seridó* (2018). O material utilizado nesse estudo não foram cartas comuns, de cunho pessoal, mas cartas que foram enviadas com o intuito da publicação e divulgação do seu conteúdo, assim a chamaremos de carta-crônica, de acordo com Silva (2012). Essas produções eram enviadas por Bezerra ao jornalista Woden Madruga, que as publicava em sua coluna no jornal *Tribuna do Norte*. Com o passar dos anos e grande volume de cartas-crônicas já produzidas, estas foram sendo gradativamente publicadas em livros. A análise das fontes foi feita a partir dos conceitos de representação, apropriação e circulação, segundo Roger Chartier (2002), que nos possibilita apresentar as representações criadas e/ou reformuladas por Bezerra. Os sertões enquanto categoria produzida para delimitar um espaço físico, social e cultural será pensado a partir de autores como Janaína Amado (1995) em diálogo também com outros escritores que

pensam os sertões brasileiros, mas evidenciando o sertão construído e narrado por Paulo Bezerra.

Palavras-Chave: Sertões. Seridó potiguar. Cartas-crônicas. Paulo Bezerra.

2 — EDUARDO KLEYTON DE MEDEIROS

MEDEIROS, Eduardo Kleyton de. **Escrever um Sertão:** a escrita etnográfica de Oswaldo Lamartine de Faria (Seridó, 1945-2005). 2022. 125f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2022.

Resumo: A presente pesquisa debruça-se sobre a obra de Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007), escritor consagrado no universo letrado do Rio Grande do Norte, e que entre 1945 e 2005 dedicou-se ao estudo e à escrita sobre o mundo rural, especialmente o sertão do Seridó, construindo uma obra de gêneros textuais variados e com significativas marcas autobiográficas. A análise do discurso que opera em seus ensaios e na escrita de si, principalmente em suas entrevistas e correspondências publicadas, permitiu empreender o exame de determinada concepção sobre o sertão do Seridó por ele construída ao longo do século XX, privilegiando os modos como no texto se manifestam sua experiência com o tempo e o espaço que põe em prática. Assim, no primeiro capítulo, abordamos os pressupostos existenciais que estruturam o saber histórico efetivamente usado pelo sertanista em sua leitura do sertão (RICOEUR, 2007). No segundo capítulo nos dedicamos à análise dos procedimentos de pesquisa e escrita que conformam a etnografia posta em prática pelo autor (CERTEAU, 1998). Por fim, consideramos que o sertanista faz usos deliberados do passado para, de maneira escusa, investir na consolidação de uma memória acerca de uma dominação política sobre o sertão do Seridó.

Palavras-Chave: História dos sertões. História da historiografia. Escrita da história. Oswaldo Lamartine de Faria.

3 — ERICLIS DANTAS DE OLIVEIRA

OLIVEIRA, Ericlis Dantas de. **Atenas em ruínas, sertão e persistência**: novas e velhas representações de Assú na escrita de Celso Dantas da Silveira entre as décadas de 1980 e 1990. 2022. 178f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2022.

Resumo: Esta pesquisa objetiva problematizar as representações de Assú/RN a partir da produção intelectual do jornalista Celso Dantas da Silveira (1929-2005). Propomos analisar como ele buscou se apropriar das representações para salvaguardá-las e em seguida se construir como herdeiro de um sertão de poesia. Enfatizamos que não buscamos investigar como as representações sobre Assú foram construídas, tendo em vista que a escrita de Celso da Silveira possui um caráter de preservação. Dito isso, buscamos pesquisar como Celso da Silveira se apropriou das representações de Terra dos Poetas, Terra dos Verdes Carnaubais e Atenas Norte-Rio-Grandense, colocando em circulação novas e antigas representações sobre a cidade e sobre si; esta última emerge à medida que ele vai tentando fazer da urbe a base que legitima suas ações intelectuais. Nossas fontes foram livros escritos por Celso da Silveira, a análise foi embasada no Esquema Conceitual de Roger Chartier (2002), Representação, Apropriação, Prática e Circulação. Para responder nossos questionamentos, dialogamos com a História dos Sertões, História Cultural e História Intelectual.

Palavras-Chave: Celso da Silveira. Intelectual. Assú/RN. Sertões.

14 — NATÁLIA RAIANE DE PAIVA ARAÚJO

ARAÚJO, Natália Raiane de Paiva. **Os sertões naturais sobre as lentes de Oswaldo Lamartine de Faria (1940-1980)**. 2022. 59f. Dissertação (Mestrado em História dos Sertões) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2022.

Resumo: Nesta pesquisa apresentamos a natureza como sujeito da história e o homem como agente geológico atuante no meio natural. A natureza que abordamos nesta pesquisa está localizada na região do Seridó potiguar, marcada pela aridez do solo, vegetação de caatinga e clima semiárido. Ressaltando o processo de modernização deste espa-

ço, causando interferências ao ecossistema presente em seu ambiente natural, provocadas principalmente pela ação do homem. Este estudo parte das obras de Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007), escritor sertanista seridoense, que escreve sobre o sertão seridoense enfocando o meio natural e a atuação do homem nele. Dessa forma, entrelaçaremos os conceitos de história natural, sertão e modernidade no exame de seus escritos.

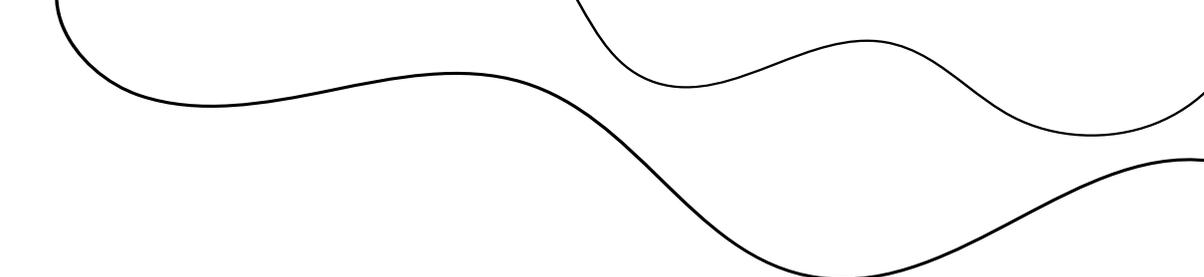
Palavras-Chave: Seridó. Sertão. Natureza. Modernidade.

Parte 3

Sertões e Arte



A fotografia de João Antônio Barbosa (2018) enfoca uma aula de campo da disciplina de Introdução ao Estudo da História, ministrada pelo Prof. Helder Macedo, realizada no hall do Auditório do CERES (Campus de Caicó), onde se mobilizou poemas de Iara Carvalho (um desses, musicado por Wesley Gama) para a discussão sobre a ideia de tempo e finitude na História.

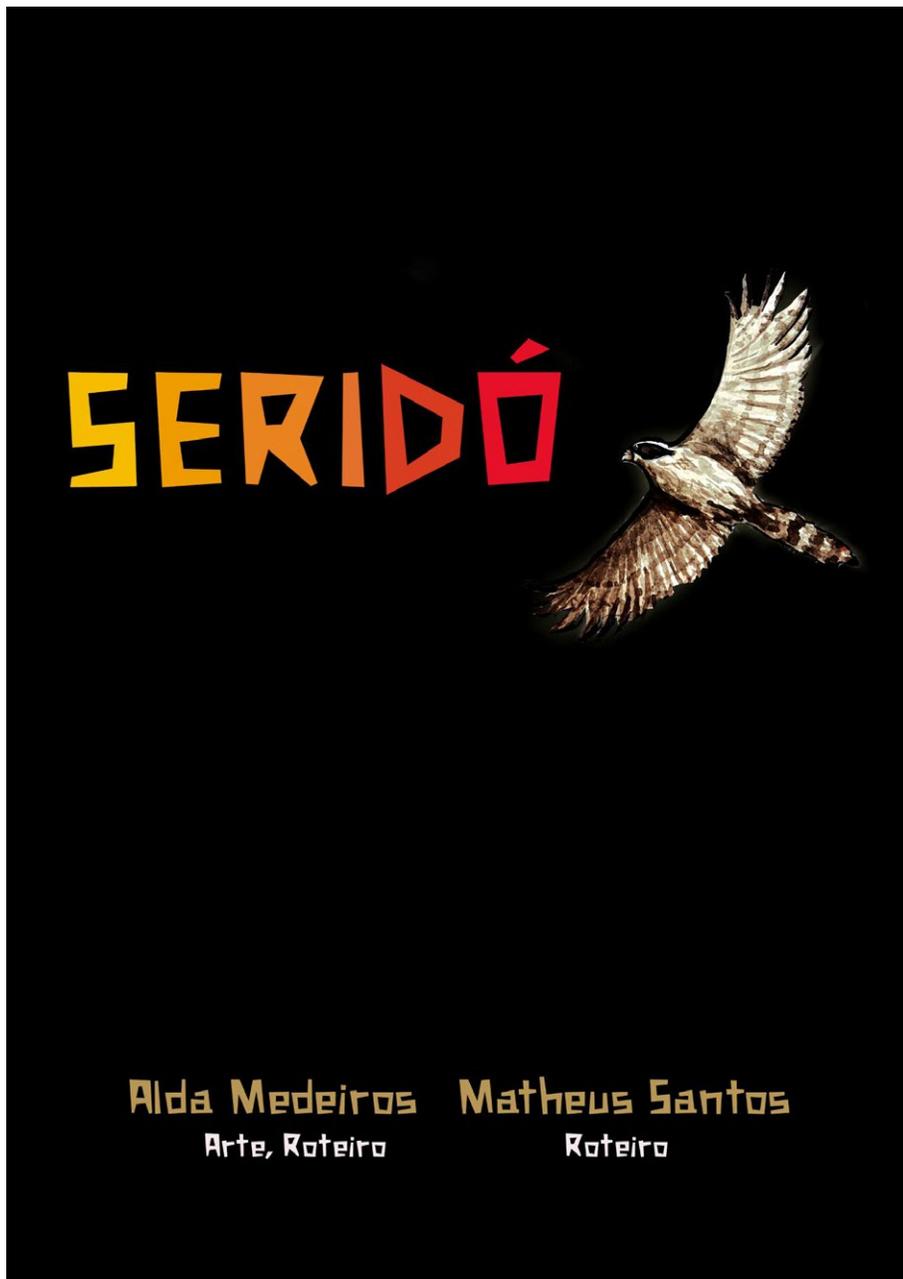


Seridó

*Alda Medeiros
Matheus Santos*

Como transformar uma pesquisa acadêmica numa História em Quadrinhos? Essa pergunta marcou os encontros da disciplina Tópico Especial em História Cultural do Programa de Pós-Graduação em História dos Sertões do CERES-UFRN, ministrada remotamente pelo professor Fábio Mafra Borges no fatídico ano de 2020. O desafio proposto para os mestrandos era este: elaborar um roteiro de uma História em Quadrinhos sobre suas pesquisas, transmutar as regras da academia em requadros, balões e sarjetas. Assim surgiu a HQ “Seridó”, produzida por Alda Medeiros e Matheus Santos, como uma representação artística sobre algumas reflexões promovidas em suas pesquisas acadêmicas.

Na HQ, somos leitores-telespectadores de uma reportagem sobre o sertão do Seridó que propaga discursos tributários de argumentos reproduzidos na historiografia regional seridoense do século XX, construtores de uma representação do Seridó marcada mormente pela herança portuguesa e luso-brasilica, onde indígenas sucumbiram, pretos desapareceram e mestiços não tomaram palco na narrativa. “Seridó” mostra um desencontro entre o falado e o vivido, uma renúncia a uma história monocromática, insuficiente para o que o sertão foi, é e será.

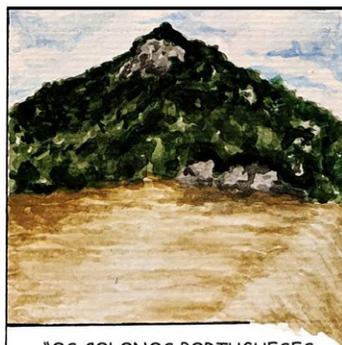
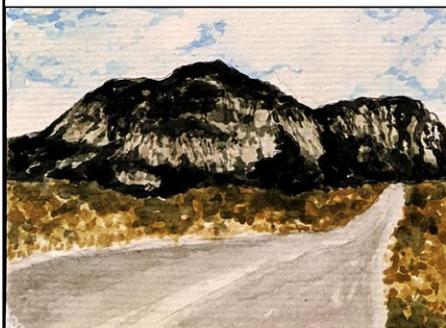


NOSSA REPORTAGEM DE HOJE É SOBRE UMA TERRA QUE NUNCA DEIXOU DE SONHAR:
O SERIDÓ, NO SERTÃO POTIGUAR, LUGAR DE MEMÓRIA, COSTUMES E TRADIÇÃO

♥ SERIDÓ



"BEM, A HISTÓRIA DO SERIDÓ COMEÇA QUANDO OS ÍNDIOS DESAPARECERAM DEPOIS DA GUERRA DOS BÁRBAROS"

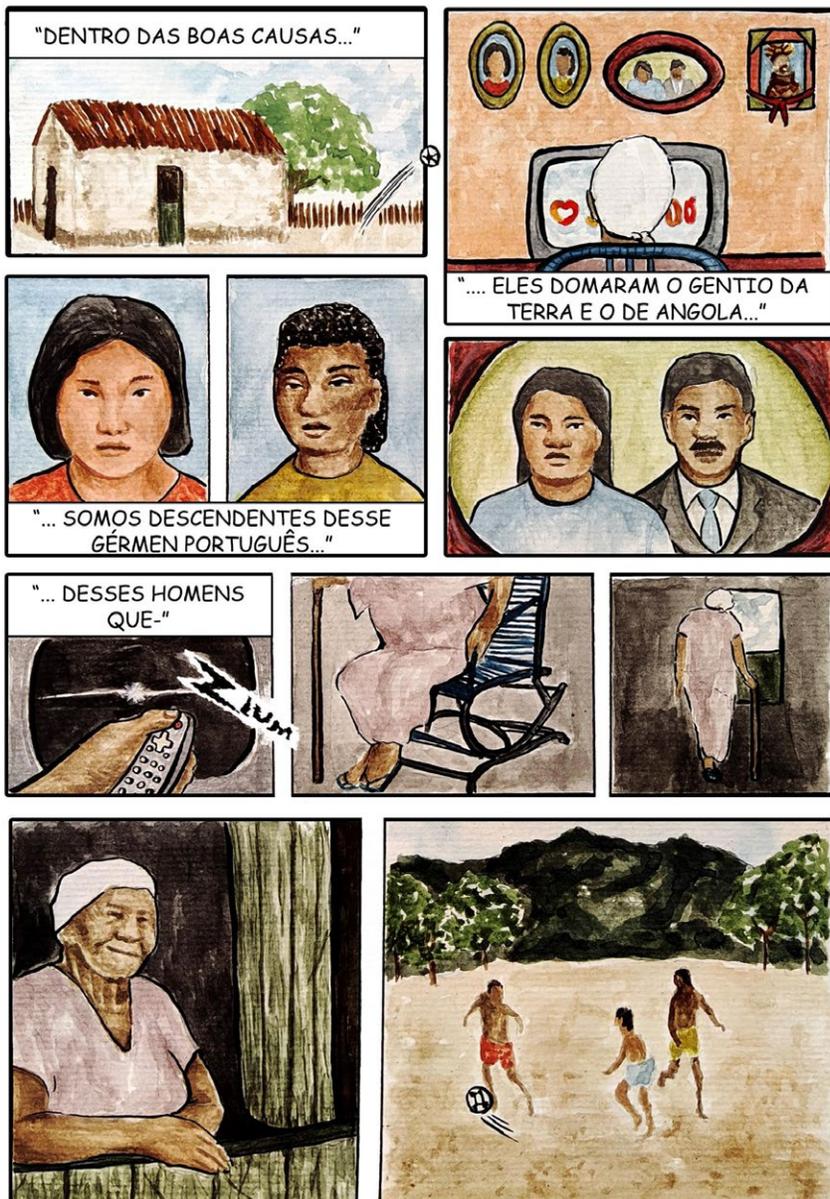


"OS COLONOS PORTUGUESES VIERAM OCUPAR ESTAS TERRAS COM SUAS GRANDES FAZENDAS DE GADO"

"COM MUITA FÉ EM DEUS E EM NOSSA SENHORA SANTANA, PATRIARCAS COMO O CAPITÃO-MOR CIPRIANO LOPES GALVÃO E CAETANO DANTAS CORRÊA ERGUERAM SUAS CAPELAS E COMEÇARAM A POVOAR ESTE CHÃO. GRANDES HOMENS, COMO O "ADÃO DO SERIDÓ", TOMAZ DE ARAÚJO PEREIRA..."



"... ERAM PORTUGUESES DA "MIÓ" QUALIDADE! HAHA!"

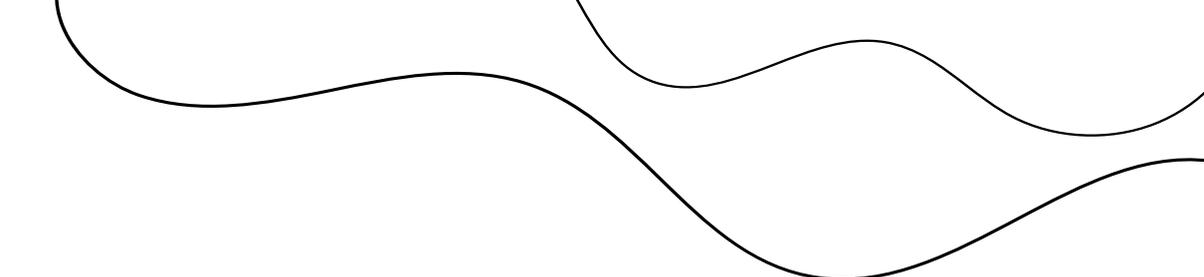


Parte 4

Idealizações



A fotografia de Helder Macedo (2019) mostra uma porteira situada no sítio Barbosa, no município de Caicó-RN.



A história dos sertões em novas perspectivas: Contribuições para construção de um campo de pesquisa⁶

*Evandro Santos
Helder Macedo
Joel Andrade*

A contemporaneidade exige, no campo da historiografia, novos desafios. Ao tomar como área de concentração de um programa de pós-graduação em história a História dos Sertões, proposta a partir das experiências de pesquisa do corpo docente do Departamento de História, do Centro de Ensino Superior do Seridó, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, localizado nos sertões do Seridó potiguar, visa-se criar as condições de estudos, produções e compartilhamentos sobre uma temática tão cara ao universo histórico-cultural brasileiro e lusófono. É nesse sentido que as noções de história, e em especial, de espaço, ganham uma maior especificidade: os sertões entendidos como fronteiras. Preocupação que demarca os campos historicamente antagônicos e suas interconexões nos tempos coevos, nota que exige claramente um novo arcabouço teórico que permita leituras, análises e abordagens sobre o homem, o tempo e os espaços nas suas múltiplas vivências, cartografias e representações sertanejas.

Os sertões enquanto temática da **Área de Concentração** se justificam por ser um campo próprio de enunciação que remonta a uma longa tradição. Portanto, a despeito de estar diretamente associado à dimensão

6 Esse texto foi gestado a partir de 2016 e finalizado em 2017, por ocasião do envio do projeto do Programa de Pós-Graduação em História — Curso de Mestrado em História dos Sertões, via APCN, para a CAPES.

da espacialidade, sertão trata-se de uma noção muito específica de espaço: o outro, a oposição ao litoral, à costa, ao desconhecido. Por outro lado, a constituição de um campo de saber que se propõe investigar essa espacialidade, de multifacetadas dimensões históricas e discursivas, se justifica pela própria historicidade do conceito de sertão, a partir de um amplo léxico em que as noções/conceitos foram abordados por diferentes escritos e aparecem como definidores da localização de inúmeros vestígios ricamente levantados/compulsados referentes à experiência histórica ameríndia e luso-afro-brasileira, permitindo que a partir das perspectivas recentes da historiografia se possa tornar suporte para uma ampla produção do conhecimento histórico. A área de concentração em questão se desdobra em duas linhas de pesquisa: Cultura material, sociedade e poder nos sertões; e Historiografia e Representações dos Sertões.

Propor um estudo sistemático sobre a história dos sertões na atual conjuntura historiográfica consiste em enfrentar, a partir do suporte teórico construído nas últimas cinco décadas, pressupostos que, de certa maneira, ora foram banalizados (no sentido de não mais fomentarem problematizações), ora foram obliterados das reflexões dos historiadores à revelia de sua permanência em diversos discursos políticos, sociais e culturais no Brasil. As ressignificações que acompanham a própria noção de sertão, além de outros que operam como suporte nesta investigação (território, fronteira, cultura, identidade, alteridade) carecem de estudo mais acurado, sobretudo, no intuito de atribuir a historicidade muitas vezes ignorada nos trabalhos com esta noção que remete, reforçamos, a dimensões tanto geográficas como profundamente históricas.

A disciplina histórica, desde, no mínimo, o início da década de 1970, passou por intenso processo de autorreflexão. Com a chamada “crise dos grandes paradigmas científicos”, foi ela, provavelmente, uma das áreas do conhecimento que mais se ocupou de repensar seus aportes teóricos e metodológicos. A publicação, em 1971, da obra *Como se escreve a história*, pelo historiador Paul Veyne, é uma marca relevante nesta tentativa de situar a base desta proposta no que tange às questões epistemológicas do campo. Neste mesmo sentido, *Meta-história*, do historiador Hayden White, editado em 1973, soma-se ao movimento intenso de repensar da disciplina histórica para além de questões consideradas eminentemente epistemológicas ou, dito de outra forma, para além do aparato teórico e metodológico mais comum ao conhecimento produzido pelos historiadores até aquele momento. Ainda, expressa que tais questionamentos já

não se faziam presentes apenas no contexto historiográfico francês, mas movimentava o pensamento sobre a história nos Estados Unidos.

No entanto, é com a publicação de *A escrita da história* (1975), obra de Michel de Certeau, que se abre uma perspectiva crítica para o trabalho do historiador ainda pouco explorada. Conjugando uma profunda exploração acerca da história entendida como disciplina (em termos modernos) à leitura dos efeitos sofridos pelo resultado do trabalho dos historiadores em seu processo de produção — lugar social, práticas compartilhadas, textos — Michel de Certeau convocou os historiadores à tarefa que depois se tornou mais clara, qual seja, pensar as diferenças (entre os historiadores, entre o passado e o presente, entre as culturas). É Certeau quem chama a atenção às práticas culturais que dizem e fazem o mundo: suas ideias inspiraram importantes estudos e, no mesmo sentido, dialogaram com outras abordagens de interesse à proposta ora exposta.

A categoria sertão presta-se fundamentalmente ao exame da diferença. Entendido como lugar (habitado ou não), em sentido espacial ou histórico, o sertão, como visto anteriormente, foi constantemente algo dito para o Outro. Nesse sentido, e por diversos aspectos e desdobramentos de sua obra, François Hartog é referência preponderante na estruturação teórica desta área de concentração em especial. Em *O espelho de Heródoto*, publicado originalmente em 1980, o historiador francês afirma: “dizer o *outro* é enunciá-lo como diferente — é enunciar que há dois termos, *a* e *b*, e que *a* não é *b*. Por exemplo: existem gregos e não-gregos. Mas a diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que *a* e *b* entram num mesmo sistema” (HARTOG, 1999, p. 229). Em seu estudo sobre a clássica obra de Heródoto, Hartog constrói uma importante reflexão que leva em conta a antropologia histórica, o que seguramente permite sua apropriação para outros objetos, temáticas e áreas. Em diferentes contextos históricos e historiográficos, o sertão foi dito e visto como o Outro. Na língua do Estado ou dos conquistadores diversos, o não conhecido, o não verificado, o não dominado era chamado de “sertões”. Não há dúvida de que a partir do momento em que se radicalizaram as diferenças, sobremaneira, com as grandes navegações e a conquista política das Américas, da África e da Ásia pelos portugueses, cada vez mais a categoria “sertões” passou a compor certo sistema, na adaptação moderna, entre o submetido ao poder dos Estados absolutistas ou, posteriormente, grandes potências, e o que a eles escapava de

alguma forma. Em síntese, conforme Hartog: “a partir da relação fundamental que a diferença significativa instaura entre os dois conjuntos, pode-se desenvolver uma retórica da alteridade própria das narrativas que falam do outro, especificamente as narrativas de viagem, em sentido amplo” (HARTOG, 1999, p. 229).

Das práticas culturais apontadas por Michel de Certeau, passando pela retórica da alteridade sugerida por François Hartog, chegamos a Reinhart Koselleck e sua ideia de uma história da experiência histórica antropologicamente fundamentada, em paralelo a uma história compreensiva dos métodos históricos (KOSELLECK, 2014, p. 27). Segundo o historiador alemão, ainda carecemos de ambas. De certo modo, Koselleck associa-se, em termos teóricos, aos estudos de Certeau e Hartog justamente ao apontar a importância que as reflexões acerca da historicidade guardam desde que, na década de 1970, a História passou a repensar seu estatuto epistemológico e seu papel social a partir de outras bases. Nossa escolha por problematizar, em diversificadas frentes de análise, as concepções de sertão justifica-se, sobretudo, em função de, afinal, procurarmos dar conta de definições historicamente fundamentadas a seu respeito, percorrendo diversos usos políticos, reexaminando o âmbito de discussões produzido pelas ciências sociais sobre a temática e, também, considerando os produtos culturais muito variados que buscam representar os diferentes sertões.

Ora, os sertões não representam um espaço qualquer, mas marcam, efetivamente, as dimensões antropológicas de variadas experiências históricas em múltiplas temporalidades. O estudo da especificidade dos sertões tende a encaminhar para as alteridades, sejam elas quais forem ultrapassando certa leitura estática e abstrata do próprio conceito de espaço pelos historiadores, desde o século XIX. Neste horizonte, aponta Koselleck: “[...] espaço e tempo representam, como categorias, as condições de possibilidade da história. Mas também o ‘espaço’ tem uma história. O espaço é algo que precisamos pressupor meta-historicamente para qualquer história possível e, ao mesmo tempo, é historicizado, pois se modifica social, econômica e politicamente” (KOSELLECK, 2014, p. 77). Assim, a história dos sertões, ao contrário de ocupar-se do fomento às identidades espaciais, caracteriza-se, em nosso esforço de historicização do conceito, por uma área de estudos de e sobre as diferenças, sendo esta outra forma de se abordar questões políticas e culturais.

Assim, a área de concentração em história dos sertões tem por característica a horizontalidade na exploração do conceito de sertão em diferentes contextos históricos e geográficos, mas, sobremaneira, a especificidade fundamental da verticalidade no enfrentamento de um conceito incontornável na compreensão da história brasileira e de outros espaços. Os sertões configuram, em certa medida, aquilo que o filósofo indiano Homi K. Bhabha chamava, em obra de 1998, de “entre-lugares”, atento à reelaboração na percepção do tempo em diferentes sociedades em função das diferentes experiências históricas que caracterizam a virada do século XX para o XXI. A questão é, desde então, como reelaborar o mundo das identidades — sobretudo políticas — após a emergência de transformações concernentes aos modos como o tempo presente é concebido? Até mesmo as leituras recentes em relação aos sertões realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa História dos Sertões têm buscado recuperar a categoria não apenas para convocá-la como tradição a ser reificada, mas, ao contrário, para alocá-la como uma das posições alternativas às categorias dominantes de “nação” e “região”. Uma das mais contundentes críticas historiográficas produzidas no Brasil, no que diz respeito aos cuidados necessários no trabalho com tais categorias, é a de Durval Muniz de Albuquerque Júnior: “o nacional e o regional não são critérios de validação de uma produção historiográfica, não são referências pertinentes para fundar uma epistemologia” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 39). De fato, as chamadas identidades coletivas administradas pelos centros de poder, em geral, não costumam resistir à crítica dos historiadores. Neste ponto, cabe retomarmos a ideia de uma história dos sertões como a história dos “entre-lugares” a partir de um desdobramento da sugestão de Bhabha:

De que modo se formam sujeitos nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero etc.)? De que modo chegam a ser formuladas estratégias de representação ou aquisição de poder [*empowerment*] no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável? (BHABHA, 2003, p. 20).

Datam do século XX os primeiros esforços conhecidos em torno de historicizar e discutir a etimologia da palavra *sertão*, partindo de elementos linguísticos e históricos. Dois pontos de vista podem ser observados, um que reputa à origem africana e outro que indica uma procedência portuguesa ao vocábulo. Pensar na proposta de uma área de concentração sobre os sertões, exige, pela sua especificidade, uma problematização de seu léxico em suas particularidades históricas. É que as palavras são incorporadas aos textos, documentos, dicionários, enciclopédias, cartas, em função de seu uso demarcado por uma autoria escrita em determinados espaços (CATROGA, 2011; ANDRADE, 2015). Seu regular uso para fins espaciais, culturais, históricos e, sobretudo, linguísticos, constitui um sintoma de sua relevância e pertinência.

O “sertão”, como todo dispositivo de fronteira, exige autorias (MARTINS, 2008). Este ponto de observação pode partir da argumentação do folclorista cearense Gustavo Barroso. Intelectual ligado à Academia Brasileira de Letras, publicou artigo intitulado *Vida e obra da palavra sertão*, na coluna “Segredos e revelações da História do Brasil”, que integrava a revista *Cruzeiro*, em 1952 — texto que se baseou em comunicação feita à citada academia, na década precedente (BARROSO, 1947 *apud* SILVA, 1950, p. 639). Nesse artigo, o autor expõe diferentes versões presentes em dicionários, que atribuem uma origem portuguesa à palavra em questão. Contudo, adotando ponto de vista diverso, credita a origem do vocábulo à língua mbunda, de Angola. Segundo o autor, de *mulchitum* (oriundo de *michítu* ou *muchítu*), que era empregado para designar *mato*, pelas gentes que habitavam o interior da África portuguesa, derivou a corruptela *mulcetão*, vertida para o latim como *locus mediterraneus*, ou seja, “o interior, o sítio longe do mar, da costa, o oposto ao marítimo” (BARROSO, 1952, p. 54). De *mulcetão* teriam derivado as palavras *celtão* e *certão*, que os portugueses, por apropriação, teriam utilizado para referir-se a áreas do Reino e às extensões das terras ignotas encontradas no contexto das navegações marítimas dos séculos XV. O vocábulo *mulcetão*, incluído como sinônimo de *muchítu* (em mbundo), encontra-se encartado, assim, no *Diccionario da Lingua Bunda, ou Angolense* (CANNECATIM, 1804, p. 235; 510).

Tomando rumo diferente, o filólogo e linguista alemão Joseph Piel propôs que a palavra *sertão* seja proveniente do vernáculo português, com uso rarefeito antes do século XV e disseminação a partir das navegações ultramarinas, sobretudo, nas terras anexadas ao Império por-

tuguês. O estudioso parte, inclusive, da hipótese de o nome em tela ter sido utilizado nos tempos modernos em função de já aparecer, anteriormente, como denominador de topônimos ligados a povoações no interior de Portugal, por exemplo, nos municípios de Amares, Arcos de Valdevez e Celorico de Basto, situados a mais de 350 quilômetros, hoje, de Lisboa (PIEL, 1961 *apud* FERREIRA, 2004, p. 27).

Tal perspectiva foi retomada, contemporaneamente, por Jerusa Pires Ferreira, pesquisadora da área de Comunicação e Estudos Culturais, que, a partir de obras de referência contemporâneas, aventa a possibilidade de *sertão* ser advindo, também, do termo *sertanus*, como veremos posteriormente (FERREIRA, 2004, p. 26). Esta será a perspectiva aqui adotada, considerando que é aquela da qual mais se aproxima a maioria dos estudos que se dedicaram a refletir sobre a origem da palavra *sertão* no Brasil (MÄDER, 1995; AMADO, 1995; ARRUDA, 2000; MORAES, 2003; NEVES, 2003; BARBOSA; FERRAZ, 2005; SILVA, 2010; NEVES, 2012; SARAMAGO, 2015; BARBOSA; FERRAZ, 2015). Tais pesquisas, ao se encaminharem pela escolha de uma origem lusitana para a palavra *sertão*, utilizam como evidências documentos e relatos de cronistas dos séculos XV em diante, pondo em xeque a hipótese de uma origem mbunda, como proposta por Gustavo Barroso.

Essa contestação já havia sido feita, desde 1950, pelo engenheiro civil Moacir Malheiros Fernandes Silva, membro, à época, do Conselho Nacional de Geografia (CNG), o qual considerava a citada procedência “fantasista”. Para este autor, seria muito mais prudente afirmar que os angolanos teriam ouvido a palavra dos portugueses, durante a fase dos empreendimentos marítimos e conquista de África, e, posteriormente, incorporado ao seu vocabulário, descrito no dicionário do frei Bernardo Maria de Cannecatim, de 1804 (SILVA, 1950, p. 641-2). O escritor moçambicano Mia Couto, em livro de ensaios, confirma esse pensamento, ao enunciar que a palavra foi levada para a África pelos portugueses, “[...] que tentaram nomear assim a paisagem da savana. Não resultou. A palavra não ganhou raiz.” (COUTO, 2009, p. 110). O termo *sertão*, segundo este autor, pode ser encontrado apenas nos escritos coloniais, sendo pouco reconhecido, nos dias de hoje, em Moçambique e Angola.

Voltando ao tema da origem lusa da palavra *sertão*, conforme destacado por Joseph Piel (1961 *apud* FERREIRA, 2004, p. 27), existem duas razões, complementares, que podem sustentar tal ideia: uma de ordem

toponímica e outra de ordem propriamente linguística. A primeira diz respeito ao uso de palavras similares a *sertão* como denominadoras de lugares em regiões de Portugal afastadas da costa, como já mencionamos em parágrafo anterior. Há, além destes, a Vila de Sertã, sede de município com o mesmo nome, distante cerca de 180 quilômetros de Lisboa, que se localiza, na contemporaneidade, na região central de Portugal, no distrito de Castelo Branco. O topônimo da vila foi grafado de diversas maneiras ao longo dos séculos: Sartagine, Sartaãe, Sertãã, Sartaã, Sartã, Sartãe, Sartan, Sertam, Sertan, Sertãe, Certãã, Certam, Certan, Sertãã, Certã e Sertã — esta última, a partir do período da União das Coroas Ibéricas, entre 1580 e 1640 (LOPES, 2013).

No *Vocabulario Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau, a palavra *certan*, assim como *certãã* ou *sartaãã*, define frigideira (em espanhol frigideira é *sarten*) — especificamente para a região da Beira — ou o fundo do alambique, desta feita, para os moradores de Lisboa, sem que haja, segundo o dicionarista, palavra própria em latim que lhe dê sustentação etimológica (BLUTEAU, 1712, p. 255). Compulsando-se, de fato, o *Dictionarium Latino Lusitanicum*, de Hyeronimũ Cardosum, tais vocábulos não aparecem nos verbetes da letra C ou S, mas, nesta última, consta a palavra *Sartago*, que significa, igualmente, frigideira (CARDOSUM, 1570, p. 217). *Certan* ou *Certãã*, no mesmo dicionário de Raphael Bluteau, significa, também, a vila de que tratamos anteriormente, cuja fundação se atribui a Quinto Sertório em 74 a.C. (BLUTEAU, 1712, p. 255).

No relato do jurista e escritor Miguel Leitão de Andrade, *Miscellanea do sitio de N. S^a. da Luz do Pedrogão Grande*, a origem da vila é creditada a Sertório, que, exilado de Roma, teria fundado, na região, o Castelo de Sartago, cuja denominação teria vindo do seu próprio nome e “[...] defta palaura *acertare*, ou *certamé*, que na fua lingoa latina, fignifica peleijar, ou peleija [...]” (ANDRADE, 1629, p. 630. Grifos nossos). A palavra *Sartago*, em outra versão na mesma narrativa, teria sido dada em denominação ao castelo após uma investida dos romanos, em que uma senhora chamada Celinda, após ver o marido ser conduzido para dentro dos muros gravemente ferido, teria jogado uma frigideira com azeite quente (= sartago) em cima dos rostos deles, afugentando-os e obtendo triunfo provisório. Do nome *Sartago* — grafado, também, como *Certago* –, ainda segundo Miguel Andrade, as pessoas foram chamando *Sartagem* e, por derivação, *Certãã* (ANDRADE, 1629, p. 627).

Tal versão também integra a descrição dos vocábulos *Certan*, de Raphael Bluteau (1712, p. 255) e *Certãa*, do *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve*, de autoria do padre Luís Cardoso (1747-1751, tomo II, p. 611), em que o processo de formação sócio-histórico da vila é retomado. Pouco mais de setenta anos após o início da publicação dos volumes do dicionário de Bluteau, veio à lume o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva. Na segunda edição deste (1813), foi incluído o verbete *Certãa* como sendo proveniente de *Sartago*, o mesmo que *Sartã*, significando “a caldeira” (SILVA, 1813, p. 376; 693). Tomando como base a problematização feita por Moacir Malheiros Silva, é possível que a denominação da vila fundada por Quinto Sertório, por localizar-se na região interiorana de Portugal, tenha sido vertida para dar nome às conquistas do Império português na África, Ásia e América, como *sertão* (SILVA, 1950, p. 643-644). Esse pensamento corrobora as assertivas de Jaime Cortesão, para quem a palavra, grafada como *sertão* ou *certão*, denominava áreas situadas dentro de Portugal, mas, distantes de Lisboa (CORTESÃO, 1958, p. 28 *apud* AMADO, 1995, p. 147).

A outra razão que sustenta a origem da palavra *sertão* como sendo de Portugal está ligada aos próprios aspectos linguísticos, isto é, de quais outros termos ela derivou-se. Para Joseph Piel, a princípio, o termo em tela foi considerado como sendo derivado do latim *desertanu*, significando “desertão”, como figurou no Dicionário Etimológico do filólogo suíço Wilhelm Meyer-Lübke. Essa interpretação, anteriormente, já havia sido convocada na *Grammatica Descriptiva* do médico e advogado Maximino Maciel, a título de exemplo para o processo de subtração prosódica (MACIEL, 1914, p. 44), bem como, encontrado eco em estudos como os de Luís da Câmara Cascudo (1954), Bartira Barbosa e Socorro Ferraz (2005), Kalina Vanderlei Silva (2015) e Victoria Saramago (2015). Tal explicação, a da palavra *sertão* derivar de *desertão* foi rejeitada pelos estudos do filólogo espanhol Joan Corominas (1961 *apud* FERREIRA, 2004, p. 26) e por Jerusa Ferreira, em termos fonéticos, semânticos e históricos (2004, p. 26).

O linguista alemão propõe que a palavra *sertão* tenha origem no latim *sertanus*, “[...] derivado de *sertum*, particípio passado de *sero*, *serui*, *sere*, que significa entrelaçar, entrançar. Remete ao substantivo *sertum* (plural *serta*) que significa grinaldas, coroas, tranças.”, signifi-

cando “[...] o que está entrelaçado, alusão a uma vegetação contínua e esta forma admitiria a contaminação semântica com *sertus*, inserido, metido dentro.” (PIEL, 1961 *apud* FERREIRA, 2004, p. 26). Todavia, ao estudar os usos da palavra para denominar espaços nas conquistas do Império português, a partir de um *corpus* de nove escritores portugueses dos séculos XV e XVI, Jerusa Ferreira constatou não apenas este sentido, que liga o sertão à ideia de mata, vegetação contínua e floresta, como veremos adiante (FERREIRA, 2004).

À experiência de lançar-se aos mares, a partir de meados do século XV, podemos somar a mobilização ibérica e o conhecimento das quatro partes do mundo conhecidas a partir das navegações — Europa, África, Ásia e, posteriormente, América (GRUZINSKI, 2014). *Pari passu* à mundialização levada à frente pelos povos da Península Ibérica, que se fortalece durante o período filipino, a escala planetária com a qual interagiram Portugal e Castela, impeliu o conhecimento das realidades em processo de exploração, de suas espacialidades e de suas gentes. De tal forma que, à medida que a mundialização ibérica tocava em novos territórios a partir do concurso das navegações marítimas, alargando os territórios imperiais de Portugal e Castela, relatos dando conta dessas incursões foram surgindo e sendo publicados na Europa.

O mais antigo texto, provavelmente, onde temos o uso da palavra *sertão* como conceito que denomina uma realidade espacial é a *Crônica de tomada de Ceuta por el Rei D. João I* (1450), de autoria do cronista Gomes Eannes de Zurara (1450). Nessa narrativa, que reconstrói a tomada de Ceuta em 1415 pelos portugueses, a descrição da cidade alude a que esta “[...] polla mayor parte he cercada dagua, omde tijna assaz seguramça, e aquelle pequeno espaço que ficaua da parte do sertão, nom lhe compria melhor guarda [...]” (ZURARA, 1915 [1450], p. 234). Sertão, nesse contexto, partindo da problematização de Jerusa Ferreira, remete a uma área visível, contígua, inclusive, à cidade (2004, p. 31). Mesma imagem pode ser obtida por meio da leitura do *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama em MCCCXCVII* (1497), atribuído ao marinheiro Álvaro Velho, componente da expedição de circum-navegação, quando se remete à Vila de Milynde (hoje, pequena cidade do Quênia) como estando encravada em uma praia, com casas altas e bem caiadas, e tem “[...] ao lomgo della da banda do sartão que está apegado com as casas, huum palmeiral muito grande [...]” (VELHO, 1861 [1497], p. 48-49).

Numa passagem anterior da narrativa de Eannes de Zurara, acima referida, o cronista remonta às decisões de D. João I em relação à estratégia de apropriação de Ceuta. Ao propor a instalação de um arraial na Península Almina, para deslanchar o processo de tomada da cidade, seus conselheiros reais foram enfáticos ao asseverar que “[...] os mouros nom teem tamanho poder per o mar como per a terra, e sse uos teuerdes tomada aquella pequena parte do sertão, com a frota que uos teemdes podellos hees teer cercados assy per mar como per terra.” (ZURARA, 1915 [1450], p. 186). Temos, aqui, a percepção de um *sertão* que se contrapõe ao mar, ainda que seja um “longe perto”, seguindo o pensamento de Jerusa Ferreira (2004, p. 32), sobretudo, se pensarmos na geografia peninsular de Ceuta. O *sertão* em contraposição ao mar pode ser observado, também, na descrição do rio Emzaze (Nzadi?), no Reino do Congo, que aparece nas páginas do *Esmeraldo de situ orbis*, de autoria do cosmógrafo português Duarte Pacheco Pereira, no início do século XVI. Para o autor, o referido rio “[...] nafce em humas ferras cincoenta leguoas no certaão hapartadas das Ribeyras do mar pella dita diftancia [...]” (PEREIRA, 1892 [1506], p. 83).

Três anos após a escrita do relato sobre a tomada de Ceuta, Eannes de Zurara produziu a *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné* (1453), em que narrou incursões de portugueses, sob a inspeção do Infante D. Henrique, a espaços da costa ocidental do que hoje chamamos de continente africano. Nas oito vezes em que a palavra *sertão* é utilizada — grafada como *sertaão* — metade dos usos é feita em contraponto ao litoral (ZURARA, 1841 [1453], p. 60, 180, 403 e 449), sobressaindo-se duas passagens em que o sentido é o de interior, de afastado, de coração da terra, conforme a problematização feita anteriormente por Jerusa Ferreira (2004, p. 32): uma, referindo-se à paisagem portuguesa de Olivença, “[...] hũa villa do sertão muy afastada do mar [...]” e outra à informação prestada ao Infante D. Henrique, por negros, acerca de um “[...] castello muyto afastado pelo sertão [...]” (ZURARA, 1841 [1453], p. 403 e 449). No que se refere às Índias orientais, o relato do historiador português Diogo de Couto segue o mesmo mote ao descrever a porção meridional da Península Arábica, conhecida como Arábia Feliz, onde não havia “[...] coufa mais frefca, que efta Cidade [de Zebit], e a de Sanáa, trinta leguas ao fertão [...]” (COUTO, 1779? [1596-1597], p. 448).

As quatro outras menções que Eannes de Zurara fizera à palavra *sertão* na crônica sobre a conquista de Guiné indicam o sentido de tra-

vessia, isto é, situações em que o *sertão* era lugar de passagem ou a ser alcançado. Esse sentido emerge a partir do uso, pelo cronista, de verbos de movimento, para indicar o sentido de trajetória “da costa para o interior” (FERREIRA, 2004, p. 33), como podemos verificar no trecho em que, com alguma probabilidade, relata-se a escravização de mouros: “[...] andaron dous dyas e duas noites, e forom em terra, onde pero muyto trabalhassem, nom poderom filhar mais de huñ Mouro, per cuja guya forom buscar hũas três aldeas, que eram assaz dentro pelo sertão [...]” (ZURARA, 1841 [1453], p. 208 e, ainda, 73, 200 e 345). Para o contexto do Oriente, Diogo de Couto mencionou que o governador da Índia, Martim Afonso de Souza, em ocasião de guerra, “[...] vio que lhe era neccessario partir de Goa [...] porque como havia de defembarcar na Cidade de S. Thomé, pera dahi caminhar pera o fertão doze leguas [...]” (COUTO, 1779? [1596-1597], p. 345).

Jerusa Ferreira aponta outros sentidos para a palavra *sertão* presentes em crônicas que narram as viagens ultramarinas portuguesas, ligados a representações de lugares cuja descrição variava entre áreas verdes e secas, com vegetação e áridas. Um exemplo é a descrição feita pelo explorador português Fernão Mendes Pinto, em sua *Peregrinaçam*, da paisagem da Ilha de Lequia, na China, cuja terra era “[...] algum tanto em partes montanhofa, mas no interior do fertão he mais plana, & fértil, & viçofa de muytos campos regados de rios dagoa doze, com infinidade de mantimentos, principalmente de trigo & arroz.” (PINTO, 1614, p. 173). A imagem de viço, para áreas exploradas pelos lusitanos, também se encontra no relato do historiador português João de Barros acerca de localidades na Península Arábica, dentre as quais, “[...] dentro no fertão vinte legoas pouco mais ou menos, eftá a cidade Láfah: a qual cõ feu contorno de tẽrra ẽ a mais fertil & mimofa õ tem toda aquella parte chamada Yaman [...]” (BARROS, 1563, p. 164). O contraponto dessa vitalidade da terra pode ser encontrado em relatos sobre paisagens de Angola, da lavra de Manuel Pimentel em sua *Arte de navegar* (1699), quando se refere às nascentes do rio Dande, informando que “[...] pelo fertão dentro he terra rafa, efcaldada sem arvoredo [...]” (PIMENTEL, 1762 [1699], p. 270). Sobre o Cabo de São Braz, na região litorânea, o mesmo cosmógrafo português afirma que as “terras do fertão” do mesmo são altas e espinhosas, com três picos (PIMENTEL, 1762 [1699], p. 448), concatenando-se com a ideia de um “longe perto”, como discutido por Ferreira (2004).

Importante ressaltar, aqui, que tais narrativas se constituem enquanto relatos das terras e das gentes em processo de conquista por parte dos lusitanos, construídos a partir das vivências dos seus produtores nos diferentes espaços chamados de *sertão*. Seguindo o que enuncia André Heráclio do Rêgo, também podem ser pensados como referentes para a produção de tais narrativas o conhecimento acumulado na Europa proveniente das fontes clássicas e medievais, vale dizer, uma geografia imaginária sobre os diferentes sertões conhecidos e imaginados (RÊGO, 2016a, p. 24; 2016b, p. 43-49). As diferentes menções feitas nas crônicas portuguesas ao *sertão* referem-se a áreas que, em função do posicionamento do narrador — próximo ou distante da costa –, também implicavam em dificuldades ou não para acessar tais espaços, considerados vazios, pelo menos, do ponto de vista de súditos do Império português em expansão pelo globo (SARAMAGO, 2015, p. 232).

No que diz respeito às possessões lusitanas para além do Atlântico, a carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, inaugura o repertório conhecido de narrativas acerca de espaços considerados *sertão* no que seria chamado, posteriormente, de América portuguesa. Encaminhada ao rei D. Manuel I em 1500, a carta descreve a terra encontrada no litoral e, ademais, “[...] polo sartaa no pareceo do mar muyto gramde; porque a estender olhos, nom podíamos ver senom terra, e arvoredos, que nos parecia muy longa terra.” (CAMINHA, 1817 [1500], p. 33). O *sertão* de Caminha, pois, é aquele que não se pode ver por completo, que se coloca como um obstáculo tal qual a parede vegetal que se apresenta, pela narrativa, aos marinheiros da armada de Cabral, aludindo ao sentido de mato ou floresta já discutido por Jerusa Ferreira para crônicas portuguesas relativas a outras paragens do globo (FERREIRA, 2004, p. 29).

O *sertão* representado pelo escriba, em outro sentido, também corresponde a áreas próximas do próprio trânsito dos integrantes da empresa de conquista, que, ao andarem pela costa e cortarem lenha, encontraram papagaios de cores e tamanhos diversos, bem como pombas. Na dúvida sobre terem encontrado, também, rolas, considerando o ponto de vista de Caminha, este afirmou que “[...] nom has vy; mas segundo hos arvoredos sam muytos, e grandes, e dimfimdas maneiras, nom duvido que per ese sertaa ajam muytas aves [...]” (CAMINHA, 1817 [1500], p. 28). Trata-se, aqui, da remissão a um longe perto, conforme a problematização de Jerusa Ferreira (2004), mas, que, no entendimento de Victoria

Saramago, corresponde a um tom mais cético e especulativo sobre as terras encontradas no ultramar atlântico, expresso, em outras crônicas coloniais, por meio de discursos indiretos e hipotéticos (SARAMAGO, 2015, p. 234).

Discutindo textos de autoria portuguesa sobre a aventura das navegações marítimas, Victoria Saramago intuiu que uma forma frequente de se descrever o sertão consistia em tomar a costa como parâmetro e referir-se aos pontos de interesse dentro do espaço (cidades, lugares, rios) medidos a partir de distâncias em léguas, sem indicação precisa da direção a ser tomada rumo ao interior (SARAMAGO, 2015, p. 234). É o que podemos observar na corografia de Gabriel Soares de Souza, senhor de engenho no norte da América portuguesa, produzida no fim do século XVI, em que a descrição inicial da “provincia do Brasil” a situa “[...] além da linha equinocial da parte do sul [...] e vai correndo esta linha pelo sertão d’esta provincia até 45 grãos, pouco mais ou menos.” (SOUZA, 1879 [1587], p. 3). Similar atitude percebemos ao verificar a menção a uma fazenda de Garcia d’Ávila, situada no sertão, a duas léguas da Ponta de Itapuã, sem haver quaisquer outros direcionamentos em relação à direção a ser tomada para se efetuar o trajeto até o destino (SOUZA, 1879 [1587], p. 40). Tal forma de descrever o sertão também a encontraremos nos escritos do jesuíta Fernão Cardim, produzidos entre o fim do século XVI e começo do século XVII e publicados em 1925 como *Tratado da terra e da gente do Brasil* (SARAMAGO, 2015, p. 234).

Ao narrar uma de suas viagens até aldeamentos indígenas nas margens do rio São Francisco, na segunda metade do século XVII, o capuchinho francês Martinho de Nantes afirmou que “Entrando nas solidões vastas e assustadoras, fui surpreendido por um certo medo, tanto mais quando não havia uma folha sobre as árvores e pareciam com as nossas, em tempo do inverno, e não se cobriam de folhas senão quando vinham as chuvas, nos meses de fevereiro ou março.” (NANTES, 1979 [1706], p. 32). E continuou: “O canto lúgubre de certos pássaros aumentava ainda esse terror; tudo isto me parecia como a imagem da morte. Além disso esse país é muito montanhoso e as montanhas muito altas.” (NANTES, 1979 [1706], p. 32). Além de corroborar com descrições do sertão situados nas conquistas em África e na Ásia, analisadas por Jerusa Ferreira (2004) e Victoria Saramago (2015), o exemplo acima atesta o sentimento de indefinição com que se mirava o sertão, quando se descreviam as incursões de povos europeus nas terras lusitanas da América. Vasto, de-

serto, remoto, aterrador, incógnito e ignoto são, assim, adjetivos atribuídos às espacialidades do sertão, conforme enuncia André Rêgo a partir do exame de crônicas coloniais e documentos coevos (RÊGO, 2014, p. 241-247).

Em outros textos produzidos por cronistas coloniais, a exemplo do *Tratado da Terra do Brasil* (1576), do português Pero de Magalhães Gândavo, sobressai-se a remissão às riquezas escondidas no sertão. Nas palavras do autor, em que narra a vinda de índios do sertão até a sede da Capitania de Porto Seguro, estes teriam trazido notícia “[...] dumas pedras verdes que havia numa serra muitas léguas pela terra dentro, e traziam algumas delas por amostra, as quais eram esmeraldas, mas não de muito preço. E os mesmos índios diziam que daquelas havia muitas, e que esta serra era muito formosa e resplandecente.” (GÂNDAVO, 2008 [1576], p. 75). Notícias sobre serras douradas, minas de ouro e prata, cristais e esmeraldas também são tema de descrições nas narrativas de Pero Lopes de Souza e Gabriel Soares de Souza, no século XVI, e na do frei Vicente do Salvador, na primeira metade do século XVII, o que reforça, segundo Maria Elisa Mäder, a perenidade, na América, de um imaginário ocidental e renascentista composto por aspirações em busca de tesouros, paraísos e enriquecimento, que se consubstanciou em mitos como o de Eldorado (MÄDER, 1995, p. 26-33).

O exame do pequeno corpus de autores que transitaram pelas conquistas do Império Ultramarino Português, a partir dos tempos modernos, somado ao debate historiográfico aqui convocado, nos permite considerar que é imprudente esperarmos encontrar, nos relatos de tal período, um sentido único ou uma “fórmula norteadora” para definir o que é *sertão*. Mais do que isso, tal palavra poderia remeter, inclusive, a espacialidades perto ou longe do litoral, o que, em si, colocaria em questão uma suposta contraposição entre o par litoral versus interior (FERREIRA, 2004, p. 28). Considerando o pressuposto da origem lusitana da palavra *sertão*, carregada, junto com o léxico dos conquistadores, em suas incursões por diferentes partes do globo, o termo definiu, no geral, “a imagem de um espaço cerrado, remoto e misterioso”, ainda que, para as crônicas sobre África tenha havido um delineamento mais seguro do que se poderia encontrar nesses espaços (SARAMAGO, 2015, p. 241). É preciso lembrar, também, nesse sentido, que tais relatos de época, a depender do lugar de fala dos autores e das circunstâncias em que foram produzidos, poderiam estar representando espaços efetivamente

conhecidos a partir da percepção empírica ou aqueles que se desejava conhecer, em função do imaginário das viagens marítimas (RÊGO, 2016a, p. 37).

As imagens produzidas pelos viajantes à América portuguesa, em certa medida, colocam o sertão em contraposição à região colonial, isto é, aos espaços preenchidos pela ordem colonizadora, “cheios” de súditos do Império português, marcados pelo domínio do Estado e da Igreja, unidos pelos laços do Padroado Régio. Sertão, dessa forma, foi encarado como “o território do vazio, o domínio do desconhecido, o espaço ainda não preenchido pela colonização”, território ora positivado, ora negatizado, a partir de elementos do imaginário ocidental renascentista e da própria vivência e adaptação dos colonos nos trópicos (MÄDER, 1995, p. 12-13). No período colonial, assim, se o termo em questão designou tanto “quaisquer espaços amplos, longínquos, desconhecidos, desabitados ou pouco habitados”, igualmente, isto dependia da vinculação de quem enunciava o discurso, do seu ponto de observação e da sua localização em relação ao sertão. (AMADO, 1995, p. 148).

Dada a diversidade de espaços conquistados e colonizados pelos portugueses na América, os documentos coevos costumeiramente grafaram a palavra no singular e no plural, sendo mais comum, atualmente, o seu uso como *sertões*, indicativo da pluralidade de espaços que receberam tal nomeação pelos agentes coloniais (AMADO, 1995; NEVES, 2003; 2012). Partindo do raciocínio de Antonio Carlos Robert de Moraes, aplicado ao conjunto de cronistas aqui referenciados, é pertinente elucidar, também, que o sertão não se constitui, apenas, em uma “materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica”. O termo nomeou, durante o período moderno, caatingas, cerrados, florestas e outros ambientes, sem que isso significasse, compulsoriamente, um território com limites bem definidos e, ao mesmo tempo, imóvel no tempo e no espaço. Como ideologia geográfica que foi mobilizada junto com os conquistadores para os territórios coloniais sob o domínio do Império português, o conceito de sertão pode ser apreendido enquanto um “discurso valorativo referente ao espaço”, que o qualifica segundo a mentalidade de quem o está nomeando (MORAES, 1988; 2003). Outros sentidos seriam incorporados à ideia de sertão, no Brasil, a partir da constituição do Estado Nacional, no século XIX, como veremos a seguir.

Desse modo, a proposta de uma história dos sertões pretende operar como uma experiência, um espaço laboratorial no qual pode vir a serem exploradas diferentes concepções de comunidades humanas e suas relações, tendo por fio condutor, a ideia de sertão como conceito de movimento no tempo e no espaço, ideia essa deslocada de qualquer conotação periférica e identitária. De fato, desde, no mínimo, a instauração da História como disciplina acadêmica no Brasil, cuja datação mais comum reside na fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no ano de 1838, no Rio de Janeiro, podemos perceber a centralidade da ideia de sertão para a configuração da então idealizada “nação brasileira”. Se desde o período conhecido como expansão portuguesa podemos perceber um interesse gradual pela busca de novos “sertões”, em função da própria história de disputas por territórios na Europa ibérica (RÊGO, 2016a), após o processo de independência, o interesse pelos saberes geográficos, submetidos à perspectiva nacional, ganhou força (CEZAR, 2005). Nesta marcação que estabelecemos para sustentar a proposta, qual seja, a partir da década de 1970, a historiografia, em nível internacional, produziu críticas ao processo histórico geralmente vinculado às ideais de nação e nacionalismo, sendo as clássicas obras de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1990) e Benedict Anderson (2008), entre muitos outros estudos, o que condicionou um retorno ao século XIX como recorte privilegiado de investigação no Brasil e em outros países do mundo ocidental.

Entretanto, era impensável, ao longo de todo o período imperial brasileiro, no nosso século XIX, desconsiderar os recortes denominados como sertões, entendidos muitas vezes como regiões desconhecidas. Não é sem razão que a história dividia com a geografia o espaço privilegiado da academia letrada localizada no centro do poder imperial. Os relatórios das viagens levadas a cabo pelos membros do IHGB constituíam importantes referências para o projeto nacional promovido pelo Estado, especialmente trânsitos em direção às regiões de fronteira, focos de atenção estratégica dentro da lógica imperante da época e mesmo atualmente (GUIMARÃES, 2011, p. 158-164). No entanto, para além das divisas do território brasileiro com o rio da Prata, no sul, dos limites da província do Mato Grosso, no oeste, ou da preocupação constante com o Maranhão desde a Balaiada (1838-1841), no então norte, os chamados sertões também eram considerados pontos de movimentação fronteiriça, dadas as imprecisões geográficas existentes. Ainda que não recebessem

a mesma atenção estatal, os sertões já faziam parte de uma ideia geral sobre o Brasil. A profunda controvérsia existente entre as diversidades regionais e o projeto nacional já foi investigada em profundidade pela historiografia. Como pontuaram István Jancsó e Paulo Pimenta,

a análise atenta da documentação revela que a instauração do Estado brasileiro se dá em meio à coexistência, no interior do que fora anteriormente a América portuguesa, de múltiplas identidades políticas, cada qual expressando trajetórias coletivas que, reconhecendo-se particulares, balizam alternativas de seu futuro. Essas identidades políticas coletivas sintetizavam, cada qual à sua maneira, o passado, o presente, e o futuro das comunidades humanas em cujo interior eram engendradas, cujas organicidades expressavam e cujos futuros projetavam (JANCÓSÓ; PIMENTA, 2000, p. 131-132).

O sertão não deixa de ser, destacadamente, a noção mediadora entre identidades coletivas mais ou menos amplas, espaços da diferença, do Outro, o “entre-lugar”. É possível verificar o investimento estatal em todas as frentes de investigação em torno do controle do espaço territorial nos trabalhos do IHGB e, em especial, na obra de alguns dos mais importantes letrados do século XIX. O autor da primeira *História geral do Brasil* (1854-1857), Francisco Adolfo de Varnhagen, dedicou-se a vasto levantamento acerca das questões territoriais, reunindo e verificando mapas e outros materiais pertinentes. Alguns textos de caráter político, considerando-se que se tratava de um servidor público do império, como o *Memorial orgânico* (1849-1850), evidenciam seus posicionamentos e proposições sobre a ocupação e domínio do país, sistemas de comunicação, organização, e distribuição populacional. Em Varnhagen percebemos a necessidade de expansão e compromisso do Estado para com suas dimensões geográficas. Varnhagen proporia um deslocamento que vai da costa ao interior, sugerindo, inclusive, que a capital, situada no Rio de Janeiro, deveria ser deslocada para o interior do território nacional, não muito distante do lugar onde, pouco mais de cem anos depois, seria erigida Brasília. Todavia, foi com Capistrano de Abreu, já na virada para o século XX, que o sentido da rota seria invertido, e o sertão passaria a ter importância primária. Em 1907, Abreu dedica integralmente um de seus *Capítulos de história colonial* ao sertão. Para ele, era nas diversas temporalidades próprias da ocupação dos sertões que se encontraria o

real passado social brasileiro. O sertão, em Abreu, era entendido como todos os espaços afastados da costa litorânea, o que determinava, por exemplo, amplos recortes da atual região sudeste, mais especificamente os atuais estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo como sertões. O chamado movimento das bandeiras seria o mecanismo pelo qual os sertões passariam a ser ocupados, de acordo com o que a historiografia tradicional viria a repetir mesmo anteriormente a Abreu, ao longo dos Oitocentos. Apesar disso, esta mesma historiografia assinalou o sertão como categoria preponderante na definição do que viria a ser o Brasil construído ao longo do período colonial. A obra de Capistrano insere-se em um contexto em que os estudos sobre os espaços serão, por excelência, o foco dos estudiosos. Destaca-se, neste sentido, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902. Os sertões, como objeto de ciência, visto de fora, passou a sintetizar, em grande avanço em relação a, por exemplo, *O sertanejo* (1875), de José de Alencar, não somente mais um personagem para a identidade brasileira, mas um objeto de análise dos mais relevantes problemas nacionais. Em esforço paralelo, esta identidade nacional passou a ser identificada com os espaços interiores, os denominados sertões. No âmbito do naturalismo, em *Os sertões*, percebe-se a vinculação entre história e natureza (relação repensada em diferentes momentos da modernidade e dimensão basilar nesta área de concentração), o olhar exterior do discurso científico e urbano em relação aos sertões (novamente a problemática da alteridade) e a caracterização de um projeto político de controle das populações e dos espaços públicos. Em sentido geral, na passagem para o século XX e sob efeito da mudança para a república, o sertão é o Outro silenciado, dito pelo urbano, não uma crítica alternativa ao projeto da modernidade que se alterava com o avanço do capitalismo industrial, mas uma espécie de passado a ser superado, ponto original que se pretendia ultrapassar. Esta alteridade construída em relação ao sertão desenvolve-se em uma narrativa nacional que, apesar de apresentar os problemas nacionais e oferecer projetos de ação direta ao Estado, em raros momentos procurou problematizar esta mesma narrativa. Ainda tendo em mente o contexto historiográfico das últimas cinco décadas, que fundamenta e justifica esta proposta, a saída da narrativa de seu eclipse teórico, em obras como a do filósofo Paul Ricoeur — *Tempo e narrativa* (1983-1985) — podemos pensar outras narrativas para e a partir dos sertões, buscar outras alteridades.

Referências

ABREU, Capistrano de. **Capítulos da história colonial** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2009 [1907].

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALENCAR, José. **O sertanejo**. Fortaleza: Editora Verde Mares, 1998 [1875].

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; Ed. FGV, v. 8, n. 15, p. 145-152, jan./jul. 1995.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADA, Miguel Leitão de. **Miscelânea do Sítio de Nossa Senhora da Luz do Pedrógão Grande, Aparecimento de sua Santa Imagem, Fundação do seu Convento e da Sé de Lisboa, Expugnação dela, Perda del rei Sebastiam. E que Seja Nobreza, Senhor, Senhorio, Vassalo del-rei, Rico-Homem, Infância, Corte, Cortesia, Misura, Reverência, e Tirar o Chapéu, e Prodígios. Com Muitas Curiosidades e Poesias Diversas**. Lisboa. Imprensa Nacional, 1867 [1629].

ANDRADE, Joel Carlos de Souza. **Em demanda do sebastianismo em Portugal e no Brasil**: um estudo comparativo (séculos XIX/XX). Coimbra : [s.n.], 2015. Tese de doutoramento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/26814>.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões**: entre a história e a memória. Bauru: EDUSC, 2000.

BARBOSA, Bartira Ferraz; FERRAZ, Socorro. **Sertão**: Fronteira do Medo. Recife: Editora UFPE, 2015.

BARBOSA, Bartira Ferraz; FERRAZ, Socorro. **Sertão**: um Espaço Construído. Salamanca: Editora Universidad de Salamanca, 2005.

BARROS, João de. **Decada primeira da Asia de João de Barros**: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente. Lisboa: [impressa por] Jorge Rodriguez, 1628 [1563].

BARROSO, Gustavo. Vida e história da palavra sertão. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 12 jul. 1952, p. 53-54 (Coluna Segredos e Revelações da História do Brasil). Acesso em: 20 jun. 2016.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliane Livia Reis e Glauce Gonçalves. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

CAMINHA, Pero Vaz de. [Carta]. In: CASAL, Manuel Aires do. **Corografia Brasileira**. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1817.

CANNECATIM, Bernardo Maria de. **Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza, e latina**. Lisboa: Impressão Regia, 1804.

CARDOSO, Luís. **Diccionario geografico, ou, Noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas : que escreve, e offerece ao mutio alto, e mutio poderoso rey D. João V. nosso senhor**. Lisboa: Regia officina Sylviana, e da Academia real, 1747-1751.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1954.

CATROGA, Fernando. **Ensaio republicano**. Lisboa: Fundação Francisco Manoel dos Santos, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015 [1975].

CEZAR, Temistocles. A geografia servia, antes de tudo, para unificar o Império. Escrita da História e saber geográfico no Brasil oitocentista. **Ágora (UNISC)**, Santa Cruz do Sul - RS, v. 11, n. 1, p. 79-99, 2005.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COUTO, Diogo de. **Da Asia de Diogo de Couto dos feitos, que os portuguezes fizeram na conquista, e descobrimento das terras, e mares do Oriente** (Decada Decima, parte segunda). Lisboa: Regia Officina Typographica, 1779? [1596-1597].

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: Campanha de Canudos. São Paulo: Ubu Editora/Edições SESC São Paulo, 2016 [1902]. [edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão].

FERREIRA, Jerusa Pires. Os segredos do sertão da terra: um longe perto. **Léngua & meia**: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v. 3, n. 2, p. 25-39, 2004.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil**: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil. Brasília: Senado Federal, 2008 [1576].

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Historiografia e Nação no Brasil (1838-1857)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo**: história de uma mundialização. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Edusp, 2014.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto**. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo. Peças de um mosaico ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, v. 21, p. 389-440, 2000.

LOPES, Rui Pedro. **História da Sertão**. Rev. Sandra Moreira. Sertão: Câmara Municipal, 2013.

MACIEL, Maximino de Araujo. **Grammatica Descriptiva**. 5. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1914.

MÄDER, Maria Elisa N. de S. **O vazio**: o sertão no imaginário da colônia nos séculos XVI e XVII. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1995.

MARTINS, Rui Cunha. **O Método da Fronteira**: Radiografia Histórica de um dispositivo contemporâneo. Coimbra: Almedina, 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1988.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão: um outro geográfico. **Terra Brasilis, on line**, n. 4-5, 2003. Disponível em: <http://terrabrasilis.revues.org/341>. Acesso em: 23 nov. 2019.

NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no rio São Francisco**. Tradução e comentário de Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1979 [1706].

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. **Politeia**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão recôndito, polissêmico e controvertido. In: KURY, Lorelai Brilhante (Org.). **Sertões adentro**: viagens nas caatingas (séculos XVI ao XIX). Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, p. 14-56, 2012.

PEREIRA, Duarte Pacheco. **Esmeraldo de situ orbis** (edição de Raphael Eduardo de Azevedo Basto). Lisboa: Imprensa Nacional, 1892 [1506].

PIMENTEL, Manuel. **Arte de navegar, em que se ensinão as regras praticas, e os modos de cartear, e de graduar a balestilha por via de numeros, e muitos problemas uteis á navegação, : e roteiro das viagens, e costas maritimas de Guiné, Angola, Brazil, Indias, e Ilhas Occidentaes, e Orientaes, novamente emendado, e accrescentadas muitas derrotas, ...** Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio, 1762 [1699].

PINTO, Fernão Mendes. **Peregrinaçam**. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1614.

RÊGO, André Heráclio do. O sertão e a geografia. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 63, abr., p. 42-66, 2016a.

RÊGO, André Heráclio do. A busca de outros sertões. **Expedições — Teoria da História & Historiografia**. Goiânia, ano 7, n. 2, p. 11-39, ago./dez. 2016.

RÊGO, André Ricardo Heráclio do. Visões do sertão: o interior das terras no Brasil colonial e na África portuguesa. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, v. 175, n. 463, p. 235-278, abr./jun. 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** — Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus editora, 1994.

SARAMAGO, Victoria. O sertão ao redor do mundo. In: DUTRA E SILVA, Sandro; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero (Org.). **Vastos sertões**: história e natureza na ciência e na literatura. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 231-26, 2015.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Nas solidões vastas e assustadoras**: a conquista do sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII. Recife: CEPE, 2010.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. 2 ed. mais correcta e accrescentada com um additamento. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1879 [1587].

SILVA, Moacir Malheiros F. A propósito da palavra “Sertão”. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, ano VIII, n. 90, p. 637-644, set. 1950.

SILVA, Antonio de Moraes. Bluteau, Rafael. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História geral do Brasil, isto é, do descobrimento, colonização, legislação e desenvolvimento deste estado, hoje império independente, escrita em presença de muitos documentos autênticos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Espanha e da Holanda. Por um sócio do Instituto Histórico do Brasil, natural de Sorocaba**. Tomo Primeiro. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1854.

VELHO, Álvaro [suposto]. **Roteiro da viagem de Vasco da Gama em MCCCCXCVII**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1861 [1497].

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 3.ed. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: EdUnB, 1995 [1971].

WHITE, Hayden. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995 [1973].

ZURARA, Gomes Eanes de. **Crônica do descobrimento e conquista da Guiné: Escrita por mandado de El-rei D. Afonso V, sob a direção científica e segundo as instruções do ilustre Infante D. Henrique, pelo cronista Gomes Eanes de Azurara; fielmente trasladada do manuscrito original contemporâneo, que se conserva na Biblioteca Real de Paris e dada pela primeira vez à luz por diligência do Visconde da Carreira, enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário de S. Majestade Fidelissima na corte de França; precedida de uma introdução e ilustrada com algumas notas, pelo Visconde de Santarém [...] e seguida de um glossário das palavras e frases antiquadas e obsoletas..** Paris, França: Aillaud, 1841 [1453].

ZURARA, Gomes Eannes de. **Crônica de tomada de Ceuta por el Rei D. João I**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1915 [1450].

Para saber mais

ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de (Org.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2001.

ANDRADE JUNIOR, Lourival; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de (Org.). **Cultura e sensibilidades: sertões, histórias e memórias**. Caicó: Mares Editores, 2017.

BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo; MARINHO, Caio (Org.). **Sertão, sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas**. São Paulo: Elefante, 2019.

BONATO, Tiago. **Viagens do olhar: relatos de viajantes e a construção do sertão brasileiro (1783-1822)**. Guarapuava: Unicentro, 2014.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes; NEVES, Frederico de Castro (Org.). **Capítulos de História Social dos Sertões**. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura Editorial, 2017.

FREIRE, Alberto (Org.). **Culturas dos sertões**. Salvador: Edufba, 2014.

LIMA, Nisia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil**. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ, 1999.

MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d'Os Sertões**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Crônica, memória e história: formação historiográfica dos sertões da Bahia**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira; IRFFI, Ana Sara Cortez; SOUSA, Maria Arleilma Ferreira de; OLIVEIRA, Antônio José de (Org.). **História Social dos Sertões**. Curitiba: CRV, 2018.

SANTOS, Evandro. Estilo e temporalidades na escrita de Oswaldo Lamartine de Faria: em busca do tempo perdido no Seridó potiguar. **Expedições: Teoria da História e Historiografia, Morrinhos**, v. 9, p. 96-109, 2018.

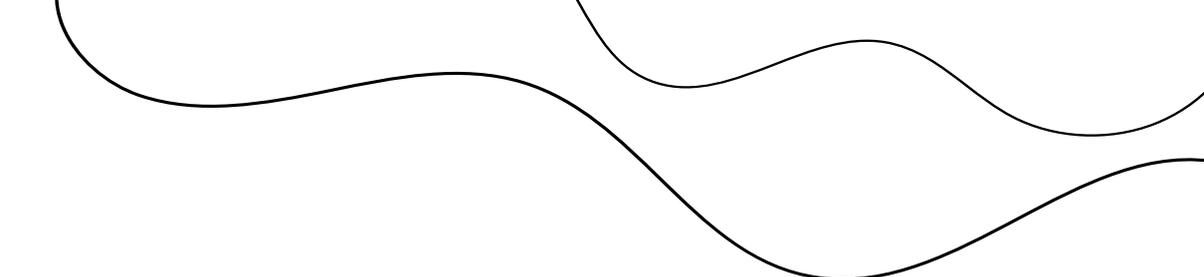
SANTOS, Evandro. Ensaio sobre diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e velhas epistemologias. **Saeculum (UFPB)**, João Pessoa, v. 24, p. 441-452, 2019.

SENA, Custódia Selma; SUÁREZ, Mireya (Org.). **Sentidos do sertão**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011.

SILVA, Sandro Dutra e; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero (Org.). **Vastos sertões**: história e natureza na ciência e na literatura. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

SOUZA, Candice Vidal e. **A pátria geográfica**: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. 2.ed. Goiânia: Editora UFG, 2015 [1997].

VAINFAS, Ronaldo. O sertão e os sertões na história luso-brasileira. **Revista de História da Sociedade e da Cultura**, Coimbra, v. 19, p. 1-21, 2019.



Sobre os autores

ALDA MEDEIROS é mestra em História dos Sertões pelo PPGHC-UFRN.

EVANDRO SANTOS é doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professor do Departamento de História do CERES-UFRN e docente permanente do PPGHC-UFRN.

FILIPE VIANA DA SILVA é mestre em História dos Sertões pelo PPGHC-UFRN.

HELDER MACEDO é doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor do Departamento de História do CERES-UFRN e docente permanente do PPGHC-UFRN e do Programa de Pós-Graduação em História de Natal (PPGH-UFRN).

JOEL ANDRADE é doutor em História pela Universidade de Coimbra, professor do Departamento de História do CERES-UFRN e docente permanente do PPGHC-UFRN.

JOHNNYS JORGE GOMES ALENCAR é mestre em História dos Sertões pelo PPGHC-UFRN e, atualmente, doutorando em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

LAÍSA FERNANDA SANTOS DE FARIAS é mestra em História dos Sertões pelo PPGHC-UFRN e, atualmente, doutoranda em Educação pela UFRN.

LEDSON MARCOS DA SILVA é mestre em História dos Sertões pelo PPGHC-UFRN e, atualmente, doutorando em História pela UFPE.

MARCELINO GOMES DOS SANTOS é mestre em História dos Sertões pelo PPGHC-UFRN.

MATHEUS SANTOS é mestre em História dos Sertões pelo PPGHC-UFRN.

NATÁLIA RAIANE DE PAIVA ARAÚJO é mestra em História dos Sertões pelo PPGHC-UFRN.

Editora
**SER
TÃO
CULT**

Este livro foi composto em fonte Anko Personal Use, impresso no formato 16 x 23 cm em offset 75 g/m², com 164 páginas e em e-book formato pdf. Fevereiro de 2023.

Fazendo ciência nos sertões: experiências e idealizações no Seridó é um livro decorrente de um conjunto de ações realizadas pelo Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGHC-UFRN) com vistas a contribuir com a divulgação científica no semiárido, partindo das investigações desenvolvidas no âmbito do Curso de Mestrado em História dos Sertões. É resultado direto da primeira etapa das ações do projeto *Sertões em foco: História e Educação Científica*, aprovado originalmente no Edital 03/2020, da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN) - convocação de Programas de Pós-Graduação (PPGs) emergentes e em consolidação do Rio Grande do Norte a participarem do Plano de Desenvolvimento da Pós-Graduação da FAPERN. Após aprovado, passou a integrar o conjunto de projetos atrelados ao Edital nº 14/2021-FAPERN - apoio a programas de pós-graduação para o desenvolvimento científico do Rio Grande do Norte, com ênfase em educação científica, energias renováveis e Covid-19 e outros agravos à saúde, com recursos do Governo do Estado, compondo, desse modo, o Plano de Desenvolvimento da Pós-Graduação da FAPERN (2021-2025).

O projeto *Sertões em foco: História e Educação Científica* tem como premissa suprir carências, no que diz respeito às ações de divulgação do conhecimento científico realizadas pelo PPGHC-UFRN. O programa mobiliza uma área de concentração em torno do domínio temático da História dos Sertões. Reforçamos, desse modo, a especificidade e a inovação dessa área de concentração, vez que é a primeira, no Brasil, a dedicar-se, explicitamente, ao campo da História dos Sertões enquanto um domínio investigativo. A proposta do projeto, assim, converge para a área prioritária da Educação Científica, campo da ciência que têm se dedicado à tarefa de compartilhar informações relacionadas à produção do conhecimento científico junto a indivíduos que não são, tradicionalmente, considerados como parte da comunidade universitária, por exemplo.

